

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**DELFINA BENIGNA DA CUNHA:
Recuperação crítica, obra poética e fixação de texto**

Volume II

Suzete Maria Santin

Prof^a. Dr. Maria Eunice Moreira
Orientadora

Tese apresentada como requisito parcial para a
obtenção do grau de Doutor em Letras, na área
de concentração de Teoria da Literatura.

Data da defesa: 19 dezembro de 2011

Instituição depositária:
Biblioteca Central Irmão José Otão
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PORTO ALEGRE
2011

SUMÁRIO

Volume II

1	INTRODUÇÃO	8
2	O CAMINHO DA CRÍTICA	20
2.1	No Brasil.....	20
2.2	No Rio Grande do Sul.....	40
3	A POETA: ENTRE O ÁRCADISMO E O ROMANTISMO	71
3.1	A poeta árcade.....	71
3.2	A poeta romântica.....	92
4	A TEORIA: ENTRE HEGEL E RIFFATERRE	116
4.1	Hegel e a concepção lírica de poesia.....	118
4.2	Riffaterre e a concepção de estilo poético.....	125
5	A POESIA DE DELFINA: ENTRE O AMOR E A DOR	132
5.1	O amor.....	136
5.2	A dor.....	163
6	CONCLUSÃO	184
7	REFERÊNCIAS	199
	<i>Curriculum vitae</i>	208

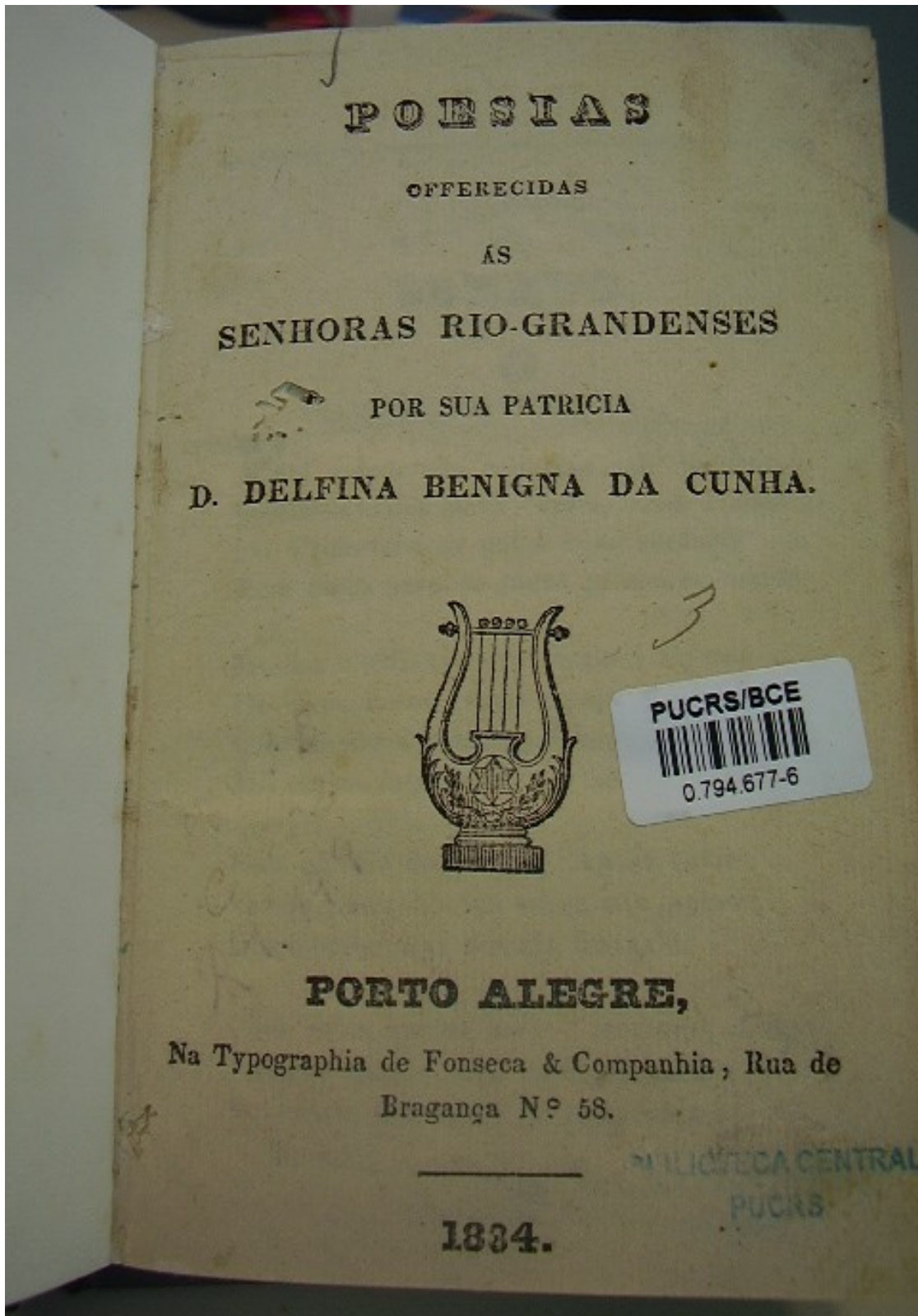
Volume II

8	ANEXOS	3
8.1	Os livros	3
8.1.1	Poesias Oferecidas às senhoras rio-grandenses.....	
8.1.2	Coleção de Várias poesias oferecidas à Imperatriz viúva.....	74
8.2	Tributo de Gratidão	145
8.3	Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo reestabelecimento da paz, e da liberdade na sua pátria.	147
8.4	Correspondência enviada por Delfina Benigna da Cunha ao jornal Diário do Rio Grande, publicada no dia 11 de maio de 1849	161
8.5	Manuscritos de Delfina Benigna da Cunha	166
8.5.1	Eu no universo sempre.....	166
8.5.2	Madrigal.....	168

8 ANEXOS

8.1 Os livros

8.1.1 Poesias oferecidas às senhoras rio-grandenses



SONETO

Em versos não cadentes, oh! leitores,
 Vereis os males meus, vereis meus danos:
 Da Primavera a gala e os verdores
 Nem foram para os meus primeiros anos.

Mesmo na infância experimentei rigores
 De meus fados cruéis sempre inumanos,
 Que só me destinaram dissabores
 Mil males revolvendo em seus Arcanos.

Sem auxílio da luz, que Apólo envia,
 Versos dignos de vos tecer não posso;
 Desculpai minha ousada fantasia.

Com estes cantos meus, mortais, adoço
 A mágoa que meu estro só resfria:
 Se mérito lhe dais, é todo vosso.

SONETO

Vinte vezes a lua prateada
 Inteiro rosto seu mostrado havia,
 Quando um terrível mal, que eu sofria,
 Me tornou para sempre desgraçada:

Da luz de Febo sendo então privada,
 Cresceu a par comigo a magia ímpia;
 Desde a infância a mortal melancolia
 Se viu em meu semblante debuxada.

Sensível coração deu-me a Natura,
 E a fortuna cruel sempre comigo,
 Me negou toda sorte de ventura:

Nem um prazer jamais consigo,
 E para terminar minha amargura,
 Me aguarda o triste, o sepulcral jazigo.

SONETO

Feito ao Ilmo Sr. Antonio José Affonso Guimarães

*Dádivas pias o pesar desterram,
E as almas nobres esta glória gostam.*

Que dirá, terno Aônio, em teu louvor
Minha voz a queixumes costumada?
Desejará ver hoje renovada
Minha antiga alegria, e meu ardor.

Para louvar em metro superior
As virtudes dessa Alma bem formada,
Que de prazeres mil sendo cercada,
Ouvidos soube dar ao meu clamor.

Teu coração, Aônio, é terno, é brando,
Provam tuas ações um ser Supremo:
Enquanto vil Canalha murmurando,

Monstro se torna do Tartáreo Averno,
Tu virtudes imensas praticando,
Enches teus dias de louvor eterno.

SONETO

Feito por ocasião dos anos da Ilma.
Senhora Dona Anna Raquel da Cunha

Neste dia ditoso amor exulta,
De Anália o doce nome repetindo,
E milhões de triunfos conseguindo
Quando a ele se opõe, aos pés sepulta.

Ufano diz: o Império meu se avulta,
E vou aos mais impérios destruindo,
Anália louva amor, e Apolo ouvindo
Esbraveja de inveja e a nós se oculta;

Somente por não ver sua beleza
Por Anália gentil toda eclipsada
Fingiu desamparar a redondeza.

Sobe aos céus, e de lá mesmo nos brada
Anália vence à humana gentileza
De brilhantes virtudes escoltada.

SONETO

Aos anos do senhor Antônio José de Araújo

Tu dos amores suspirado encanto,
 Aônio divinal; vate sublime,
 Escuta o louvor meu, que mal exprime
 Da sagrada amizade o fogo santo;

Teu dia natalício, Aônio, eu canto;
 Tão alto assunto me arrebate e anime:
 E o Délio coro, que jamais se exime
 De louvar-te, fará que eu possa tanto:

Suaves Musas afaí me plectro,
 Para que eu possa tão faustoso dia
 Dignamente cantar em doce metro.

Aônio, Apolo que meus passos guia,
 Me franqueia também o Délio cetro;
 Vê qual é teu poder; tua valia.

SONETO

Ao meu Senhor, despedindo-se a Autora
 do Rio de Janeiro para a sua Província

Adeus, Aônio, adeus, é pois forçoso
 Separar-me de ti, oh! que agonia!
 Eu encaro tremendo a ausência ímpia,
 Que ralar vai meu peito lastimoso.

Teu terno coração sempre extremoso;
 Sensível à amorosa simpatia,
 Quando meu coração pranto vertia,
 Também vertia pranto amarguroso:

Mas deste bem privar-me quer a sorte:
 Cumpra-se a dura lei do Fado imigo,
 Que a seu despeito espero a fera morte.

Tu, oh! Filha da ausência, sê comigo,
 Saudade insaciável, triste, e forte,
 Que eu só desejo agora estar contigo.

SONETO

Ao mesmo Senhor A.J. de Araújo

De imensos dons teu ser abrilhantado
 Por celeste poder ao mundo veio:
 Para glória de amor, de amor recreio,
 Aônio divinal, foste formado.

Na tua infância, com melífero agrado,
 Vênus te unia brandamente ao seio:
 Seu terno coração de prazer cheio,
 Se mostrava por ti todo abrasado.

Cresceste, Aônio, e as gentis Camênas
 Por darem aos teus dons maior valia,
 Das suas asas te doaram penas;

Cisne na voz, na doce melodia,
 Voas, ao Pindo, os males meus serenas
 Em honra, e glória de tão fausto dia.

SONETO

Por ocasião da morte da mãe da autora

Hórridas sombras, copioso pranto!
 Sede minha constante companhia:
 Perdi materno amor, oh! Mágoa ímpia.
 Que era dos dias meus suave encanto.

Envolta em triste, em lutuoso manto,
 Melpómene baixai a terra fria,
 Onde repousa a virtuosa Armia,
 E ajuda-me a soltar funéreo canto.

Quem era já não sou, mortal tristeza
 Enche meus dias de sombrio luto,
 Deserta sinto toda a Natureza.

Minha dor, minha mágoa só escuto
 E da magra saudade infausta presa,
 Meus ais, meu pranto à cara Mãe tributo.

SONETO

Ao mesmo assunto

Alma sensível, virtuosa e boa,
 Meus ais atende lá da clara altura,
 E se ainda sou tua criatura
 Do sumo Pólo em meu socorro voa.

Em meus ouvidos tua voz já soa,
 Como que sinto a singular doçura,
 De tua amante Maternal ternura,
 Um dos teus dotes por que o Céu te coroa!

Ensina-me a adoçar esta existência
 (Que sem ti se me torna mais amarga),
 Confiando na Sábia Providência:

Todo o afeto terrestre em mim apaga,
 E despindo-me assim da humana essência,
 Junto a ti, junto a um Deus, me acolhe e afaga.

SONETO

A Ilma. Senhora D. Delfina B. da Cunha

Estro sublime te doaram Numes,
 Do Olímpico fulgor todo abrasado,
 Vencendo as duras leis de injusto fado
 Tentas da glória os majestosos cumes.

Por ti mágoas de Amor, de Amor queixumes
 Tornam-se risos de almo ardor sagrado.
 E no plectro gentil, divinizado
 O dom compensas dos extintos lumes.

Rápidos versos deslizando em breve,
 Ricos tesouros te franqueia a mente,
 Que pela mão da Natureza obteve.

Tudo teu gênio superior ressentido,
 E na sorte feliz que honrar-te deve
 Dás glória à Pátria que te chora ausente.

Por J.A.C.

SONETO

Em resposta ao precedente pelos mesmos consoantes

Por ti, vate imortal, Núncio de Numes,
 Meu grato coração todo abrasado
 Em chamas pulcras, por honrar teu Fado,
 Do Parnaso, e do Pindo subo aos cumes.

Não ouvirás jamais de amor queixumes;
 Cantarei teu louvor, gênio sagrado,
 Absorta em teu som divinizado
 Da etérea corte já pressinto os lumes.

Decantado por mim serás em breve,
 Deixa que Apolo me ilumine a mente,
 Com o sacro fogo que de Jove obteve.

Divinos dons minha alma em ti ressentida,
 O mundo um semideus chamar-te deve,
 Pois não podes do Olimpo estar ausente.

SONETO

Vai retrato fiel viver unido
 Ao peito, a quem meu peito unir quisera,
 Vai, que meu coração somente espera
 Achar remédio no final gemido;

Rompe o laço, que amor tem urdido
 Não pode a humana força: ah! Se eu pudera!
 A causa se extinguiu, que em mim gera
 Um mal, que o meu valor tem abatido.

Dize, oh! copia fiel do meu semblante,
 Quando chegares de Filena ao peito:
 Que por ela suspiro a cada instante,

Que será por mim sempre satisfeito
 O protesto que fiz de ser constante,
 Sobre as aras de amor, por ela aceito.

SONETO

A S.M.I. o Sr. D. Pedro I

Quem te fala, Senhor, quem te saúda
 Não vê raiar de Febo a luz brilhante;
 Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
 Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assaz lhe ajuda
 De uma vida, que a morte é semelhante
 Não chegue a ser aflita mendicante
 Quem a um tal Protetor roga lhe acuda,

É por ti que eu espero ser contente,
 E suponho, Senhor, que não me iludo,
 De tua alma piedade está patente:

Que tenho em Pedro o Grande, um forte escudo,
 Creio, folgo, e afirmo afoitamente,
 Que és Pai, és Benfeitor, és Nume, és Tudo.

SONETO

Por gratidão ao mesmo Augusto Senhor

Oh! Inclito Imperante, eis-me prostrada
 A Teus Pés submissa, e respeitosa,
 Beijando a Divina Mão dadivosa,
 Que a vida me tornou menos pesada.

Tua alma de virtudes adornada
 Comigo se há mostrado tão piedosa,
 Que bem posso zombar da sorte irosa,
 Tendo minha esperança em Ti fundada.

Apenas o meu triste mal soubeste,
 Egrégio Imperador d'alta memória,
 Tornar-me venturosa, enfim, quiseste:

Tua fama, Senhor, é já notória,
 O Teu Nome Imortal fazer pudeste
 Dando nome ao Brasil, ao mundo glória.

SONETO

Ao mesmo Augusto Senhor, agradecendo outro benefício

Abrasada por Ti num fogo intenso,
Minha alma exulta, e de prazer, se inflama;
E o gozo que nas vozes se derrama
A todos conta Teu favor extenso:

A Ti da gratidão voa o incenso,
Por mim lançado na mais pura chama:
Esmalte do Brasil, honra da fama,
Maravilha do Céu, Nume imenso.

Se eu do Trácio Cantor tivera a lira
Cantara os feitos Teus em Délio verso;
Porém meu estro em vão a tanto aspira.

Foi vencido por Ti meu fado adverso,
Completa paz minha alma hoje respira,
E Tu, Senhor, sem par és no Universo.

SONETO

Ao mesmo Augusto Senhor

Que é isto coração? Quanta ventura
Desfruto neste dia aurifulgente?
Vejo o sábio Imperador afavelmente
Acolher teus suspiros de amargura:

Seu nobre coração, Sua alma pura
Me anima, me promete gloria ingente,
Qual era já não sou: quão de repente
Se mudou minha sorte infausta, e dura!

Benigno rosto para mim voltado,
O excelso, o Imortal Pedro Primeiro,
Me vai da vida as mágoas adoçando:

Tu és Monarca, o Gênio Brasileiro,
E aos mundo dois prudentes Leis ditando,
Assombro causas ao Universo inteiro.

SONETO

Ao mesmo Augusto Senhor

Coroas sem conto de virentes louros,
Que o tempo estragador murchar não possa,
Perpetuo Defensor da causa nossa,
Ornem Teu Busto em séculos vindouros:

Sem temer as falanges, nem pelouros
Prometestes expor a vida Vossa,
E o Vosso dedo onipotente esboça
Da nossa liberdade áureos tesouros.

O modelo dos Reis em Ti se observa,
Ó Grande, ó Imortal Pedro Primeiro,
Jove Te escuda, e ilustra-Te Minerva:

Tu cimentaste o solo Brasileiro;
Para Teu nome a gloria se reserva
D'encher de grande assombro o mundo inteiro.

SONETO

À infausta morte de S.M.a Imperatriz

Afoita pisa o Régio Pavimento
A morte austera cruelmente armada:
Ai de nós! Ela só vem conspirada
Contra quem de virtudes é portento:

Emprega o golpe teu, monstro cruento,
No vício rude, na traição malvada,
E deixa-nos gozar a prenda amada,
Que para nós baixou do Etéreo Assento.

Mas que digo! Ai de mim! o geral pranto
Me anuncia do mal toda a fereza,
Vejo sobre o universo opaco manto;

Suspira, e chora a madre natureza,
E a sábia Imperatriz do mundo Encanto,
Volveu ao Céu, deixando a redondeza

SONETO

Feito por ocasião da volta da Autora
ao Rio de Janeiro, à S.M.I

A Ti corro, Senhor, porque vivia
Saudosa por beijar-Te a Mão Augusta,
O temido Oceano não me assusta,
Nem me assusta d'Eólo a valentia:

Desprezo o seu furor com ousadia,
Porque longe de Ti, viver me custa;
Tua presença amável, e vetusta
Novo estro me dá, nova harmonia.

Vês, Senhor, como vêm de várias terras
Correndo a Ti, mil gentes sem ventura?
É por que alta virtude em Ti encerras.

Tua alma benfazeja, terna e pura
Evita torpes intestinas guerras,
E a glória dos Teus, torna segura.

SONETO

Por ocasião do Consórcio de S.M.I.

*A par de um coração, como o de Pedro,
Os diademas que são? Que vale o Mundo?*
Nova Castro.

Império vasto, rico, e florescente,
Incentivo não é de alta valia,
Perante uma Alma, generosa, e Pia,
Que de virtudes tem dom eminente,

Excelsa Amélia, e Encanto refulgente,
Que aos Teus formosos olhos alicia,
É dádiva do Céu, que o Céu Te envia.
Sublime, e Pura, de valor ingente;

Almos prazeres Te prepara a sorte,
O Facho do Himenêo se acende ao lume
Do mais ardente amor, do amor mais forte;

Tocaste, Amélia, da grandeza o cume,
O Herói, que o Céu Te deu para Consorte,
É mais que Imperador, é Pai, é Nume.

SONETO

A S.M.F. a Senhora D.Maria II.,
por ocasião de sua primeira ida para a Europa

Para sempre, ai de nós! Rainha Augusta,
Deixa os pátrios lares tão queridos,
E a glória que vais dar a Povos findos,
Aos fidos brasileiros quanto custa!

Do mar, do vento a ira nos assusta,
Mas já por ti não somos atendidos
Soam daqui, dali, tristes gemidos,
Nossa dor, e saudade ah! Como é justa!

O pátrio rio que vaidoso ondeava
Ufano com teus dons, queixoso agora,
A margem triste com seu pranto lava;

Do excelso Pai o rosto se descora,
E o Brasil que contente te encarava,
Triste, e saudoso, te suspira e chora.

SONETO

Ao Natalício de S.M.I. o Sr.D.Pedro I.

Teus feitos, ó Grã Rei de eterna fama
Te erguem Padrões e Estátuas permanentes,
Canta Tuas ações altipotentes
A vós que pelo mundo se derrama.

A bem dos Teus, o teu valor se inflama,
E os torna, Senhor, independentes,
E o Brasil dando luzes refulgentes,
Por seu Imperador, eis que te aclama.

Oh! Pedro invicto, Tua glória é vasta.
Não a deslumbra o tempo, nem a altera;
Estátuas, e Padrões o tempo gasta.

Curvo porvir o nome Teu venera,
E para encher de glória ao mundo basta
Que este dia Imortal brilhe na esfera.

SONETO

A S.M.I. o Senhor D.Pedro II,
quando Príncipe Herdeiro

Preclaríssimo herói, de Heróis nascido,
Astro luzente, que o Brasil vigora,
Oh! Príncipe Imortal, Tu és a Aurora
De um ridente futuro esclarecido;

Em cada coração já tens erguido
Um firme Trono, que em amor se escora;
À sombra Paternal recebe agora
Puros cultos de um Povo agradecido.

Pedro invicto o melhor dos Soberanos
Deu-Te o Ser, e do Trono És o herdeiro,
A Teu mando Terás povos ufanos,

Verás prostrada a Ursa ante o cruzeiro,
E enquanto se não volvem longos anos,
Em paz prospera, oh! Astro Brasileiro.

SONETO

Aos anos do Senhor Manoel Marques de Souza.

Das vítreas lapas os Delfins saindo
Brincam, Elmano, nos cerúleos mares;
Sonoros hinos pelos mansos ares
Vão os meigos amores repetindo.

As nove Deusas do Parnaso, e Pindo,
Prestes buscando réus ditosos lares,
Estão ao som de versos singulares
Virentes coroas para ti urdindo.

Numes, e Deusas teu natal louvando,
Por mando d'esse, que no Céu habita,
Vão mil prazeres sobre nós mandando.

Jove a prol dos mortais te felicita,
E contigo mil graças dispensando,
No resto dos mortais inveja excita.

SONETO

Ao mesmo Senhor

Abrasada por ti na Délia chama
 Minha musa em teus dotes se extasia;
 E Apolo emprestando-lhe harmonia
 No justo louvor teu todo se inflama.

Nas cem canoras tubas, alta fama
 Entre aplausos teu nome pronuncia;
 Vê, Elmano gentil, neste almo dia,
 Que fulgor pelo mundo se derrama.

Em teu favor Minerva, Amor, e Marte,
 Promovendo teu bem, tua ventura,
 Te apregoam sem par por toda parte.

Sensível coração deu-te a natura,
 E honrando a natureza, o Céu quis dar-te
 Alma nobre e completa formosura.

SONETO

Ao Senhor Apolinário José Gomes.

Adeus Pireno, a minha sorte ordena
 A ausência, que sofrer vou corajosa;
 A doce paz de amor tranquilo goza
 Ao lado de Francisca terna, e amena:

Seu puro amor os dias teus serena,
 Que a vida sem amor é tormentosa;
 Tua sorte, ah! Pireno, é venturosa;
 O Céu, amores tais jamais condena.

Sei que devo deixar-te, mas não posso
 Esquecer nosso amor, nossa amizade,
 Que tão grato tem feito o trato nosso:

Vou enfim, entre as garras da saudade,
 Passar os dias meus; meu mal adoço
 Com a tua conjugal felicidade.

SONETO

Ao dia 7 de Setembro

MOTE

O dia que faz honra à nossa História.

Por mais de séculos três, Brasil querido,
 Possuístes mortal sono ignavo;
 Como Lísia infeliz, tu foste escravo,
 E dos mesmos senhores possuído.

Mas um raio de luz do Céu descido
 Te desperta, e te faz punir o agravo,
 Mostrando ser qual és, gigante bravo,
 Juras, protestas não ficar vencido:

Triunfante oh Brasil! Desse pesado
 Jugo, de quem lamento inda a memória,
 Oh! Sete de setembro afortunado!

Com hinos de prazer, com alta glória
 Verás oh! Pátria! Sempre decantado
O Dia que faz honra à nossa História. .

SONETO

Ao mesmo

Foi marcada por mão de um Deus imenso,
 Oh! Pomposo Brasil! A tua sorte;
 Grita Ipiranga, *Independência ou morte!*
 E este grito soou no espaço extenso.

Raivoso treme o despotismo infenso;
 Porém só lhe obedece Ursa do Norte,
 Que o Povo do Cruzeiro num transporte
 Por ser livre se abrasa em fogo intenso.

Arvora-se o Pendão da liberdade;
 Firma-se então a brasileira glória,
 Sistemada por mão da Divindade:

Já não é nossa dita transitória;
 Terá lugar na imensa eternidade
O dia que faz honra à nossa História.

SONETO

Por ocasião da entrada do Exército Libertador
na Cidade do Porto.

Raiou enfim o venturoso dia
Por quem opressa Lísia suspirava!
E o tirano, que os pulsos lhe algemava,
Baqueia ao nome da Imortal Maria.

Magnânimo Herói com ousadia
Avança as Praias, que o grã Douro lava,
E a mãe, que outrora o cetro sustentava,
A bem da Pátria a espada dirigia.

Exulta de prazer Nação briosa,
Já tens Constituição, tens Liberdade,
E a excelsa Rainha virtuosa:

A promessa de um Deus falhar não há de;
Tu serás, oh! Nação, sempre ditosa,
Enquanto houver mundo, e eternidade.

SONETO

A S.M.I. o Senhor Duque de Bragança

Tu és o Pai da Pátria, oh! Pedro invicto!
Que o Povo salvas da opressão, da morte:
Tu que a luz da razão só tens por Norte,
És mais em Lísia do que em Roma Tito!

Penetra o peito meu da Fama o grito,
Que o teu nome repete com transporte,
Mostrando quanto és justo, sábio, e forte;
Diz de Ti, o que d'outrem não há dito.

Oh! Pedro Egrégio! Oh imortal guerreiro!
Teu ânimo e valor excedem a tudo
Quanto há de grande pelo mundo inteiro!

Quem Te iguale não há, eu não me iludo:
Oh! Príncipe sem par! Herói primeiro!
Cá do meu Pátrio solo, eu Te saúdo.

SONETO

Por ocasião da retirada do Senhor Manoel Antônio Galvão,
Presidente desta Província, para a Corte

*Dentre os dias de ferro estrais os d'ouro,
E na glória dos teus viceja a tua.*

D.G.F.C. Coutinho.

Magnânimo Herói, Galvão preclaro,
Que exemplos mil nos dá de sã prudência,
Bem demonstras, que a sábia Providência
Teu ser enriqueceu dum gênio raro:

Prestando ao infeliz seguro amparo,
Jamais negaste às leis obediência;
Vejo em ti singular beneficência,
Quando o teu proceder sisuda encaro:

Tua ausência, Senhor, quanto nos custa!
Fizeste deste Povo a glória, a dita,
Ao doce abrigo teu nada o assusta;

Teu saber nossos danos pronto evita;
Nossa dor, e saudade, ah! como é justa!
Tu salvaste do abismo a Pátria aflita.

SONETO

Quem como tu, Elmano, agradar pode
Ao terno sentir meu tão delicado;
Réu trato melindroso, o teu agrado
Faz com que tudo hoje me incomode:

Se teu gênio sensível não me acode,
Em tão penoso, e miserado estado,
Meu débil ser verás aniquilado
Por esse mal, que a sorte quer que rode.

Do mundo o resto me magoa, e cansa,
Só tu me dás prazer, gentil Elmano,
Fazendo renascer minha esperança.

Mas ai de mim! se acaso por meu dano
Em teu sensível peito houve mudança,
Extingue com a vida o mal tirano.

SONETO

Inquires por quem gemo, acaso ignoras,
 Que por ti suspirei, que ainda suspiro?
 E por mais que pesquise só infiro,
 Que ris de uma infeliz, que a não deploras!

Zombas cruel da triste, que penhoras
 Com agrado fingido: ah! que profiro!
 Ludíbrio sou de Elmano, e não espiro!
 Por que, oh! Parca, o golpe teu demoras?

Vem findar meu tormento, acerbo e duro,
 A vida que prezei me aflige, e cansa;
 Sê, oh morte, propicia ao meu conjuro.

Não exijo ao meu mal crua vingança;
 Elmano, sê feliz, vive seguro
 Na posse do teu bem, doce aliança

EPISTOLA

A Ilma Senhora D. Lucinda Benigna da Cunha

Oh! Dia ao Amor, às graças consagrado,
 Eu te saúdo, cheia de alegria,
 Por ti dia feliz, dia ditoso
 Os anos de Lucinda se assinalam:
 Se o débil estro meu pudesse tanto,
 Em mais cadentes versos te louvara;
 Porém a arte de todo me falece,
 Somente me auxilia a natureza,
 Que para empresas altas nada vale,
 Quando a esta lhe falta honesto estudo.
 Sempre nos olhos meus borbulha o pranto,
 Minhas vozes a queixas acostumadas
 Não podem entoar sonoros hinos:
 Mas hoje cessa o pranto, as queixas cessam.
 Oh! Prodígio sem par! Doce amizade!
 Tu podes quanto queres na minh'alma;
 Só tu podes fazer-me venturosa,
 Só de ti meu sossego está pendente.
 Lucinda, doce encanto dos Pastores,
 Para glória do mundo tu nasceste,
 De celestes virtudes adornada;
 Semidivina na beleza, e n'alma,
 Não conheces igual na redondeza;

Eu nada mais desejo, a nada aspiro
 Senão eternizar os teus louvores;
 Minha glória consiste em que os vindouros
 Conheçam que és sem par entre os humanos
 Oxalá que eu pudesse eternizar-te;
 Porém o meus versos não, não podem tanto;
 Supra o desejo o que no metro falta.

EPISTOLA

Em reposta à outra que lhe dirigiu a Ilma Senhora
 D. Maria Josefa Barreto Pereira Pinto

Oh! Safo Brasileira, eu libo o Nectar
 Nos versos teus, que me enviaste!
 Há muito o Nome teu prezar sabia,
 Mas hoje ouço teus sons, que me arrebatam,
 E submissa te adoro, e te saúdo.
 Diva no canto, coração, e Mente,
 A Mente, e coração, que me eternizam
 Que a sincera ablação votada aos Nume
 Me permitem, me dão de mui bom grado,
 Oh! Musa Brasileira! Eu te bendigo,
 E, abrasada por ti em chamas pulcras,
 Da sacra gratidão ressinto o preço,
 E o prazer fraternal que ora desfruto
 Com estas chamas mais, e mais recresce
 O bem de ouvir-te, Armia, irmana, iguala
 À ventura de ver o irmão querido
 Nos braços da Consorte desfrutando
 O celeste prazer, que vale a vida:
 Os teus versos a glória me acrescentam
 E me julgo por ti levada ao Pindo;
 Entre mil vivas o teu nome escuto
 E o Délio Deus te dá de Vate o nome
 E as Musas ao depois te ofertam Rosas.
 Brilha entre as flores, que alcançar soubeste
 Egrégia Vate, de sublime Glória,
 E aceita os cultos meus, puros, manados
 Da Santa gratidão, que me avassala.

CANÇÃO

Feita aos anos da Ilma. Senhora D. Mariana Amália

O Dia mais faustoso, e mais plausível
 Louvar pretendo não em metro rude,
 Deixar pois de louvar não é possível
 Da mais linda pastora a sã virtude.
 Ah! Márcia bela,
 Por ti somente esta alma se desvela.

Pois as tuas virtudes podem tanto,
 Que és de todas as gentes doce encanto,
 Ah! Linda Márcia, dia tão faustoso
 Dá ao mundo um motivo glorioso.

Porque Cupido em seu louvor prepara
 Novos gostos ao mundo a quem declara,
 Que a desejada paz dar determina,
 Por isso deixa a esfera cristalina;

E sobre a terra néctar espalhando,
 Vai gostos com venturas misturando,
 Sem amor certamente a natureza
 Não tinha tantos dons, tanta beleza.

Ah! Márcia, os justos céus te modularam,
 E de suas virtudes te adornaram,
 Dando-te um coração, uma alma pura,
 Nos teus gestos o Olimpo se afigura.

Para cantar-te de Camões invejo
 O profundo saber, o estro egrégio;
 Mas se a sorte este bem negar-me quis
 E fez-me, como sabes infeliz;

Ao menos cantarei em brando Plectro
 Os teus louvores em mais culto metro,
 Do que até aqui tenho cantado,
 Porque amor, Márcia, a mais tem-me obrigado.

As santas Aras da amizade beijo,
 Jurando cumprir sempre o teu desejo,
 Inteiro te darei meu coração
 Inflamado de Amor, e gratidão.

Tão sincera ablação fazer-te quero,
 Para provar-te meu amor sincero,
 Neste dia em que Vênus inflamada
 Vem de brancas capelas coroada.

Das filhas de Nereu em companhia
 Para louvar-te cheias de alegria,
 Leves danças alegres vêm formando
 E cítaras sonoras vêm tocando.

Até as Deusas do úmido elemento
 Deixam em teu louvor o salso argento,
 E sobre a terra, como Divindades,
 Se veem as marítimas Deidades.

Vem do lúcido Olimpo estrelado
 Das nove irmãs Apolo acompanhado
 Os cem clarins da fama Apolo emboca
 E somente de Márcia o nome invoca.

Louvam os Deuses d'esfera luminosa
 O dia em que nasceu Márcia formosa.
 Canção refere ao mundo
 Dia festival ledó e jucundo.

OITAVAS

Feitas por ocasião em que fez um ano D. Maria
 Balbina da Cunha, sobrinha da autora

MOTE

*Brilha, prospera, oh! filha muito amada,
 Que d'alto céu roubaste um dom divino
 Para ser sumamente afortunada.*

GLOSA

Marília bela que entre os doces braços
 Da carinhosa mãe vives contente,
 Já começa a dar trêmulos passos,
 Tão linda, como amável, e inocente;
 Praza ao céus que não sintas ameaças
 Do rigoroso fado onipotente,
 E de prazeres mil assaz cercada
Brilha, prospera, oh filha muito amada.

As graças infantis, que estão brilhando
 Com mui raras belezas de mistura,
 Nos estão mudamente insinuando
 Que em ti existe uma alma terna, e pura.
 Ela no rosto teu se está pintando
 Com toda sua natural brandura:
 Tu és em tudo rara, e eu imagino
Que do alto Céu roubaste um dom divino.

Com mil prazeres teu natal faustoso
 Se celebra entre nós neste áureo dia;
 Bendigamos o justo Céu piedoso,
 Que assim nos concedeu tanta alegria.
 Meu terno coração esperançoso
 Mil constantes venturosas te anuncia,
 Pois me parece que fostes criada
Para ser sumamente afortunada.

OITAVAS

Feitas por ocasião dos felizes anos de da Ilma Senhora
 D. Dulcina Benigna da Cunha

Eia! Calíope agora pois me inspira
 Os hinos de louvor que cantar devo,
 Torna branda, e sonora a minha lira,
 Que assim rouca a pulsá-la não me atrevo:
 O assunto é grave, e o mundo o admira,
 Em minha mente nua eu o descrevo;
 Ensina-me a cantá-lo, vem oh! Musa,
 Vem, pois, que a rogos tais ninguém se escusa.

O dia festival, ledó, e jucundo,
 Louvar aspiro, cumpra-se o desejo.
 Quantas graças encerra em si o mundo
 Em Lucinda gentil unidas vejo:
 Oh! De graças prodígio sem segundo,
 Presta-me o influxo teu, e de sobejo,
 Brilho terá meu estro enfraquecido
 Que por desgraças mil é combatido.

Oh! Prodígios sem par de formosura,
 De saber, e virtudes adornada,
 Em formar a tua alma o Céu se apura,
 E estou de contemplar-te extasiada.
 Não quero possuir outra ventura
 Para ser sumamente afortunada
 Senão por ti sempre distinguida,
 E serei das desgraças redimida.

Plausível dia, dia protegido
 Pelo Céu, que venturas nos prepara;
 Tu bem mereces ser o excluído
 Por dar ao mundo uma beleza rara:
 Serás pelos humanos aplaudido,
 Pois o mesmo Céu justo vos ampara.
 Nasceste na estação das belas flores,
 Das graças, da beleza, e dos amores.

À mesma Senhora

Lucinda, quatro lustros mais brilhantes
 Te mostram ao Universo mais formosa,
 Crê-me que nos angélicos semblantes
 Não se mostra a virtude duvidosa
 Virtude cauta a todos os instantes,
 Recresce na tua alma assaz ditosa,
 Igual nas perfeições da natureza
 És um raro portento de beleza.

OITAVA

MOTE

Da linda Anália o natal jucundo.

GLOSA

Estro sublime tomai hoje o plectro,
 Cantai da bela Anália as sãs virtudes,
 Enquanto eu vou louvá-la em simples metro,
 Ao que responderão as flautas rudes,
 „Nume, que do alto mar regeis o cetro
 „A louvá-la também quero me ajudes;
 „Porque quero festeje todo o mundo
 „ *Da linda Anália o natal jucundo.*

QUADRA

*Oh! Morte por que não vens
 Findar meus dias fatais?
 Ausente vivo penando,
 Morrendo não peno mais.*

GLOSA

De que me serve a existência,
 Vivendo em contínuo pranto,
 Sem gozar o doce encanto
 De um puro amor por essência:
 Se encontro a morte na ausência,
 Tu, vida, não me convéns,
 Amor, se só te entreténs
 Em me fazer desditosa,
 Findar-me a vida penosa
Oh, morte por que não vens?

Vibra a foice assacalada,
 Descarrega o golpe fero,
 Neste peito, que não quero
 Viver assim desgraçada:
 A minha alma apaixonada
 Se nutre de pranto, e ais,
 Não consintas que eu jamais
 Da vida as prisões suporte,
 Vem depressa, vem, oh! morte,
Findar meus dias fatais.

Se o meu amor excessivo
 De dia em dia recresce;
 Se a ausência o não desvanece;
 Se com ele em pranto vivo,
 Sem encontrar lenitivo
 Suspiros aos Céus mandando,
 Sempre, e não de quando em quando,
 Eu maldigo o meu estado,
 Pois por lei do injusto fado
Ausente vivo penando.

Oh! morte, monstro cruento,
 Seva em mim tua carnagem,
 E do Letes, na passagem
 Eu esqueça meu tormento.
 Suspiros de cento a cento
 Que de meu peito voais
 Ide ao melhor dos mortais,
 Dizei-lhe o que ele não crê
 Que intento morrer, porque
Morrendo não peno mais

QUADRA

*Sobre mim tirana morte
 Descarrega o golpe teu
 Não é justo que mais pene
 Um infeliz como eu.*

GLOSA

Incerto vagava um dia
 Por um bosque escuro, e feio,
 Eis que me sinto no seio
 De gruta erma, e sombria:
 Ouço uma voz que dizia
 Comigo termina a sorte,
 Mas sobre que peito forte
 O meu golpe empregarei?
 Intrépido eu lhe bradei:
Sobre mim, tirana morte

Clama ela: oh! Céus! Que escuto!
 É homem quem me não teme?
 Eu lhe torno: e sim quem geme,
 Sou eu que com males luto;
 Pagar o comum tributo
 É só o desejo meu:
 Da ingrata que me ofendeu
 Esquecer procuro ofensa;
 Neste peito sem detença
Descarrega o golpe teu.

Sempre de penas cercado
 Te gora tenho vivido,
 E tem amor fermentado
 Meus dias envenenado:
 Assim passo amargurado
 Suspirando por Pirene,
 Por mais que brade, e que assene
 Nega-me sempre atenção:
 Oh! Morte, o meu coração
 Não é justo que mais pene.

Extingue a paixão co'a vida,
 Triunfa do Deus de amor,
 Do teu cálice o amargor
 De certo não m'intimida:
 Nisto a morte endurecida
 De compaixão sinal deu,
 Do seu rigor se esqueceu,
 Por cumprir-se a lei da sorte;
 Por que em vão implora a morte
Um infeliz como eu.

QUADRA

*Os momentos que nos restam,
Linda Márcia, aproveitemos;
Momentos tão venturosos
Sabe o Céu quando teremos.*

GLOSA

Tu não vês como emurchece
A rosa que há pouco abriu?
Não sentes como suspira
Rola que ao bosque entristece?
Que tudo, oh, Márcia, fenece
Flores, prados manifestam;
Em quanto se não funestam
Os meus dias, e os teus
Passarás nos braços meus
Os momentos que nos restam

Não te esquives, doce amada,
Ao meu amor excessivo:
Vê por ti um fogo ativo
Minha alma pura abrasada!
Se foges, prenda adorada,
Desgraçados viveremos:
Estes momentos que temos
De liberdade, e de amor,
Dá-nos o Céu por favor,
Linda Márcia aproveitemos.

Não te deixes sucumbir
Ao temor que as almas gela;
Atende só, Márcia bela,
Ao que amor nos faz sentir:
Vamos ternamente unir
Nossos peitos amorosos,
Sejamos ambos ditosos
D'amor vivas provas dando
Felizmente em paz gozando
Momentos tão venturosos.

Não te demores, querida,
Completa minha ventura;
No regaço da ternura
É doce passar a vida.
Ah! Márcia, não te intimida
Esse fado a quem tememos?
Ai de nós! Que não sabemos,
O que ele nos destina!
Dias tais, Márcia divina,
Sabe o Céu quando teremos.

QUADRA

*Subi com minha amada
Te onde ninguém nos viu;
As nuvens disseram, basta,
Que até aqui ninguém subiu.*

GLOSA

Ao templo de amor um dia
Eu guiei Armânia bela,
Guardando em mim com cautela
O que lá dizer queria:
Longe do templo se ouvia
Essa gente apaixonada;
Porque amor franqueia entrada
A todos sem distinção.
E dela no turbilhão
Subi com a minha amada

É este Edifício Augusto
De desmedida grandeza,
Tem o busto da tristeza,
E tem do prazer o busto;
Aqui a imagem do susto
Também altar se erigiu:
Longe amor nos conduziu
Desta imagem temerosa,
Fui com Armânia ditosa
Te onde ninguém nos viu.

Vimos o trono do Amor
De argento, e de ouro esmaltado,
E de nuvens circulado
Que lhe aumentava o fulgor;
Seu aspecto encantador
Representa a esfera vasta:
Bem qual Rola Armânia casta
Ousada os degraus pisava,
E quando às nuvens chegava
As nuvens disseram, basta.

Torna Armânia para o mundo,
Onde habita o teu amante;
Reflete que neste instante
Sem ti está moribundo.
Este assento assaz jucundo
Aos mortais se proibido:
Se amor não te consentiu,
Ah! teme ser descoberta;
Volta, Armânia, e fica certa
Que até aqui ninguém subiu.

QUADRA

*Gosto de amar, vou amando,
Confesso minha fraqueza;
O crime não é só meu,
É também da natureza.*

GLOSA

Muito embora contra amor
Clamem mortais desvairados;
Esses entes desgraçados
Vivem sempre em dissabor.
Uma flor, e outra flor
Num vergel ameno, e brando
Docemente propagando
Nos dão lições amorosas;
Bem como as flores ditosas
Gosto de amar, vou voando.

Se a minha amada suspira
Por se ver de mim a par,
Contente vou respirar
O ar que ela respira
Mas se enfadada delira
Do meu amor na incerteza,
Sinto em mim mortal tristeza,
Que não posso disfarçar,
Chego de mágoa a chorar,
Confesso minha fraqueza.

Quando em laços preciosos
Amor aos humanos liga,
Com doçura lhes mitiga
Da vida os males ruinosos
Mil instantes deleitosos
Já amor me concedeu,
Vi, oh! Bela, o rosto teu,
Senti de amor abrasar-me;
Se como réu vão julgar-me,
O crime não é só meu.

Ei não fiz mais que seguir
Da natureza o ditame,
E se um Deus não quer que eu ame,
De amar me pode eximir:
Eu sei que o dom de sentir
Provém de sua grandeza;
Mas se do mundo a fereza
De amar um crime tem feito,
Não é só meu o defeito,
É também da natureza.

QUADRA

*No regaço da amizade
Onde amor seu berço tem,
As vezes morre a esperança
Sem q'amor morra também.*

GLOSA

Se no mundo existe um bem
Que seja de grã valia,
É de amor a simpatia
Que os mortais ligado têm:
De seu encanto provém
O poder que persuade;
E se sincera vontade
Nós lhe vamos entregar,
Ele nos faz descansar
No regaço da amizade.

Eu vejo mortais errados
Praguejando a Deus de amor,
Acusando-o de traidor,
Maldizendo injustos fados;
Protestando alucinados
Tratar amor com desdém:
A estes jamais convém
O sentir a chama pura,
No regaço da ternura
Onde amor seu berço tem.

Longe do caro objeto
Das nossas inclinações;
Nossos ternos corações
Nutrem de amor o afeto:
Suspirando o peito inquieto,
Da sorte espera mudança;
Mas, oh! Funesta lembrança
Do tormento mais ferino!
Por força dl ímpio destino
Às vezes morre a esperança.

Quando amor se gera, e cresce
Num coração extremoso,
Em vão o fado impiedoso
Contra ele se enfurece;
Esta chama mais recresce
Se apagá-la busca alguém;
Pode fenecer o bem
Que nasce da simpatia,
Morre a nossa alegria,
Sem q'amor morra também.

QUADRA,

*Na fragrância deleitosa
Q'une uma flor, à outra flor
Os consortes reconhecem
Da simpatia o calor.*

GLOSA.

Sente o reino vegetal
De amor a doce influência,
Por que de sua existência
É a causa principal:
Ante o amor tudo é igual,
Em união amorosa
Cresce o jasmim, cresce a rosa,
Em zéfiros transformados
Voa amor de prado em prados
Na fragrância deleitosa.

Como é rica a natureza!
Quantos prodígios encerra!
Em toda a extensão da terra
Brilha do Céu a beleza.
Por lei da imensa grandeza
Do supremo arquiteto,
Quem é, pois senão amor
Que desenvolve a harmonia,
Que uma planta, e outra cria,
Q'une uma flor, à outra flor?

Meigo amor, porção da vida,
E do universo prazer,
Sem ti não podia ser
A natura enriquecida
Quando as campinas florescem
Busca a consorte, ambos tecem
O seu ninho melindroso,
E o tálamo venturoso
Os consortes reconhecem.

S'em tão perfeita união
Vivem as plantas, e aves,
Por que razão tão suaves
Os nossos laços não são?
Há de a humana geração
Viver cercada de horror?
No homens é crime amor,
Neles seu brilho se ofusca,
E extinguir cada qual busca
Da simpatia o calor.

QUADRA

*Breve espaço a flor mimosa
 Conserva o lindo matiz;
 Assim foi minha ventura,
 Pouco tempo fui feliz.*

GLOSA

Por lei que jamais varia
 Nada existe sempre igual,
 Vem depois do bem o mal,
 Depois do gosto agonia:
 Quando a natureza cria
 Tenra planta melindrosa
 Apenas se faz viçosa
 Virgíneo botão rebenta;
 Porém de bela se ostenta
Breve espaço a flor mimosa.

Quanto mais linda é a flor
 Tanto menos tempo dura,
 Cada qual gozar procura
 O seu brilho encantador:
 Mau inseto voador
 A corta pela raiz,
 A uma ninfa, e outra quis
 A vão levantar do chão
 Mas a flor já murcha, não
Conserva o lindo matiz.

Ah! débil flor, que também
 Te coube sorte mesquinha!
 Assim foi a sorte minha,
 Assim foi todo o meu bem.
 Lamento como ninguém
 Tua morte prematura;
 Se bem que a sábia natura
 Mais vida te concedesse
 Tua duração fenece,
Assim foi minha ventura.

Eu me julgava ditosa
 Vivendo de Elmano ao lado,
 Eu gozava o seu agrado
 Do futuro não cuidosa
 Mas a minha sorte irosa
 De tal bem privar-me quis,
 E o desengano me diz,
 Que eu não sou por ele amada.
 Ai de mim! sou desgraçada!
Pouco tempo fui feliz.

QUADRA

*O meu bem na despedida
Nem um só ai pode dar;
Apertou-me a mão no peito,
E depois pôs-se a chorar.*

GLOSA

Quem pode com rosto enxuto
Deixar um bem adorado?
Quem se pode haver negado
Pagar a amor o tributo?
Quisera em mármore bruto
Ver tornada Anália fida,
Por não vê-la enternecida;
Cruéis mágoas suportando,
E com a morte lutando
O meu bem na despedida.

“Pálidas faces de rosa,
Desmaiada boca linda,
A custo respira ainda,
Mas não se mostra queixosa!
Eu exclamo: “a sorte irosa
Nos vai meu bem separar!
Mas eu não posso falar,
A fé que jurei de amante!”
Quis falar-me, e neste instante
Nem um só ai pode dar.

Volvendo os olhos magoados
Os pôs em mim com ternura;
Pois a força da amargura
Os tinha te lhe cerrados!
Eu vi então que animados
Eram de amor por efeito;
Vi que o meu voto era aceito;
Que a bela neste momento
Em sinal de juramento
Apertou-me a mão no peito.

Transportado, entre meus braços
Eu aperto a minha amada;
Juro sobre a mão nevada
Não quebrar de amor os laços!
Entre os meus ternos abraços
Pode o meu bem suspirar;
E apenas pôde falar,
Estas palavras soltou:
“Só quero sejam qual sou;”
E depois pôs-se a chorar.

QUADRA

*Amo, sem mais fim que amar,
É nobre minha paixão
Sigo a lei da natureza,
Ouço a voz do coração.*

GLOSA

Eu não peço recompensa
Deste amor em que me inflamo;
Contra a sorte eu não declamo,
Nem contra tua indiferença,
Abrasada em chama intensa,
Esta não busco apagar:
Por um modo singular
A voz da razão escuto;
A amor pagando tributo
Amo, sem mais fim que amar.

Vê tirano, que este amor
Nada tem que seja impuro,
Porque é perfeito apuro
De uma causa superior:
És do meu peito senhor
Por força da inclinação.
Resistir não posso não
A este impulso violento;
Porém como nada intento
É nobre minha paixão.

Sabes que amar é dever,
Fomos para amar formados,
Felizes, ou desgraçados
Todos amor devem ter:
Não posso isenta viver
De um poder de tal grandeza;
se os encantos da beleza
Me não tornam agradável,
Sempre amante, sempre estável
Sigo a lei da natureza.

Não temo ser increpada,
Minha paixão é sincera;
Do capricho a voz austera
Será por mim respeitada;
Embora não seja amada,
Beijo contente o grilhão,
Assim me ordena a razão,
Que amar-te me persuade,
Se escuto a voz da verdade,
Ouço a voz do coração.

QUADRA

*Os céus te darão por sina
De Staél a propensão,
Tens o nome de Delfina,
E de Deus o coração.*

GLOSA

Elmano, zomba do fado,
Que te não pode ofender,
Tu jamais poderás ser
Por seu rigor maltratado;
O teu ser foi animado
De uma alma toda divina,
Que teu semblante examina
Conhece em sua beleza
Que os dons de maior nobreza
Os Céus te darão por sina.

Cem vezes eu tomo a lira
Para teu nome cantar;
Porém tristeza, e pesar
O meu canto só respira.
Minh'alma anhela, e suspira
Voar de Apolo a mansão,
Mas meu esforço é em vão,
Eu sinto que o Céu sagrado,
Elmano, me tem negado
De Stáel a propensão.

Tu com quem Jové reparte
O poder de eternizar;
Tu em que se vê brilhar
Natureza, engenho, e arte,
Receia pois de enganar-te,
A gratidão te alucina:
Conheço que não sou digna
De um elogio tão puro,
Não digas (eu te conjuro)
Tens o nome de Delfina.

Se me dás tão alto apreço,
De teu peito é nascido,
Quisera o ter merecido,
Mas sei que não o mereço
Elmano em ti reconheço
A mais alta perfeição,
Teu ser é emanação
De uma divindade pura,
Se do homem tens a figura,
Tens de Deus o coração.

QUADRA.

*Até onde as nuvens giram,
Vão meus suspiros parar;
E tu tão perto de mim
Não me ouves suspirar.*

GLOSA

Ao templo do desengano,
Pelo destino guiada,
Fui ver quanto desgraçada
Me fez o fado tirano:
Disse amor em tom soberano
“Teus males me compungiram,”
E se iguais nunca se viram,
Talvez aos Céus perturbassem,
Se os teus suspiros chegassem
Até onde as nuvens giram.

Ao menos por compaixão,
(Lhe tornei) oh! Deus de amor,
Suaviza a minha dor,
Minora a minha aflição:
Tu tens outro coração
A quem deves conquistar;
Vai teu poder empregar
Em tê-lo sempre sujeito;
Em quanto a tão férreo peito
Vão meus suspiros parar.

Mas que podem fazer ais
Onde setas não puderam?
Jamais suspiros fizeram
Abrandar corações tais:
Vós desgraçados mortais,
Que amais um peito assim,
Temei o funesto fim
Do vosso amor e ternura:
Não te posso achar, ventura,
E tu tão perto de mim?

Ah! tirano fementido
Motor da minha desgraça
Dize: há poder que desfaça
Males que me tens urdido?
Estais a meu fado unido
Para tormentos me dar,
Não tenho mais que esperar,
Contra mim te tens disposto;
Enfim por teu mesmo gosto
Não me ouves suspira.

QUADRA.

*Vejo o raio, ouço o trovão,
Nunca tanto me assustei;
Como me assusta a lembrança
Que nunca mais te verei.*

GLOSA

Eólo as fúrias desata
Do mar as fúrias erguendo,
Vai montanhas desfazendo
Derrubando escura mata:
Já o mocho não se acata
Na medonha escuridão,
Nada está seguro não,
Tudo teme a dura sorte,
E em me assustar a morte
Vejo o raio, ouço o trovão.

Males, e tormentos chovem
Sobre os mortais malfadados,
Ai de mim! meus cruéis fados
Só os meus males promovem
Fazer-me infeliz resolvem,
Oh, tirana injusta lei!
Do rosto a cor já mudei
Em palidez assombrosa,
Ouvindo a voz pavorosa
Nunca tanto me assustei.

Disse-me o fado inimigo
Que o meu terno coração
Em dura separação
Viveria sem abrigo:
Deu-me para mor castigo
Ser este mal sem mudança,
Desde então minha esperança
Morreu, e a minha alegria:
Daquele terrível dia
Como me assusta a lembrança!

Desde então, meu Bem amado,
Vivo triste e cuidadosa,
Sempre aflita e desgostosa
Pensando no meu estado:
Desde o dia infornado,
Jamais prazeres gozei,
O que em mim sinto não sei,
O coração me prediz,
Que não posso ser feliz,
Que nunca mais te verei

QUADRA

*Embora pene ao teu lado,
Antes penar, que morrer;
Não me resolvo a deixar-te,
Sem ti não posso viver.*

GLOSA

Se amorosa simpatia
Só por ti minh'alma sente,
Não me negues cruelmente
Tua doce companhia;
Suaviza a mágoa ímpia,
Que tu mesmo tens causado,
Já que por lei de meu fado
Outra glória não consigo,
Deixa-me viver contigo,
Embora pene ao teu lado.

Ah! sofre, adorado Elmano,
Meu puro, e constante amor,
Não me trates com rigor,
Não me dês o desengano;
Evita-me aquele dano,
Que a morte me faz temer,
Embora viva a sofrer
A pena mais rigorosa,
Quero antes viver queixosa,
Antes penar, que morrer.

De ti me ocupo somente,
Em teus dons extasiada,
E de amor toda abrasada,
Em ti falo a toda gente;
Junto a ti estou contente,
Porque és desta alma parte,
Nascida fui para amar-te,
Embora sejas cruel,
Sou constante, sou fiel
Não me resolvo a deixar-te.

Se é um bem, Elmano a vida,
Que os mortais devem prezar;
Ah! porque me queres dar
A morte mais desabrida?
Eu estou a ti unida
Pelo mais forte poder;
Tu és porção do meu ser;
Convença-te esta verdade;
És de minha alma a metade;
Sem ti não posso viver.

COLCHEIAS

Feitas ao Dia 7 de setembro

MOTE

*Completo-se o heroísmo
Já somos independentes.*

GLOSA

Suplantou-se o despotismo
Deste solo afortunado,
Neste dia decantado
Completo-se o heroísmo.
O nefando despotismo
Não reina em plagas fulgentes,
As virtudes transcendentas
Sejam a nossa divisa:
Temos a dita precisa,
Já somos independentes!

AO MESMO

Desprezando o terrorismo,
Que nasce da escravidão,
Da Brasileira Nação
Completo-se o heroísmo.
Ao santo Patriotismo
Dirigem votos ardentes
Os Brasileiros valentes,
Que fazem da Pátria, a glória;
Completa foi a vitória
Já somos independentes.

AO MESMO

Bosquejou no escuro abismo
O monstro da escravidão
Da liberdade, e razão
Completo-se o heroísmo.
Do cruzeiro o brilhantismo
Atraiu diversas gentes,
Entre nós estão contentes,
Vivem das Leis ao abrigo:
E do cativo antigo
Já somos independentes.

AO MESMO DIA

*Os ferros da tirania
Desatou a Liberdade*

GLOSA.

Raiou finalmente o dia,
Que Jové nos destinava,
No qual a Pátria arrojava
Os ferros da tirania:
Então cada qual erguia
Os olhos à Divindade,
De quem a luz da verdade
Aos homens tinha baixado,
E esse laço tão pesado
Desatou a Liberdade.

AO MESMO

Com valor, com energia
Tu te portaste oh! Brasil,
Desfazendo em pó sutil
Os ferros da tirania.
Para nós do Céu se via
Baixar a felicidade,
E a prol da humanidade
Sabias leis ditando um Deus,
Por seu mando os grilhões teus
Desatou a Liberdade.

AO MESMO DIA: IMPROVISADA

*Honrado patriotismo
Quebra o pesado grilhão.*

O Brasileiro heroísmo,
Serve de exemplos ao mundo;
Guardai a Pedro Segundo,
Honrado patriotismo.
Longe, longe o fanatismo;
Mortais segui a razão,
A nossa Constituição
Firma o bem, extirpa o mal,
Sábida, justa, e liberal
Quebra o pesado grilhão.

AO MESMO

*Salvaste do escuro abismo
Este Povo Liberal.*

Supremo bem divinal,
Honrado Patriotismo.
O bifronte servilismo,
Infame por condição,
Foge ao lúcido clarão,
Que a este povo ilumina;
E a Liberdade divina
Quebra o pesado grilhão.

AO MESMO DIA: IMPROVISADA.

*Erigir templo à Virtude,
Cavar masmorras ao vício.*

Brasileiros! Magnitude,
Fortaleza, e união,
Para podermos então
Erigir templo à Virtude.
Eis o dia que se alude
Ao mais Heroico Patrício,
Já temos altar propício,
À sagrada Independência:
Podemos com veemência
Cavar masmorras ao vício.

MOTE

*Todos vivem, só eu morro,
Em cada instante que vivo.*

GLOSA

Oh! Céu, Prestai-me socorro,
Minorai o meu desgosto;
Pois com mais, ou menos gosto
Todos vivem, só eu morro.
Quando em meus males discorro,
Sinto um tormento excessivo,
E nem se quer lenitivo
Acho às penas que padeço,
A morte só reconheço
Em cada instante que vivo

MOTE

Como vive quem não vive
Com quem deseja viver?

GLOSA

Se acaso algum prazer tive,
Já esse me abandonou,
Pois hoje vivendo estou
Como vive quem não vive.
Ao lado de quem motive
O seu mais doce prazer,
Este vive a padecer
A mágoa mais desabrida,
Pois não passa a sua vida
Com quem deseja viver.

MOTE

*A natureza e amor
Combate a minha razão.*

GLOSA

Até Júpiter, senhor
De tudo quanto há criado
Estreitamente é ligado
A natureza, e amor:
Se este Deus tão superior
Viveu sujeito à paixão,
Como há de meu coração
Libertar-se deste mal,
Se amor com arma fatal
Combate a minha razão?

MOTE

*Em trevas, e escuridade
Jaz meu peito sepultado.*

GLOSA

Pelas mãos de ímpia saudade,
Pela sua feroz ira
Meu peito arqueja e suspira
Em trevas, e escuridade.
Dos males a imensidade
Tem meu coração cercado:
Pérfida lei do meu fado,
Que fiz eu à natureza,
Que no abismo da tristeza
Jaz meu peito sepulta.

MOTE

*Padeça como eu padeço;
Chore, que eu choro também.*

GLOSA

Se de mim não fez apreço.
Que eu com justiça exigia,
Em prêmio da tirania
Padeça, como eu padeço.
Vou ver se o perjuro esqueço,
Que é o que assaz me convém,
O seu rigor, seu desdém
Contra ele se conspire,
Aflito gema e delire,
Chore, que eu choro também.

MOTE

*Teu ingrato proceder
Resfriou minha paixão.*

GLOSA

Se tens visto arrefecer
Meu amor ardente, e fido,
Oh! falso, a causa tem sido
Teu ingrato proceder.
Se remorsos podes ter
Faze ingênua confissão;
Dize que a ingratidão,
Que comigo praticaste,
Quando menos o pensaste
Resfriou minha paixão.

MOTE

*Entre amor, e a razão
O meu coração periga.*

GLOSA

Contempla o meu coração,
Bela Marília, agitado;
Por teu respeito lançado
Entre amor, e a razão.
Amorosa inclinação
A sentir amor me obriga,
A razão branda me instiga
Que eu fuja a amor perigoso;
Neste lance melindroso
O meu coração periga.

MOTE

*Tu vieste animar
A minha extinta alegria.*

GLOSA

Eu vivia a suspirar
Por avistar teu semblante,
Ao meu peito vacilante
Tu vieste animar.
Só tu podes dissipar
Minha dor, minha agonia,
Tua amável companhia
A todos causa prazer,
Tu fizeste renascer
A minha extinta alegria.

MOTE

*Quando os meus versos estimas.
Dás ao meu estro calor.*

GLOSA

Elmano, tu reanimas
O meu estro quase extinto;
N'alma chama delia sinto
Quando os meu versos estimas:
Com teus louvores me animas
A cantar o Deus de amor,
Creio-me então superior
Ao Trácio cantor famoso,
Com teu poder portentoso
Dás ao meu estro calor.

MOTE

*Este amor que n'alma sinto
É filho da natureza.*

GLOSA

Se tens de humano o instinto,
Se tens celeste razão;
Crê que é divina porção
Este amor que n'alma sinto:
Eu creio que não desminto
O autor de tal grandeza,
Pois sinto minha alma acesa
Em doces chamas de amor,
E este fogo abrasador
É filho da Natureza.

MOTE

*Uma alma sincera, e pura
Foi o dom que o Céu me deu.*

GLOSA

Se não é a formosura
Quem te pode arrebatat,
Tenho para te ofertar
Uma alma sincera, e pura.
Negou a sábia natura
Graças ao semblante meu,
Avara me não cedeu
Da beleza o atrativo:
Um coração compassivo
Foi o dom que o Céu me deu.

MOTE

*Tuas raras qualidades
Prenderam meu coração.*

GLOSA

Com celestes divindades
Chegas a rivalizar,
Com elas vão disputar
Tuas raras qualidades.
Com mil diversas idades
Ninguém viu tal perfeição,
Se teus dons agradarão
A mais não pode exceder,
E elas com seu poder
Prenderão meu coração.

MOTE

*Por amor, e amizade
Desejo sempre te amar.*

GLOSA

Funesta desigualdade
Entre nós tem posto a sorte,
Eu sofro a mágoa mais forte
Por amor, e amizade.
Tu podes com liberdade
Teus afetos dedicar
A essa, que a meu pesar,
É por ti sempre adorada,
E eu mesmo não sendo amada
Desejo sempre te amar.

MOTE

*Mortal que teus mimos goza
Disputa co'a divindade.*

GLOSA

Tua sorte venturosa
A todos causa ciúme,
Ah! Tu convertes em Nume
Mortal que teus mimos goza.
Quantos encantos a rosa
Tem na sua qualidade,
Tu tens na tua amizade:
Quem a goza eu acredito,
Que toca ao grã infinito;
Disputa co' a divindade.

AO MESMO

Sobe a esfera luminosa
Despido do humano ser,
Bebe celeste prazer
Mortal que teus mimos goza:
Eu fico pois duvidosa
Se propassa a eternidade,
Ah! tanta felicidade
Quem desfruta, meu Francino,
É superior ao destino,
Disputa co'a divindade.

MOTE

*Eu desfaleço, eu deliro
Em tão triste situação.*

GLOSA

Belmiro, cruel Belmiro,
Suportando o teu rigor,
Meu peito estala de dor,
Eu desfaleço, eu deliro:
Teu nome, ingrato, profiro
Sem achar consolação;
A minha dura aflição
Aqui em aumento vai
Sem merecer-te um só ai,
Em tão triste situação.

MOTE

*Só tu me infundes prazer
Em tão triste situação.*

GLOSA

Pireno, bem podes crer,
Que eu vivo triste, e chorosa,
E que sendo desditosa
Só tu me infundes prazer:
Só tu podes entreter
A minha amante paixão,
Dar paz ao meu coração,
Dar-me gosto, e alegria,
E ser minha companhia
Em tão triste situação.

MOTE

*Tristes lembranças me assaltam,
Que me fazem delirar.*

GLOSA

Males a sentir não faltam,
E mil vezes suspirando,
Sempre, e não de quando em quando
Tristes lembranças me assaltam;
De contínuo elas se exaltam,
Que aumentam meu pesar,
Em vão quero sossegar,
Vivo só n'um labirinto;
São tais os males que sinto,
Que me fazem delirar.

MOTE

*Onde pensava amor,
É onde encontro fereza.*

GLOSA

Redobra-se a minha dor,
Aclara-se o meu engano,
Acho um coração tirano
Onde pensava amor.
Eu já não tenho valor,
Sucumbida de tristeza
De meu destino a incerteza
Forja a minha desventura,
Onde esperava brandura,
É onde encontro fereza.

MOTE

*Será por nós conservada
De amor sagrada união.*

GLOSA

Nesta ausência dilatada,
Que bem sensível nos é,
D'amor a mais pura fé
Será por nós conservada.
Pois não pode a sorte irada
Partir de amor a prisão;
Se tens firme coração,
Ambos felizes seremos,
Ilesa conservaremos
De amor sagrada união.

MOTE

*Nesta ausência é fatível
Que mude seu coração.*

GLOSA

Justos Céus, como é possível
Viver de um bem separada!
Que eu seja enfim desgraçada
Nesta ausência é fatível:
Com esta ideia terrível
Suporto dura aflição
Temo da separação
As consequências fatais,
E ainda de mais a mais
Que mude o seu coração.

MOTE

*Olhai que dura sentença
Foi amor dar contra mim.*

GLOSA

Amor manda sem detença,
Que eu devo constante amar
A uma ingrata sem par:
Olhai que dura sentença!
Cuidei que de tal doença
Desse a minha vida fim;
Mas isso não foi assim,
Pois tormento mais pesado
Na funda estância do fado
Foi amor dar contra mim.

AO MESMO

Amor manda, que uma ofensa,
 “ Das ofensas a mais dura
 Eu repute por ternura:”
Olhai que dura sentença!
 Eu vou do ingrato a presença;
 Mas há de ser triste o fim,
 Eu não cuidei fosse assim
 A lei de amor derogada;
 Pois sentença inopinada
Foi amor dar contra mim.

MOTE

*Sem ver o caro Josino
 Feliz não poderei ser.*

GLOSA

Eu deliro, eu desatino,
 Sofro o mal mais violento,
 Eu estalo de tormento
Sem ver o caro Josino.
 Já por morta me imagino;
 Assim não poso viver,
 Sinto nas veias correr
 Mil mortais cruéis venenos:
 Se assim viver, pelo menos
Feliz não poderei ser.

MOTE

*Sem vós, e com meu cuidado,
 Olhai com quem, e sem quem.*

GLOSA

Pondera, Josino amado,
 Meu cruento padecer;
 Sou condenada a viver
Sem vós, e com meu cuidado.
 Meu tirano e injusto fado
 Me priva de todo bem,
 A saudade me entretém,
 Sempre em mágoas engolfada,
 Passo a vida amargurada,
Olhai com quem, e sem quem.

MOTE

*Desculpa o meu coração,
Que não faz mais que adorar-te.*

GLOSA

Se sabes o que é paixão,
Se temes seu poder forte,
Lastima pois minha sorte,
Desculpa o meu coração,
Que só te rende ablação,
E que só quer agradar-te,
Para melhor explicar-te,
Que só teu deseja ser,
Que não te sabe ofender,
Que não faz mais que adorar-te.

MOTE

*Quando Anália est'alma inflama,
Os Reis ante mim são nada.*

GLOSA

Há de ser eterna a fama
Que meu nome há de ilustrar;
Pois sou no mundo sem par
Quando Anália est'alma inflama:
Suave néctar derrama
Na minh'alma entusiasmada;
Contra mim não vale a espada;
Os áureos espectros dourados,
A par de mim são cajados,
Os reis ante mim são nada.

MOTE

*A minha cruel saudade,
A minha alma dilacera.*

GLOSA

Não há maior crueldade,
Não há maior agonia,
Pois roubou minha alegria
A minha cruel saudade.
Já perdi da sociedade
O prazer que reverbera;
Aqui somente se espera
Ver-me de penas findar;
Pois o mais cruel pesar
A minha alma dilacera.

MOTE

*Jamais me concede a sorte
Um momento de prazer.*

GLOSA

Venha a morte, quero a morte.
Que a vida já me enfastia,
Que um momento de alegria
Jamais me concede a sorte:
O meu mal acerbo, e forte
É pior do que morrer:
Do que me serve o viver,
Vivendo em contínua lida,
Sem ter então triste vida
Um momento de prazer?

MOTE

*Este zelo, esta paixão
É pior do que morrer.*

GLOSA

Cruel desesperação
A minha alma dilacera,
O meu tormento exaspera
Este zelo, esta paixão.
Eu não sei porque razão
Motivas meu padecer,
Eu já não posso sofrer
Dos males, o pior mal:
Ter presente uma rival
É pior do que morrer.

MOTE

*Os olhos de minha amada
Mais que todos lindos são.*

GLOSA

Até Vênus engraçada,
Por se fazer mais brilhante,
Desejou por um instante
Os olhos de minha amada.
Sendo tão avantajada
Sua imensa perfeição,
Por justa lei da razão
Ninguém os pode igualar;
O seu fulgor é sem par,
Mais que todos lindos são.

MOTE

*Lucinda formoso encanto,
Doce paz desta minh'alma.*

GLOSA

Da tristeza opaco manto
A este meu peito enluta;
Meu triste lamento escuta,
Lucinda formoso encanto.
Toda a força do meu pranto
Meus prazeres não acalma;
Tu tens da virtude a palma,
E a minha dor acrescentas,
Pois para sempre te ausentas,
Doce paz desta minh'alma.

MOTE

*Embora murmure o mundo,
O mundo me não conhece.*

GLOSA

Eu, razão não me confundo,
Tua luz me ilustra a mente,
E se eu não sou delinquente,
Embora murmure o mundo;
Do meu coração no fundo
Ditosa paz permanece,
Minha alma firme obedece
Do dever a lei sagrada;
Se o mundo me crê culpada,
O mundo me não conhece.

MOTE

*Sou feliz porque perdi
A lembrança do passado.*

GLOSA

A minha sorte venci,
Triunfei do meu destino,
Minha dor, meu mal mofino
Sou feliz porque perdi.
O veneno que eu bebi
Pela mão do duro fado,
Foi por lei do Céu sagrado
Em doce mel convertido;
E assim tenho esquecido
A lembrança do passado.

MOTE

*Minha amizade constante,
Não pode o tempo gastar.*

GLOSA

Não muda meu peito amante,
Pura fé inda te juro,
Zomba pois do tempo duro,
Minha amizade constante.
Minha saudade incessante
Não me deixa sossegar;
Josino, eu não sei mudar,
Nem com o tempo convenho,
E o puro amor que te tenho
Não pode o tempo gastar.

AO MESMO

Em vão o destino errante
Me tem de ti separado,
Nem por isso tem mudado
Minha amizade constante.
Não pode o tempo inconstante
Triste efeito em mim causar,
Alma não pode mudar,
E minha alma é quem te adora:
Todo amor que n'alma mora
Não pode o tempo gastar.

MOTE

*As doces prisões de amor
Cada vez me apertam mais.*

GLOSA

Ah! mortais, quanto valor
Tem uma alma que é terna,
Da natura a lei supera
As doces prisões de amor!
Eu me julguei superior
Aos impulsos naturais;
Mas cingida aos meus iguais
Bem depressa pude ver,
Que estes laços de prazer
Cada vez me apertam mais.

MOTE

*A vil ambição do mando
Presta auxílio à tirania.*

GLOSA

Triste Brasil, até quando
Haveis de estar iludido,
Te quando submetido
À vil ambição do mando?
Os ímpios te vão cavando
Abismos de dia, em dia,
Com a máscara da hipocrisia
A seus fins buscam chegar;
E quem os quer escutar
Presta auxílio à tirania.

AOS ANOS DO SENHOR F.H.DA S. DOS SANTOS PEREIRA

MOTE

*A vinte e quatro de Abril
Teve um mundo um desgraçado.*

GLOSA

Honra, e Gloria do Brasil,
Eu te dou valor jucundo
Pois és por Deus dado ao mundo
A vinte e quatro de abril:
Detestas julgo servil
Vate imortal, e sagrado;
Porém hoje alucinado
Por uma falsa ilusão,
Tu dizes, mas sem razão
Teve um mundo um desgraçado.

MOTE

*Eu não soube apreciar-te
Quando te tive ao meu lado.*

GLOSA

Meu Bem, eu não sei pintar-te,
Em que estado me tens posto,
Por capricho, não por gosto,
Eu não soube apreciar-te:
Ausente juro adorar-te,
Por que assim o quer meu fado;
Tinha o capricho ordenado,
Que calasse a paixão fera,
Por isso me viste austera
Quando te tive a meu lado.

MOTE

*Tenho amor, sou paciente
Não desabafo meu peito.*

GLOSA

O sofrer é ser prudente
Por grande que seja o mal,
Por humana causa fatal
Tenho amor, sou paciente:
Em nada sou delinquente,
Às leis de amor sou sujeito,
E mesmo por teu respeito
Reprimo impulsos de amor;
Porque o mandas com valor
Não desabafo meu peito.

MOTE

*Ainda não sendo amada,
Hei de amar-te até morrer.*

GLOSA

Mesmo de ti separada
Fé pura te hei de guardar,
E sempre te hei de adorar,
Ainda não sendo amada:
Se eu não for afortunada,
Não hei de inconstante ser,
De mim não tens que temer,
A ser firme estou disposta,
Não por destino, por gosto,
Hei de amar-te até morrer.

MOTE

*Entre amor, e entre susto
Não pude ter fortaleza.*

GLOSA

Por um motivo bem justo,
Que o medo aos mortais excita,
Não pude ter grande dita
Entre amor, e entre susto:
À sombra de verde arbusto
Vi uma rara beleza,
Em tão arriscada empresa
Quis fugir, dei poucos passos,
Caiu enfim entre seus braços,
Não pude ter fortaleza

MOTE

*Há de dizer-me em segredo
Quem lhe prende o coração.*

GLOSA

Por entre espesso arvoredado
Amizade nos conduz,
À vista da etérea luz,
Há de se dizer-me em segredo:
Se vive tristonho ou ledo
Nesta amena solidão;
Conheço que tem paixão
Mas o objeto ignoro,
Somente que diga imploro
Quem lhe prende o coração.

MOTE

*Quem se ausenta por seu gosto
Não deve penas causar.*

GLOSA

Não pode sentir desgosto
Nesta triste despedida
Quem ordenou a partida,
Quem se ausenta por seu gosto:
Meu coração está disposto
A fugir sempre de amar,
Eu faço por triunfar
Sempre dos tormentos meus,
Quem diz por seu gosto, Adeus,
Não deve penas causar.

MOTE

*Onde habita o amor
Não habita falsidade.*

GLOSA

Receio tristeza e dor
Com o prazer de mistura,
Isso sempre se procura,
Onde habita o amor.
O ciúme roedor
Entra nesta sociedade,
Porém se a doce amizade,
Com o amor faz união,
Então nesse coração
Não habita falsidade.

MOTE

*Desculpem um tal amor
Pois que amo sem limite.*

GLOSA

Se eu não posso ser senhor
De domar minha paixão,
Por essa mesma razão
Desculpem um tal amor:
Sou ao tempo superior,
Quer longe, quer perto habite,
Por mais que a razão me grite,
Que amar não é meu dever,
Eu não a posso atender,
Pois que amo sem limite.

MOTE

*Uma pastora ofendida
Como há de extremos fazer?*

GLOSA

Não, não dói perder a vida
Quando nela se acha a morte,
Pois tem tormento mais forte
Uma pastora ofendida:
Vivo de dor oprimida,
Nada posso resolver
Em contínuo padecer
Estou sempre duvidosa,
Quem vive assim receosa,
Como há de extremos fazer?

MOTE

*Meu coração só se nutre
De saudade e de agonia.*

GLOSA

Faminto, cruel abutre
Filho da separação
Com ele em dura aflição
Meu coração só se nutre:
Amor que só se renutre
Com a minha mágoa ímpia,
Dá-me um dia, e outro dia
De bem diversos tormentos,
Sendo todos os momentos
De saudade e de agonia.

MOTE

*Ternos ais, terno suspiro
Mantém o meu coração.*

GLOSA

Neste deserto retiro,
Neste tristonho lugar
Só se ouvem ressoar
Ternos ais, terno suspiro:
Teu doce nome profiro
Por dar alívio à paixão,
Porém cheia de aflição
Sofro mil penas fatais,
Mas os meus acerbos ais
Mantém o meu coração.

MOTE

*Depois que preso chegaste,
Eu também presa fiquei.*

GLOSA

Ah! meu bem, tu me privaste
Da gostosa liberdade
Enleei-me por vontade
Depois que preso chegaste:
As cadeias que arrastaste,
Eu também as arrastei
Cheia de gosto as beijei,
Cheia de terno fervor,
Nos mesmos grilhões de amor,
Eu também presa fiquei.

MOTE

*Oh! Paz do meu coração,
Já te disse eterno Adeus.*

GLOSA

Na mais triste situação
Minha sorte hoje lamento,
Fugiste nesse momento
Oh! Paz do meu coração.
Desaparece a razão
Fico entregue aos fados meus,
Amor, os tormentos teus
Envenenam minha vida,
E a ti, oh! Paz tão querida,
Já te disse eterno Adeus.

MOTE

*Esses teus olhos galantes
A todos fazem morrer.*

GLOSA

Fazem atrair amantes
De Belmira os lindos gestos,
Parece fazem protestos
Esses teus olhos galantes:
Mil suspiros incessantes
Eles sabem promover,
Sabem inspirar prazer
Mesmo em peitos insensíveis
Céus! Que forças invencíveis
A todos fazem morrer!

MOTE

A tua ausência, meu Bem,
Me há de tirar a vida.

GLOSA

Ah! Josino, parte, vem
Minha morte suspender,
Vê que eu não posso sofrer
A tua ausência. Meu bem:
Anda a consolar a quem
Vive numa infausta lida,
A dura sorte intimida
Antes que mais se embraveça
Senão verás que depressa
Me há de tirar a vida.

MOTE

*Inda que seja sonhando
Quero ser feliz contigo.*

GLOSA

Tornai meu destino brando,
Oh! Justos Céus piedosos,
Tenha momentos ditosos
Inda que seja sonhando:
Meu Bem, sempre em ti pensando
Antiga paz não consigo,
Mil vezes aflita digo
Meu Bem, meu contentamento,
Inda que seja um momento
Quero ser feliz contigo.

MOTE

*Meu amante coração
Sofre penas a milhares!*

GLOSA

Crava com tua ímpia mão
No meu peito o punhal duro,
Pois te não quer ser perjuro
Meu amante coração:
Da morte a horrenda aflição
Porá termo aos meus pesares,
Da vida os cruéis azares
Já displicente me tem,
E tu não tens dó de quem
Sofre penas a milhares!

AO MESMO

Ingrato, por que razão
És a meu bem sempre avesso,
Não vês que terna te ofereço
Meu amante coração?
Ah! mova-te a compaixão,
Não aumentes meus pesares
Tem pena pois de causares
O fero tormento meu,
Vê que este peito que é teu
Sofre penas a milhares.

MOTE

*Quando amor prepara o arco,
Dobra o joelho a razão.*

GLOSA

Na terra, num humilde charco
Tudo fica vacilante,
Te Marte está delirante
Quando amor prepara o arco:
Eu por meus dias marco,
Triunfos do seu farpão,
Contra o seu poder em vão
Intente o poder que for,
Porque a este Deus de amor
Dobra os joelhos a razão.

MOTE

Dado pela Ilma Sra. D.Leocadia Gomes de Mello Pinto Bandeira

*Eu já tenho por sistema
Bronzeado o coração.*

GLOSA

Embora a natura gema
Insensível pois me faço,
E um peito todo de aço
Eu já tenha por sistema:
Amor me manda que eu tema
O seu cruento farpão
Eu não lhe dou atenção,
Nem já com ele convenho,
Porque para ele tenho
Bronzeado o coração.

AO MESMO

Da indiferença o dilema
Na minha frente está posto,
E trazer alegre o rosto
Eu já tenho por sistema:
O ingrato de mim trema,
Tema a minha condição,
Não mudo de opinião,
Não suponham que me iludo,
Porque tenho para tudo
Bronzeado coração.

AO MESMO

Sou da fereza o emblema,
Sem jamais ter alma dura,
Não dar prova de ternura
Eu já tenho por sistema:
Eis aqui este problema,
Tendo amante propensão
Sigo só a ingratidão,
Por muito minha vontade,
Tendo por felicidade
Bronzeado coração.

DÉCIMAS

MOTE

Os enleios da amizade.

GLOSA

Não são impuros amores
 Quem me move o coração,
 Não são esses fogos não
 Que motivam meus ardores;
 Só merece os meus louvores
 O que é sinceridade,
 Só chamo felicidade,
 O que é prazer perfeito;
 Eu só prezo, eu só respeito
Os enleios da amizade.

MOTE

Tem dó do meu coração.

GLOSA

Nesta ausência o meu tormento
 Eu o sinto renascer,
 Eu vivo só a gemer,
 Entregue ao meu sentimento:
 Tem-me gasto o sofrimento
 A mais tirana aflição;
 Em tão triste situação
 O meu mal não se minora;
 Atende a quem por ti chora,
Tem dó do meu coração.

AO MESMO

Ah! quem poderá sofrer
 A saudade desabrida,
 Ela faz perder a vida,
 Faz a morte apetecer:
 E quem não há de temer
 A cruel separação?
 Dos males o turbilhão
 Traz um peito maltratado;
 Em tão miserando estado
Tem dó do meu coração.

MOTE

Nesta cruel despedida.

GLOSA

A sorte tirana e dura
 Por fazer-me desgraçada,
 Urde a ausência dilatada,
 Forja a minha desventura:
 Provo o cálice da amargura
 Recebo mortal ferida,
 Já me sinto possuída
 Da mais veemente dor,
 Neste momento de horror,
Nesta cruel despedida.

MOTE

De amor o duro grilhão.

GLOSA

Mortais que da Liberdade
 Gozais a imensa ventura,
 Que amizade santa, e pura,
 Faz vossa felicidade;
 Que a paz, que a tranquilidade
 Só vos liga o coração,
 Não vos ligueis à paixão,
 A experiência nos ensina,
 Que é de todos a ruína
De amor o duro grilhão.

MOTE

Quando uns folgam, outros gemem.

GLOSA

Por que razão, natureza,
 O prazer tão pouco dura?
 Por que somente amargura
 Tem tão intensa grandeza?
 Do ímpio Fado a fereza
 Com razão os mortais temem;
 Se os brutos aflitos fremem
 Quando outros saltam contentes;
 Tal sucede a humanos Entes,
Quando uns folgam, outros gemem.

MOTE

Viver só para te amar.

GLOSA

Eu não desejo viver
 Se de ti não sou amado,
 Para ser tão desgraçado
 Devo a vida aborrecer;
 Devo a morte apetecer,
 Quero o seu cálice tragar,
 Mas se inda em ti posso achar
 Da antiga amizade o resto,
 Dá-me a vida, eu te protesto
Viver só para te amar.

MOTE

Amor perfeito não dura.

GLOSA

Muitos afirmam que amor
 Tem mui breve duração;
 E outros que esta paixão
 É ao tempo superior:
 Para mim só tem valor
 Verdade singela, e pura,
 Se já morreu a ternura,
 Ingrato, no peito vosso,
 Eu de mim dizer não posso
Amor perfeito não dura.

AO MESMO

Se por Lei da natureza
 A perfeição degenera;
 Se do mor auge se espera
 O ponto de mor baixeza;
 Se não pode haver firmeza
 No que chamamos ventura;
 Se a bondade não atura:
 Por esta mesma razão
 Cá na minha opinião
Amor perfeito não dura.

MOTE

Prezo a tua felicidade.

GLOSA

Eu quero a minha desdita,
 Se com ela és venturoso,
 Vive feliz, e ditoso,
 Que a desgraça não me irrita:
 O meu amor acredita,
 E minha terna amizade;
 Se esta não te persuade,
 Ouve atento o que te conto
 Repara a que extremo ponto
Prezo a tua felicidade.

MOTE

Os ferros da escravidão.

GLOSA

Belmiro, sê tu constante,
 Que eu serei sempre fiel,
 A minha sorte cruel
 Não muda meu peito amante:
 Quer presente, quer distante
 É teu o meu coração,
 Eu vou fazer-te ablação
 No santo altar da verdade,
 Por arrasto por vontade
Os ferros da escravidão.

MOTE.

Motivos de tanta pena.

GLOSA.

Tu partes, e assim me deixas,
 E dizes que tens amor?
 Oh! inumano Pastor,
 Não escutas minhas queixas?
 À razão os olhos fechas?
 Mágoas só essa alma ordena?
 Céus! Que desgraçada cena!
 Perdi momentos ditosos!
 E só me restam chorosos
Motivos de tanta pena.

DÉCIMA

Aos anos da Sra. D. Lucinda Benigna da Cunha

MOTE

Lucinda, teus faustos anos.

GLOSA

Se as virtudes mais sublimes
 Fazem brilhante tua alma;
 Cingindo virente palma,
 Detestas atrozes crimes;
 Se quando aflitos não rimes
 Lastimas seus feros danos;
 Deve ser entre os arcanos
 Da divina Providência
 De quase eterna existência,
Lucinda, teus faustos anos.

MOTE

Suspira, lamenta e chora.

GLOSA

A saudade que pareço
 Faz-me andar sempre a gemer,
 E por meu próprio querer
 A ti só meus ais ofereço;
 Tanto de ti não mereço,
 Em vão a razão te implora;
 Só a mim amor devora;
 E por ti, querido amante,
 Minh'alma sempre constante
Suspira, lamenta e chora.

MOTE

Mas inda assim desprezada.

GLOSA

Luto em vão, em vão forcejo
 Por agradar a quem amo,
 Pela razão sempre chamo
 Para guiar meu desejo:
 O fado contra mim vejo
 Com sanhuda mão alçada,
 A sentença está lavrada,
 Dela não posso eximir-me,
 Hei de ser amante firme,
Mas inda assim desprezada.

MOTE

O prazer não foi perfeito

GLOSA

Se busco diminuir
 A mágoa que me flagela,
 Não penses, Armânia bela,
 Que possa tal conseguir:
 Se não podes intervir,
 Gosto nenhum me é aceito,
 Mesmo quando satisfeito
 Muitos me viram estar,
 Não me deixava o pesar,
O prazer não foi perfeito.

MOTE

Em prêmio do meu amor.

GLOSA

Se um dia, que passo ausente
 É para mim de saudade,
 Como esta alma sofrer há de
 Dura ausência eternamente?
 Meu coração já presente
 De meu mal todo o rigor,
 Morrer a força da dor
 É quanto me ordena a sorte,
 Receberei cruel morte
Em prêmio do meu amor.

MOTE

Rachel é flor do pontal.

GLOSA

Entre mil cheirosas flores,
 Uma flor linda escolhi,
 E à Vênus ofereci
 Para o jardim dos amores:
 Brilha por entre os verdores
 Sua beleza imortal,
 Amor com poder fatal
 Me pergunta o nome seu
 Submissa respondi eu
Rachel é flor do Pontal.

MOTE

Desculpa o meu coração.

GLOSA

Eu já nasci para amar-te,
 Fui pra ti só destinada,
 Mas como sou desgraçada,
 Não posso não igualar-te:
 Eu não aspiro gozar-te,
 Sigo só minha paixão,
 Tu sobre as leis da razão,
 Triunfando permaneces,
 Tu, que o frágil ser conheces,
Desculpa o meu coração.

MOTE

Sem ventura é por demais.

GLOSA

Nasci no mundo infeliz,
 Infeliz tenho vivido,
 Tem-me a sorte combatido
 Sempre com novos ardis:
 Procurar abrigo quis
 Entre todos os mortais,
 Achei repúdios fatais,
 Não fico não duvidosa
 Intentar ser venturosa
Sem ventura é por demais.

MOTE

Só me alimenta a esperança.

GLOSA

Sofrendo um acerbo mal
 Eu descoro, eu desalento,
 Redobra-se o meu tormento
 Recresce a dor mais fatal:
 Neste deserto lugar
 Meu peito de amar não cansa,
 Penso em ti, não há mudança
 Apesar da longa ausência,
 Pois nesta minha existência
Só me alimenta a esperança.

MOTE

Só um M. é que me mata.

GLOSA

Nem trabalhos nem desgosto,
 Nem contínuo padecer
 Me fazem jamais perder
 A animada cor do rosto:
 Não tenho prazer, nem gosto
 Nesta ausência tão ingrata,
 Nada, nada me maltrata,
 Só uma ausência cruel
 Venha o mal que me vier,
Só um M. é que me mata.

MOTE

A minha amizade antiga.

GLOSA

Pastora bela e divina,
 Glória e prazer deste Prado,
 Oh! Que prazer te foi dado,
 Minha bela Josefina:
 Os louvores de que és digna
 Não há humano que diga,
 O amor que a ti me liga,
 Enche esta alma de ternura,
 E por isso mais se apura
A minha amizade antiga.

MOTE

Segue amor, segue a razão.

GLOSA

O amor jamais foi crime
 Com isto a todos convenço,
 Ah! pensa como eu penso,
 Que este pensar é sublime:
 Todo o mortal que se exime
 Da amorosa inclinação,
 Tem de bronze o coração,
 Não queiras não imitá-lo;
 Pensa como eu penso e falo,
Segue amor, segue a razão.

MOTE

Disputa com a Divindade.

GLOSA

Saber, virtude, e valor,
 Em Filinto se divisam
 E as graças se deslizam
 Por seu rosto encantador:
 Olhos, que exprimem amor,
 Tem dos Céus a claridade
 Neles não há falsidade,
 Não suponham que me iludo
 É um semideus em tudo,
Disputa com a Divindade.

MOTE

Tenho presa a liberdade.

GLOSA

O meu coração sincero
 Por ti de amor é cativo,
 Para ti somente vivo,
 Já ser d'outro não tolero:
 Só das tuas mãos espero
 A minha felicidade,
 Tens-me cativa a vontade
 Com teus amantes desvelos,
 E nesses teus olhos belos
Tenho presa a liberdade.

MOTE

Graças, candura, e beleza.

GLOSA

Minha bem cara Delmira,
 Quem vos pode descrever,
 E quem poderá dizer
 O dom, que em vós se admira?
 Meu peito anela e suspira
 Por louvar-te a gentileza;
 És mimo da natureza,
 Tens os dons do Paraíso,
 Pois em teu rosto diviso
Graças, candura, e beleza.

QUADRAS

A série de meus tormentos
Terá fim na sepultura,
Porque sempre me acompanha
A minha pouca ventura.

Eu ainda não provei
Dos prazeres a doçura;
Pois nem um só bem me outorga
A minha & c.

Esperanças lisonjeiras,
Não gozo a tua doçura,
Porque meu mal me anuncia
A minha & c.

Envenena minha vida
Asperíssima amargura;
Porque bafeja meus dias
A minha & c.

Se meu mal reparar quero
Minha desgraça se apura;
Porque já não tem remédio
A minha pouca ventura.

Não posso abrandar dos fados
A cruel condição dura,
Choro, em vão, em vão lamento
A minha & c.

Eu não me atrevo a esperar,
Senão constante amargura;
Pois há muito que conheço
A minha & c.

Eu já nasci para triste,
Oh! Desgraça acerba e dura!
Desde o berço me acompanha
A minha & c.

Como os males permanecem,
E quanto o bem pouco dura;
Pois sempre tenho presente
A minha & c.

LIRA IMPROVISADA

As opacas grossas nuvens
 Toldam o ar; foge a luz,
 O meu tormento produz
 Toda esta revolução,
 E só Belmiro se alegra
 Quando enluto o coração.

Neste jardim passeando
 Vejo entristecerem-se as flores
 Os meus cruéis dissabores
 Causam a tudo aflição;
 E só Belmiro &c.

As aves deixando a relva
 Vão pousar na mata escura,
 E a minha desventura
 Ali lastimando então;
 E só Belmiro & c.

Se solto um ai de repente,
 Sinto montes abalar-se
 Sinto tudo perturbar-se,
 Dando sinais de aflição;
 E só Belmiro & c.

Vejo um desgosto geral
 Esta silva estar mostrando,
 Só porque em mim está notando
 Uma imensa confusão.
 E só Belmiro & c.

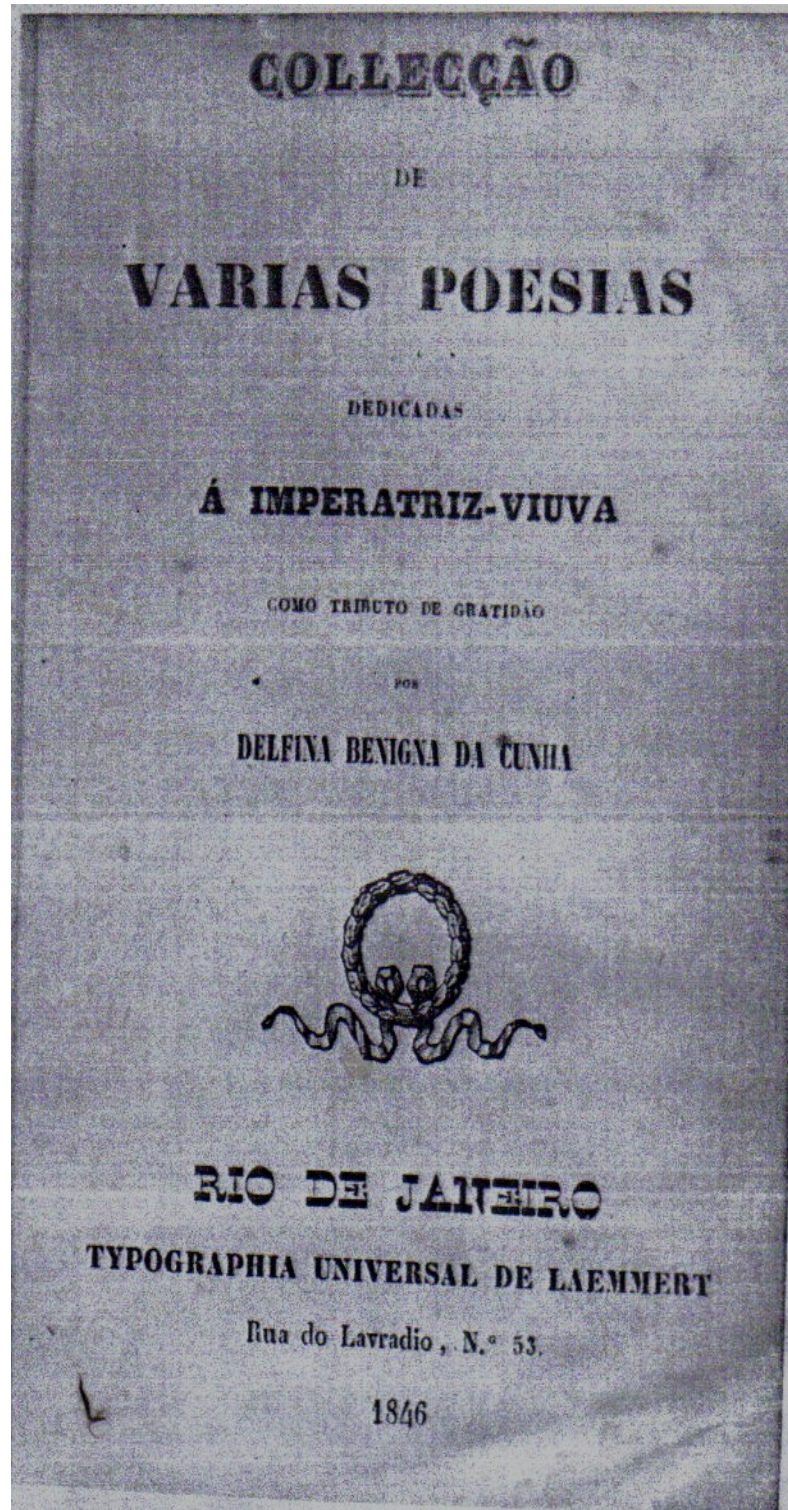
O luto que interior visto,
 Magoa a tudo que existe,
 Tudo dá sinal de triste
 Nesta fatal solidão.
 E só Belmiro & c.

Até no que é insensível
 Meus ais promovem tristeza,
 Pois em toda a natureza
 Tudo sente compaixão.
 E só Belmiro & c.

É mais ingrato que tudo,
 Que existe sobre o universo,
 O seu coração perverso
 Tem sem igual condição
 Por isso mesmo se apraz
 Quando enluto o coração.

8.1.2 Coleção de Várias poesias oferecidas à Imperatriz viúva

...



DEDICATÓRIA

Eis os frutos, Senhora, de minha alma,
Dos pensamentos meus de cada instante:
Versos do coração que simbolizam
Gratidão e amor ao grande homem,
Que nos dois mundos coroas depusera
Sobre a fronte dos Filhos seus queridos,
Que num e noutro mundo fulgurara
Como estrela brilhante e se sumira.
E se sumira, sim, não de meu peito.
Ele, Senhora, as preces me acolhera
Nos meus amargos dias de desgraça,
A meu pesar e dores se mostrando
Um homem Deus que ampara o desgraçado.
Bem de perto sabeis, grande Princesa,
Que verte o lábio meu pura verdade,
Quando assim as virtudes lhe enumero.
Hoje a Vós endereço estes meus Cantos,
Tristes Cantos dum peito angustiado,
Que presente o roçar da sepultura.
Inda amparo, Senhora, vos suplico,
Mórbida vate, errante, sem auxílio.
Se do sepulcro a cor encontro em tudo
Crede, crede, que em vós diviso a estrela
Que abrilhanta minha alma, e nela entorna
Mil torrentes de luz; sim a esperança
É luz na vida, e no morrer conforto

A MUITO LAMENTÁVEL MORTE
DE S.M.I. O SENHOR D.PEDRO I
DUQUE DE BRAGANÇA

No dia 24 de setembro de 1845

Que noite é esta de terror, de espanto,
Que a um dia melancólico sucede,
De saudade e de dor enchendo esta alma?!...
Que noite é esta que ao Brasil arranca
Das entranhas suspiros tão magoados,
Que nos vales ressoam tristemente?!...
O eco gemebundo das montanhas
De curto espaço a espaço diz saudade...
Que não existe o Duque de Bragança?!...
Ah! Sim, a Natureza no-lo expressa.
Por mais de lustres dois meu peito geme,
E de puro penar inda não morro?!...
Tristeza e solidão só me competem,
Os soluços, os prantos são meus sócios,
Só mágoas e aflições quero comigo,
Na perda infausta do melhor dos homens,
Do fundador do Império que se arreia
De ricas matas, de soberbos campos,
Pejados de matais que o mundo preza.
Desse herói que nos deu a Independência;
Que mais prezou ser Pai que ser Monarca,
Entronizando os filhos que adorava;
Dador de liberdades, oh, prodígio!
E pode ser mortal quem era Nume?!...
Oh! Princesa infeliz, consorte amante
Deixa que ausente tua dor pranteie.
A tua viuvez quanto me pesa...
Esse luto que vestes, veste esta alma
Sem protetor, sem guia errante vago
Por ermos bosques, por desertos campos,
Queixumes entregando aos surdos ares.

À mente trago os tempos venturosos
 Em que a sorte propícia me sorria,
 À sombra paternal de Pedro o Grande,
 Desse herói vencedor do despotismo;
 Por quem ainda amargurada choras,
 Tu, Esposa infeliz, e sempre amante:
 E contigo também eu triste vate
 Que vi baixar com ele a sepultura,
 A de meu coração doce esperança.
 De meus olhos sem luz goteja o pranto.
 Ah! Se ao menos, Princesa idolatrada,
 Verte junto a Ti dado me fosse,
 Meu tormento não fora tão pesado.
 Mas forçoso é sofrer a ausência dura,
 Por cruéis precisões apoquentada.
 Que o estro que animaste me enfraquecem,
 E gelam minha voz cansada, e rouca
 De gemer entre os braços da amargura.
 Meu Nume Tutelar, presta-me alento,
 Recebendo fagueira, e generosa
 Meu tributo de amor, e de saudade.

SONETO

A S.M.I. O SENHOR D.PEDRO I
 15 de novembro de 1826

Quem te fala, Senhor, quem te saúda,
 Não vê raiar de Febo a luz brilhante;
 Dá-lhe pio agasalho um breve instante,
 Seu fado imigo, em brando fado muda:

A sustentar o peso assaz lhe ajuda
 De uma vida, que à morte é semelhante,
 Não chegue a ser aflita mendicante
 Quem a um tal protetor roga lhe acuda.

É por ti que eu espero ser contente,
 E suponho, Senhor, que não me iludo,
 De tua a alma a piedade está patente.

Que tenho em Pedro o grande forte escudo,
 Creio, folgo e afirmo afoitamente,
 Que és pai, és benfeitor, és nume, és tudo.

SONETO
IMPROVISADO AO MESMO AUGUSTO SENHOR

Que é isto coração? Quanta ventura
Desfruto neste dia aurifulgente?
Vejo o sábio Imperante afavelmente
Acolher teus suspiros de amargura:

Seu nobre coração, sua alma pura
Me anima, me promete glória ingente,
Qual era já não sou: quão de repente
Se mudou minha sorte infausta e dura!

Benigno rosto para mim voltado,
O excelso, o Imortal Pedro Primeiro,
Me vai da vida as mágoas adoçando:

Tu és monarca, o gênio brasileiro,
E aos mundos dois, prudentes leis ditando,
Assombro causas ao universo inteiro.

SONETO
À INFAUSTA MORTE DE S.M. A IMPERATRIZ D. LEOPOLDINA

Afoita pisa o régio pavimento
A morte austera cruelmente armada,
Ai de nós! Ela só vem conspirada
Contra quem de virtudes é portento.

Emprega o golpe teu, monstro cruento,
No vício rude, na traição malvada,
E deixa-nos gozar a prenda amada,
Que para nós baixou do etéreo assento.

Mas que digo! Ai de mim! O geral pranto
Me anuncia do mal toda a fereza,
Vejo sobre o Brasil opaco manto;

Suspira e chora a madre natureza,
E a sábia Imperatriz, do mundo encanto,
Volveu ao céu, deixando a redondeza.

SONETO
A S.M.I. O SENHOR D.PEDRO I

Abrasada por ti num fogo intenso,
Minha alma exulta, e de prazer se inflama;
E o gozo que nas vozes se derrama
A todos conta teu favor extenso:

A ti da gratidão voa o incenso,
Por mim lançado na mais pura chama:
Esmalte do Brasil, honra da fama,
Maravilha do céu, nume imenso.

Se eu do Trácio cantor tivera a lira
Cantara os feitos teus em Délio verso;
Porém meu estro em vão a tanto aspira.

Foi vencido por ti meu fado adverso,
Completa paz minha alma hoje respira,
E tu, Senhor, sem par és no Universo.

SONETO
POR GRATIDÃO AO MESMO AUGUSTO SENHOR
15 de junho de 1829

Oh! ínclito Imperante, eis-me prostrada
A teus pés abatida e respeitosa,
Beijando a divinal mão dadivosa,
Que a vida me tornou menos pesada.

Tua alma de virtudes adornada
Comigo se há mostrado tão piedosa,
Que bem posso zombar da sorte irosa,
Tendo minha esperança em ti fundada.

Apenas o meu triste mal soubeste,
Egrégio Imperador de alta memória,
Tornar-me venturosa, enfim, quiseste:

Tua fama, Senhor, é já notória,
O teu nome imortal fazer pudeste
Dando nome ao Brasil, ao mundo glória.

SONETO

AO NATALÍCIO DE S.M.I. O SENHOR D.PEDRO I.
12 de outubro de 18—

Teus feitos, oh! Grão Rei de eterna fama,
Te erguem padrões e estátuas permanentes
Canta tuas ações altipotentes
A vós que pelo mundo se derrama.

A bem dos teus o teu valor se inflama,
E os torna, Senhor, independentes,
E ao Brasil, dando luzes refulgentes,
Por seu Imperador, eis que te aclama.

Oh! Pedro invicto, Tua glória é vasta.
Não a deslumbra o tempo, nem a altera;
Estátuas e padrões o tempo gasta.

Curvo porvir o nome teu venera,
E para encher de glória ao mundo basta
Que este dia Imortal brilhe na esfera.

SONETO

FEITO POR OCASIÃO DO CONSÓRCIO DE S.M.I
Em outubro de 1829

*A par de um coração como o de Pedro,
Os diademas que são? Que vale o Mundo?
Nova Castro*

Império vasto, rico, e florescente,
Incentivo não é de alta valia,
Perante uma alma generosa e pia,
Que de virtudes tem dom eminente,

Excelsa Amélia, o encanto refulgente,
Que aos teus formosos olhos alicia,
É dádiva do Céu, que o Céu te envia,
Sublime e pura, de valor ingente;

Almos prazeres te prepara a sorte,
O facho do Himenêo se acende ao lume
Do mais ardente amor, do amor mais forte;

Tocaste, Amélia, da grandeza o cume,
O Herói, que o céu te deu para consorte,
É mais que Imperador, é pai, é nume

SONETO

FEITO POR OCASÃO DA VOLTA DA AUTORA AO RIO DE
JANEIRO, A S.M.I

Junho de 1829

A ti corro, Senhor, porque vivia
Saudosa por beijar-te a Mão Augusta,
O temido oceano não me assusta,
Nem me assusta d'Eóllo a valentia:

Desprezo o seu furor com ousadia,
Porque longe de ti viver me custa;
Tua presença amável e vetusta
Novo estro me dá, nova harmonia.

Vês, Senhor, como vem de várias terras
Correndo a ti, mil gentes sem ventura?
É porque alta virtude em ti encerras.

Tua alma benfazeja, terna e pura,
Evita torpes, intestinas guerras,
E a glória dos teus torna segura.

SONETO

AOS ANOS DE S.M. O I. D. PEDRO I,
EM 1829

Como ufano desponta o Délio Nume,
Trazendo ao mundo o mais faustoso dia!
Parece que de gosto se extasia,
Vindo saudá-lo de Mavorte o lume.

A glória que hoje Febo em si resume
O pai dos Numes invejar devia;
Pois a causa que o enche de alegria,
Aos próprios Deuses causará ciúme.

A doce causa é, Pedro Primeiro,
Ele alaga em torrentes de venturas
O rico e vasto solo brasileiro.

Zomba afoito o Herói da morte dura,
E de assombro servindo o mundo inteiro,
O seu Nome imortal fazer procura.

SONETO
AO DIA 2 DE DEZEMBRO DE 1829

Benignos fados com risonho aspecto
Destinam ao Brasil faustosa sorte,
E, absortos em mágico transporte,
Chamam a Pedro o Grande seu Dileto.

Amplitude cabal dando ao projeto
Que tinham de o salvar à dura morte,
Dão a este Monarca pio e forte,
Terno Filho, penhor do seu afeto.

Exulta o Pai, e o Brasil todo exulta,
Contemplando no Filho outro Segundo
Herói, que entre os Heróis seu Nome avulta.

Príncipe excelso, o teu natal jucundo
É obra prima de uma mão oculta,
Que enobrece, que encanta o Novo Mundo.

SONETO
A S.M. A IMPERATRIZ

NO DIA DE SEU AUGUSTO NOME, EM 1830

Brilha, oh! Dia feliz, que dás ao mundo
Novo motivo de prazer subido:
Tu serás entre os outros distinguindo,
Enquanto lave a terra o mar profundo.

De excelsa Amélia o nome sem segundo
Tem ao Brasil de glória enriquecido;
E o povo fiel e agradecido
Louvores mil te dá, dia jucundo.

Iris mimoso, indício de bonança,
Torna o polo do Sul puro e sereno:
Longe, longe de nós desconfiança.

É teu espaço, oh! Dia, assaz pequeno
Para explicar os dons da segurança
Que Amélia nos dá só c'um leve aceno.

A S.M.I. O SENHOR DUQUE DE BRAGANÇA

Tu és o pai da pátria, oh! Pedro invicto!
 Que o povo salvas da opressão, da morte:
 Tu que a luz da razão só tens por norte,
 És mais em Lísia do que em Roma Tito!

Penetra o peito meu da fama o grito,
 Que o teu nome repete com transporte,
 Mostrando quanto és justo, sábio e forte;
 Diz de ti, o que de outrem não há dito.

Oh Pedro Egrégio! Oh imortal guerreiro!
 Teu ânimo e valor excede a tudo
 Quanto há de grande pelo mundo inteiro!

Quem te iguale não há, eu não me iludo:
 Oh! Príncipe sem par! Herói primeiro!
 Cá do meu pátrio solo eu te saúdo.

SONETO

Feito pelo completo triunfo constitucional
 em Portugal.

Cintila o facho da razão celeste,
 Marulha o Tejo, o Douro, o Guadiana;
 Alvorça-se a gente lusitana,
 E de ingente heroísmo se reveste.

Enfim, oh! Lísia, triunfar pudeste
 Da opressão mais cruel e mais tirana:
 Através dos perigos, sempre ufana,
 A glória antiga reviver fizeste.

Arvorou-se o pendão, penhor sagrado,
 Que aos povos traz feliz tranquilidade,
 E o férreo cetro foi despedaçado.

Ergueu-se um novo altar à sã verdade
 Onde por destra mão se vê gravado
 Pátria, Constituição e Liberdade.

OITAVAS

FEITAS NA MESMA OCASIÃO

*Debalde intenta o despotismo insano
A árvore arrancar da liberdade;
Regada com o sangue Lusitano
Froncosa durará na eternidade.*

Lísia, pátria de heróis, exulta, canta,
Ao brilhante clarão que te ilumina,
O nobre esforço teu ao mundo espanta,
Que com olhos atentos te examina;
Ressurgiu a verdade sacrossanta,
O erro, a fraude vil não a domina;
Subjugá-la de novo ao seu engano
Debalde intenta o despotismo insano.

Ouviu o Douro o grito insinuante
Que a livre nação Lusa articulava,
Da liberdade a planta vicejante
Na terra fecundar principiava;
Contra ela o ímpio monstro devorante
Com indomável fúria se arrojava;
Mas em vão pretendeu sua maldade
A árvore arrancar da Liberdade.

Planta, planta querida, eu te saúdo,
E lá, bem como aqui, prospera e cresce,
Longe de ti o Bóreas carrancudo
Do despotismo audaz que te emurchece;
A vista do teu ramo fique mudo
Aquele que teus frutos desconhece,
Não sejas mais por mãos de ímpio tirano,
Regada com o sangue Lusitano.

Eis, oh! Lusos, por mão do Onipotente
Arrigada na terra, a planta amena.
Para estender seus ramos docemente,
Toda a extensão do globo acha pequena;
O Tejo ovante, em límpida corrente,
A rega com a linfa mais serena
E esta árvore, precisa à humanidade,
Froncosa, durará na eternidade.

A S.M. F. A SENHORA D.MARIA II, POR OCASIÃO DE SUA
PRIMEIRA IDA PARA A EUROPA

SONETO

Para sempre, ai de nós, Rainha Augusta,
Deixas os pátrios lares tão queridos,
E a glória que vais dar a povos fidos,
Aos fidos brasileiros quanto custa!

Do mar, do vento a ira nos assusta,
Mas já por ti não somos atendidos
Soam daqui, dali, tristes gemidos,
Nossa dor e saudade, ah! Como é justa!

O pátrio rio que vaidoso ondeava
Ufano com teus dons, queixoso agora,
A margem triste com seu pranto lava;

Do excelso pai o rosto se descora,
E o Brasil, que contente te encarava,
Triste e saudoso, te suspira e chora.

SONETO

Oferecido a S.M. o Senhor D. Pedro II, por ocasião do seu
faustoso aniversário natalício, no dia 2 de dezembro de 1839

Príncipe egrégio, o Povo que Te adora
Ávido conta Teus faustosos Anos,
Anelante por findos ver seus danos,
Que em paz Rejas sem cessar Te implora.

Quando deste almo dia rompe a aurora,
Teus súditos, Senhor, ledos e ufanos,
Dirigem votos mil aos céus soberanos
Por Tua imensa dita a toda a hora.

Defendidos por Ti, por Ti guiados,
Contam chegar ao cume da grandeza,
Sendo de ambos os Mundos invejados.

Como em sorte Te coube esta alma empresa
Serão os Feitos Teus ilimitados,
E darás novo esmalte à Realeza.

SONETO

ao glorioso dia 2 de dezembro de 1810, aniversário natalício
de S.M. o Imperador

Ao ribombo festivo de Mavorte,
Que a ventura e a Paz nos anuncia,
Minha mente se eleva e se extasia,
Pensando na da Pátria honrosa sorte.

O renovo do herói prudente e forte,
Fundador da Brasília monarquia,
Regendo o Povo Seu com energia,
Afugenta do Império a Guerra, a Morte.

Só bastaram três lustros ao Soberano
Para bem dirigir a nau do Estado!...
Oh! triunfo do Solo Americano!...

Vomite embalde todo inferno irado
Os ígneos raios do feroz Vulcano,
É nosso Escudo Pedro, e o Céu sagrado.

SONETO

oferecido a S.M.o imperador, por ocasião de
haver o mesmo augusto senhor assumido
os direitos políticos, em 23 de julho de 1840

Tito a Pátria salvou, foi Pai de Roma,
Tu és um novo Tito em tenra idade,
E do Cetro, que exprime a Majestade,
Tua Mão salvadora o peso toma.

Na vasto império teu ridente assoma
O brilhante fulgor da sã verdade;
E o tronco da segura liberdade,
Que Pedro, o herói, plantou, levanta a coma.

O mesmo povo teu, que desvairado
Encheu a Pátria de terror, de lutos,
Submisso há de adorar-te de bom grado.

São divinais, senhor, teus atributos;
Ó Príncipe imortal, com teu reinado
Medrarão no Brasil da paz os frutos.

SONETO

Ao mesmo assunto

Oh! Povo heroico, de prazer exulta!
 O teu libertador é Anjo, é Nume,
 E de suas virtudes o perfume
 Embriaga, deleita, e não se oculta.

Ei-a, agora a anarquia esmaga, insulta,
 Não temas de seu ferro o ervado gume,
 Os heróis triunfar tem por costume,
 Já de Pedro, no globo, o Nome avulta.

Nosso augusto Imperante portentoso,
 Dos seus herdando glória e Majestade,
 Fulge, qual novo Astro luminoso.

Graças mil à Suprema Divindade,
 Em todo o Solo do Brasil famoso
 O brado ecoa – da Maioridade

SONETO

Ao mesmo assunto

Em prantos de prazer banhando o rosto,
 Eu te saúdo, oh! Príncipe ditoso,
 Já dos direitos teus entras em gozo,
 Raiam para o Brasil dias de gosto.

O Céu, o justo Céu, tinha disposto
 Findar agora o tempo c'lamitoso;
 Um futuro Te espera radioso,
 Segue firme, Senhor, teu pressuposto.

Verás a glória tua eternizada
 Nos fastos do Brasil em alto metro,
 Por quantos vão à olímpica morada.

Da Paz os hinos soarão no plectro,
 Ornando-te a Brasília gente honrada
 De mirto a C'roa, de Oliveira o Cetro.

SONETO

Aos anos

De S.A. A sereníssima senhora D. Januária,
no dia 11 de março de 1842

Hoje, Princesa, que o Brasil Te aclama,
De seu seio o mais nítido diamante;
E soberbo contigo, e radiante
Te mostra ao mundo, Te remete à fama:

Eu ardendo de amor na pura chama,
Eu ardendo em desejo palpitante,
A ideia levo ao Céu, e nesse instante
Em fogo divinal toda me inflama.

Enquanto o mundo a ver-Te se conspira,
E os brados solta em íntimo transporte,
Eu a triste, a mesquinha empunho a lira.

E a minha afrontando infausta sorte,
Por entre a multidão, que assaz me admira,
Com meu estro Te livro às leis da morte.

A SUA ALTEZA IMPERIAL

O sereníssimo príncipe D. Affonso Pedro, por ocasião do seu
faustoso aniversário natalício, em 26 de fevereiro de 1846

Excelso Affonso, Príncipe ditoso,
Iris de paz, indício de bonança,
Tu és da Pátria a sólida esperança,
Pois Contigo alcançou doce repouso.

Agora já da paz pleno gozo
O povo, que te adora, te afiança,
Que fido às leis e ao trono ele não cansa
De bendizer o teu natal faustoso.

Tu, há quase três lustros prometido,
Para dar ao Brasil glória e grandeza
Por boca santa que não tem mentido:

O esmalte serás da realeza,
E lá nesse porvir desconhecido
O Céu te aguarda a mais sublime empresa.

Ao feliz natalício de S.M. o Imperador, o senhor D. Pedro II,
no dia 2 de dezembro de 1843

Desponta no horizonte o alvor do dia
Faustoso e ledó que o Brasil venera;
De Mavorte o trovão nos ares troa,
Não como anúncio de cruenta guerra,
Mas de paz, de prazer, de glória e vida:
A Nação Brasileira, que se ufana
Vendo no solo um Monarca excelso,
Prole de Heróis, herói por excelência,
Que do seio de um Deus baixará ao mundo
Para reger aos homens desvairados
Com benigna mão, saber profundo,
E Prudente, Piedoso e Justiceiro,
O Cetro sustentar, honrar o Cetro.
Oh! Egrégio Monarca, eu te saúdo!
Como prova de amor e de respeito,
E o povo Teu, fiel e agradecido
Em cada peito Te oferece um trono.
Aí Imperas Consorte Augusta
Modelo singular de sãs virtudes,
Que o tornam divinal, e lhe granjeiam
Puras adorações, e grato incenso,
Que nas aras da pérfida lisonja
Jamais se viu arder. Não, que a virtude
Tem mérito real, que não se ofusca.
Sua glória imortal não sofre míngua,
E a homenagem que o mundo lhe tributa
É sincera e leal, e respeitosa.
Que tal é da virtude o poder grande!
Terra de Santa Cruz exulta ovante
Que para engrandecer-te o Céu te há dado
Um par Celeste digno de Trono
Que PEDRO invicto, que esse Rei Divino
Fundara para ser de Heróis assento.
Que porvir radiante se me antolha!
Vejo descer o Céu e a paz fecunda
E abençoar-te, ó Terra hospitaleira,
Que a anarquia cruel tem devastado.
Comércio, Agricultura, Arte, Ciências
Ver-se-ão prosperar sobre os auspícios
Dos dois ínclitos Numes que adoramos,
PEDRO e THEREZA. Oh! Júbilo! Oh! Ventura!
Hinos em seu louvor o Povo entoa
E o eco de seus Nomes tão queridos
Na extensão do Brasil hoje ressoa.

À VIRGEM SANTÍSSIMA SENHORA DA CONCEIÇÃO

SONETO

Já toco o final termo, oh! Mãe querida,
 Augusta Imperatriz do Céu e terra,
 De meus crimes imensos sinto a guerra,
 Chorando o uso mau que fiz da vida.

Atende-me, Rainha esclarecida,
 O susto, a confusão, de mim desterra,
 E se imenso poder em ti se encerra
 Presta-me auxílio, e não serei vencida.

Advoga por mim, Mãe adorada,
 Na presença de um Deus Onipotente
 Para que dele eu seja perdoada.

Por ti minha alma seja Deus presente,
 Porque sendo por ti apresentada
 Não será confundida eternamente.

TRIBUTO DE GRATIDÃO

Que ao generoso público desta capital, por ocasião do
 Seu benefício no Teatro de São Januário, a 26 de maio
 De 1840, oferece a desditosa autora

Eis-me outra vez, Congresso benfazejo,
 Trazida pela mão da desventura
 Ante vós, suplicando, e consternada
 Procurando o sustento, a paz, a vida!
 Ah! Se a todos pudesse, transportara
 Aos seios de minh'alma sempre aflita!
 Eu quisera, que vissem minhas dores,
 E os sofrimentos meus, e meus martírios!
 Muito a custo se estende a mão, que pede,
 Quando a luz da razão na mente brilha.
 Mas, que posso eu fazer? Fraca, nas trevas,
 Sem gozar desse dom, que é quase a vida?
 Sim, a vida o que é? É força, é gozo,
 É a luz, que ilumina o espaço imenso...
 Quem não goza a brilhante primavera,
 Aquela a quem diante de seus olhos
 Todas as flores têm a cor da noite,
 Para quem tintos são todos os frutos
 Nessa cor tenebrosa, que me cerca,
 Que não distingue as cores dessas aves
 Que os ares cruzam, que nos ramos pousam;

Que as estrelas não vê, que não avista
 Do Sempiterno esse cortejo imenso,
 Milhões de mundos, que o espaço habitam:
 Oh! Quem isso não vê, nada avalia;
 Tem só da vida a parte que não presta...
 Mas, o que disse! Eu vivo: pois não sinto
 Tão vivas impressões dentro em minh'alma?
 E na mente não tenho essa centelha,
 Esse fogo divino que me aquece?
 Dentro em meu coração não sinto sempre
 Esse foco de amor, que ao Céu me eleva?
 Não envio a meu Deus os puros hinos
 Que por um mesmo impulso se originam!
 E por ele, Congresso caridoso,
 Que hoje aqui sobre mim com mão bem larga
 Derramais valiosos benefícios.
 Sois a imagem do Ser Onipotente,
 Que jamais abandona o desgraçado.
 Tal como o desditoso, que nas ondas
 Luta debalde com o furor do tempo,
 E quando nos abismos vai sumir-se,
 Mão salvadora rápido o aguenta,
 E na próxima praia o arremessa;
 Quando curvada ao peso da desgraça
 A penúria, a indigência me combatem;
 Quando angústias cruéis me dilaceram,
 E a necessidade...(horror...) me abate;
 O vosso braço forte me alevanta,
 E com esse ouro, cuja cor não vejo,
 Me comprais muitos dias de ventura.
 Sem vossa proteção já não vivera;
 Vós sois a mão de Deus, eu, pois, a beijo:
 A vossa caridade é meu abrigo,
 A minha gratidão é todo o prêmio.

MONÓLOGO DE GRATIDÃO

recitado pela autora no teatro de S.Januário,
 em 18 de novembro de 1842

Outra vez aqui estou, prestai-me auxílio!...
 Estendei esta mão beneficente,
 Alentai-me essa vida, que se escapa
 Ao esforço contínuo de meus males...

De meus males!... Oh! Dor na mente aflita
 A minha história toda eu leio agora...
 Nascida apenas, vi sumir-se o dia
 Como um bem que nos chega, e que nos foge...

E assim troquei a vida esperançosa
 Por existência inútil, vã, quimérica...
 Mas também se dois olhos eu não tinha,
 Eram quatro os que em mim se achavam sempre.
 Os olhos de meu Pai, da Mãe terníssima...
 Perspicazes velavam meu destino;
 E assim meus débeis passos se afoitavam...
 Seus desvelos, caricias, seus cuidados
 Da minha ideia desviavam sempre
 A extensão dessa perda, que eu sofria.
 Cheguei a ser feliz, a amar a vida.....
 Porém deste meu ser mesquinho, fraco,
 Os esteios caíram finalmente...
 Horrível mão da morte arrebatou-m'os...
 Consentí-me estas lágrimas que choro...
 Foi perdendo-os, que eu vi que nada via...,
 E assim duas vezes de meus olhos
 Vi sumir-se essa luz maravilhosa,
 Essa luz, que procuro, e que não acho...
 Desde então nesta vida solitária
 Anelante não tenho o bem, que eu tinha...
 E na ausência dos Pais eu vos procuro,
 Filha de vós, de vós viver eu quero,
 Congresso benfeitor, meu pai, meu Nume.
 Hoje qual uma tábua no oceano,
 Abandonada ao ímpeto das ondas,
 E perdida para todos: - tal me vejo!...
 Tudo careço, porque a luz é tudo,
 Dai-me a luz...dai-me a luz; em vão vos peço...
 Pois bem, o braço ao menos, e segura
 Meus passos levarei à sepultura.

MONÓLOGO DE GRATIDÃO

Recitado pela autora no teatro de São Francisco

Da mesquinha indigência por vós salva,
 Congresso benfeitor, eis-me presente,
 De santa gratidão toda abrasada:
 Nas torrentes de vossos benefícios
 Eu afronto a desgraça que me acena,
 E que promete mesmo aniquilar-me;
 Aos duros golpes seus oponho o escudo
 De vossa proteção. congresso amigo,
 Que seria de mim? Ah! Que seria!!..
 Se vós não fosseis tão beneficente?
 Longe dos lares onde a luz primeira
 Meus olhos viram, por pequeno espaço,

Solitária, infeliz, e desvalida
 Uma alma como a minha sucumbira
 Ao peso enorme de funestos males!...
 Vós me estendeis a mão benigna e pia,
 Eu cobro novo alento, eis que me animo,
 E guiada por vós caminho afoita:
 Nos vossos olhos acho os meus, que a sorte,
 Tão desumana, me roubou na infância;
 Porém que digo, ó sumo Deus, perdoa,
 Privando-me da vista, ó Deus quem sabe
 Se me exemplaste de terríveis males
 Que a vida me tornassem mais pesada?
 Congresso benfazejo, um Deus piedoso
 Que vê tudo presente, e eterno abarca
 Do veloz tempo avaria imensidade,
 Em vós depositou meu lenitivo,
 Compensação de perda mais infausta;
 Respeitosa o adoro, e vos bendigo;
 E enquanto o sangue me girar nas veias,
 Vossos louvores cantarei contente,
 Congresso benfeitor, meu Pai, meu Nume!

Ao feliz consórcio de SS.aa.II. a sra.Princesa
 D. Januária e o Sr. Conde D'Áquila,
 no dia 28 de abril de 1844

Ramo de régios troncos, eia, acolhe
 Tributos que por mim Te são devidos:
 Do Amor, da gratidão que n'alma sobram,
 Sobem por Ti ao céu votos ardentes,
 Que um povo inteiro fervoroso manda
 Nesta época de júbilo, ditosa,
 Em que se apertam veículos sagrados,
 Que afiançam à pátria um lisonjeiro
 Porvir, que o mundo todo inveje e cite!
 Eflúvios de prazer os Brasileiros
 Sentem com Tua dita, ó Filha excelsa
 Do Fundador do Império do Cruzeiro,
 Desse Herói dos dois mundos, que não teve
 Rival na sua glória em toda a idade,
 De quem dirão os séculos futuros,
 Cheios de pasmo de seus altos feitos:
 -Pedro! Pedro imortal! A Tua história
 É sem par até aqui, e o será sempre. –

E Tu, Princesa egrégia, que hás herdado
 De tão sublime Pai os dois subidos
 Quanto amor não mereces, quanto estima,
 E até veneração do Brasil Todo!...
 Daqui, dali, os parabéns ressoam,
 Sempre em almo transporte repetidos,
 E abençoando o tálamo ditoso,
 Preces de coração e um Deus enviam,
 Para que alongue os preciosos dias
 Que deves desfrutar em paz serena,
 Junto Desse, que dentro d'alma adoras,
 Príncipe Augusto, de virtudes cheio,
 Que para Ti formou o Ser Supremo,
 Pois para Esposo Teu, cumpre ser Nume!
 E Nume o julgo, que mortal não basta!
 Em tão doce união brilha e prospera,
 Flor melindrosa, esmalte deste solo,
 Irmã Digna do Irmão, a quem submisso
 Obedece e venera o vasto Império,
 Onde o Céu é mais puro, e mais radiante.

À SRA D. MARIA DA PENHA PINTO DE MIRANDA MONTENEGRO

DÉCIMA

Qual lindo botão de rosa
 Há pouco desabrochado,
 Teu semblante delicado
 Se mostra Armia mimosa;
 Com teus ascendentes goza
 De ventura perenal,
 E esse Ser imortal
 Que deu-te humana beleza,
 Te dê para mor grandeza
 A beleza divinal.

AO ILMO E EXMO. SR.
VISCONDE DE CONGONHAS DO CAMPO

SONETO

A vil adulação, lisonja infesta
Não mancham versos meus, não os bafejam,
Razões para louvar-te me sobejam
Tua história, Senhor, e manifesta.

Se acaso geme aflita a Pátria mestra
Tu és daqueles que salvá-la almejam,
És dos heróis que lidam, que forcejam
Para extinguir a guerra assaz funesta.

Quando juiz, remir buscaste o aflito
Trilhando sempre a estrada mais segura,
E d'Israel louvando o Deus Bendito.

Com tais ações a tua alma se depura,
Assim enches o tempo honrando invicto
A Pátria, as letras, e a magistratura.

AO ANOS DO ILMO SR. ANTONIO JOSÉ DE ARAÚJO

SONETO

Oh! Tu, Que no crisol de mil azares
Tens as tuas virtudes apurado,
Tu, a quem por querer de injusto fado
Acometido tens cruéis pesares:

Da santa Gratidão ante os altares
Recebe os votos meus, e sê cantado
Neste almo dia sempre afortunado,
De glória e de brasão aos pátrios lares.

Ah! Não vivas, Aônio, receoso;
Chama-te a pátria, a glória te convida.
E um porvir te aguarda luminoso.

A quem Nume nasceu não intimada
Da Parca dura o braço poderoso;
Terás do sábio, Aônio, a fausta vida!

AO ILMO E EXMO.SR.FRANCISCO CORDEIRO DA SILVA TORRES,
no dia 10 de julho,
aniversário de seu feliz nascimento

SONETO

Saúde e paz, e perenal ventura
O céu concede ao meigo, ao bom Franzino,
E de todos os bens, o bem supino
Goza no seio da amizade pura.

Se uma alma nobre, e cheia de candura
Torna o seu coração semidivino,
O ente assim perfeito se faz Dino
De longa vida, cheia de doçura.

Um Deus Clemente os dias seus proteja,
E a minha musa prazenteira cante
Seu faustoso natal que tanto almeja.

Salve, oh! Dia feliz, volver radiante,
Franzino entre delícias mil te veja,
Cem vezes adorado, e triunfante.

SONETO

DEDICADO AO ILMO E EXMO.SR. JOAQUIM NUNES MACHADO

*Cantando espalharei pelo Universo
Se tão sublime preço cabe em verso.*

Oh! Tu que tens tão generoso peito
Que abrigas nele todo o desgraçado;
Deste meu coração que é votado
Recebe os cultos a que tens direito.

Gratidão, amizade, amor, respeito,
Tudo, tudo, Senhor, te hei consagrado,
Desde aquele momento amargurado
Que consolaste o herói no infausto leito.

Aceita os filhos meus! Exclama o triste,
Achem eles em ti, o pai, o amigo;
E quanto prometeste, enfim cumpriste.

Oh! Nunes imortal, eu te bendigo,
Tua alma heroica, firme ainda persiste,
Mas, ah! Dizer qual és jamais consigo.

SONETO

FEITO AO FELIZ CONSÓRCIO DO ILMO SR. ANTONIO JOÃO
 FERNANDES PIZARRO GABIZO, COM A ILMA. SRA. DONA
 MARIA JESUÍNA, EM 7 DE AGOSTO DE 1844

Do himeneo arde a tocha fulgurante,
 Que na chama de amor foi acendida,
 Preces dirige ao céu a esposa fida,
 A bem do esposo que ela adora amante.

Exulta Armia, pois que tens diante
 Vivo exemplo de fé que te convida
 A guardar a lealdade prometida,
 E o mais ardente amor sempre constante.

Nesse que busca sempre desvelado
 Desempenhar de pai a sã ternura,
 Tens um modelo assaz nunca imitado.

Oh! Meigo e feliz pai, goza ventura,
 Que um Deus imenso e bom te há destinado.
 No regaço da paz serena e pura.

SONETO

OFERECIDO AO ILMO SR. DR. LUIZ CARLOS DE PAIVA TEIXEIRA

Teus dons sublimes, oh! Teixeira invicto,
 Louvar pretendo e já pulso a lira;
 Mas, por mais que as vibrantes cordas fira,
 Nem a um débil cantor se quer imito.

Esse dedo de um Ser todo infinito
 Em tua alma divina se admira,
 Ah! Que ainda que versos mil profira,
 Os teus dotes cantar em vão cogito.

Não cabe em verso da virtude o preço,
 Beneficência, amor da humanidade,
 Enobrecem teu peito, assaz conheço.

Tocou-te minha mísera orfandade
 Eis que os males minoras que padeço,
 Tu que és cópia fiel da Divindade.

SONETO

OFERECIDO AO ILMO SR. CONSELHEIRO FRANCISCO CORDEIRO
DA SILVA TORRES E À EXMA.SRA. D. MARIA CÂNDIDA DA SILVA TORRES,
NO FELIZ NATALÍCIO DE SEU FILHO O EXMO. SR.
MIGUEL CORDEIRO DA SILVA TORRES

Vós que o ser haveis dado, e sãos costumes
A Milíbio gentil, ente adorável,
Tão piedoso, tão terno e tão afável,
Que inveja incitar pode aos próprios Numes.

Se da vida provais os azedumes
O Céu vos recompensa favorável:
Sim! Nesse dia que vos deu, filho estimável,
Um bem tendes que adoça os pesadumes.

Deus o preserve de funestos danos,
E este dia feliz ledó e jucundo
Raiar ver possa mui longos anos.

A honra e glória, enfim seja do mundo,
Por fausto agouro de bens tão soberanos,
Eu vos saúdo, com amor profundo.

SONETO

AO FELIZ NATALÍCIO DA ILMA SRA. D. MARIA ROZALINA DA SILVA,
NO DIA 17 DE MARÇO DE 1846

A linda rosa que purpúrea nasce,
Por agudos espinhos bem guardada,
Tão mimosa não é, tão engraçada
Como, Armia gentil, é tua face.

Antes que um Deus tão bela te formasse,
Decretou tua sorte afortunada,
Deu-te uma alma, e virtude sublimada
Não receies que o fado te ameace.

Três lustros contas com sereno rosto
Bem como luz o raio matutino,
Da abóbada celeste, no composto.

Confio, Armia, no poder Divino
Que apartando de ti fero desgosto,
Faça o mundo invejar o teu destino.

SONETO

AO MESMO ASSUNTO

Meu peito acostumado à dor e ao pranto,
 Cantar não pode teu natal faustoso,
 A musa em balde invoca, esperançoso
 De com ela soltar celeste canto.

Não, Francino imortal, não posso tanto,
 A meu fado ceder é pois forçoso;
 Mas ao som de teu plectro harmonioso,
 Se rasga da tristeza o denso manto.

Em torrentes de glória e de doçura
 Se alarga o coração neste áureo dia,
 E um viva com mil vivas se mistura.

Oh! Novo Orfeu, sim ele te anuncia
 Uma completa, perenal ventura,
 Que nascera da harmônica magia.

SONETO

OFERECIDO AO ILMO. SR. FRANCISCO DE SÁ NORONHA

De Chipre o bando que da vida e morte,
 Hinos festivos neste dia entoa,
 De nova lira os feitos apregoa;
 Que a todos causas divinal transporte.

Voa do Norte ao Sul, do Sul ao Norte,
 Em toda a parte o grande nome ecoa,
 Do rival de Ampião a quem coroa
 A papisa Deusa por faustosa sorte.

O Pai dos numes inclinando a fronte,
 Profere de Noronha o nome augusto;
 Enchendo de fulgor o Etéreo monte.

O decreto que ordeno(disse), é justo,
 Assomará cem vezes no horizonte
 Esse dia de glória assaz vetusto.

SONETO

Tenho um só coração e pouco achava,
 Para amar um mortal que eu julguei Nume,
 E abrasada em voraz, cruel ciúme
 Minha alma loucamente o adorava:

Meu peito de gemer cansado estava
 Sem contra Amor soltar um só queixume;
 Quem ama como eu, tarde presume
 Que amar não deve, que seu mal agrava.

Vem a razão com o tempo tarde e lento,
 E então em nossa alma iluminada
 Extingue-se de amor o ardor violento.

Agora pois de ingrata sou chamada,
 Mas diga Elmano sem constrangimento,
 Quem jamais tanto amou não sendo amada.

SONETO

Amei, é certo, no verdor dos anos,
 Porém em balde a Amor me sujeitava,
 Porque minha homenagem rejeitava
 O Deus que o mal e o bem manda aos humanos.

Da desgraça sofrendo acerbos danos
 Amargas sensações experimentava,
 Das duras aflições por que eu passava
 Tirei por frutos tristes desenganos:

Assim se esvaeceu a mocidade
 Tendo vida infeliz sem luz, sem norte;
 Mas sempre amando a Deus e a sã verdade.

Frustrou minha esperança a dura sorte,
 Caí por fim nas mãos da enfermidade,
 Já não pertença a Amor, pertença à morte.

SONETO

A MUITO SENTIDA MORTE DO ILMO. SR.
JOSÉ DE SOUZA BREVES

*Não é no mundo, não, onde se alcança
Os prêmios que aos heróis immortalizam;
Mundanas honras, fugidas riquezas,
Tudo fantasmas são que a qualquer sopro
Ou do tempo ou da morte se dissipam.*

Suspende o pranto teu, não mais gemidos
Da alma saudosa arranques, filho amado,
Que teu ilustre pai no céu sagrado
Goza os prêmios que a poucos são devidos.

Dos amigos fieis e agradecidos,
Durante a vida foi idolatrado,
E ainda hoje, nenhum túmulo encerrado,
Se lhe dão os louvores merecidos.

Tal é do justo a venturosa sorte,
Que não vai todo à fria sepultura;
E se vê triunfante além da morte.

Toda a grandeza humana pouco dura,
Feliz quem segue da virtude o norte,
Pois qual astro de luz no céu fulgura.

A MUITO SENTIDA MORTE
DO CORONEL JOÃO NEPOMUCENO DA SILVA,
Cunhado da autora

SONETO

Pai! Clamavam os filhos delirantes,
Submersos na dor que os lacerava;
Saudosa, aflita, a esposa ausente estava,
Aos céus mandando preces incessantes!

Nesses da morte horríficos instantes,
O esposo os nomes seus balbuciava,
Nem o horror extremo embaraçava
De sua alma os afetos dominantes.

Com o suspiro final mistura o nome
Daquela que até ali prezara tanto!
Oh! Sacro amor que a morte é que o consome!

Já não existe o herói! Oh! Dor, oh! Pranto,
Quem tanto à Pátria fez ganha renome
Que ileso vive de mortal quebranto!

AO EXMO. Sr. SENADOR DO IMPÉRIO
D. MARCOS ANTONIO MONTEIRO DE BARROS

SONETO

De altos feitos o herói guerreiro, forte,
Ufano enche as páginas da história;
Mas do herói virtuoso, a grande glória
O Bem da humanidade tem por norte.

Não te assustam revezes da ímpia sorte,
Despreza a fama vã que é transitória,
De sua alma nem quer fazer notória
A piedade que o salva à dura morte.

Morrer não pode, o justo, o virtuosos;
Do guerreiro a quimérica vaidade,
Com ele desce ao fúnebre repouso.

Oh! Marcos imortal, tu na verdade
De sublimes virtudes já no gozo,
Vês teu nome voar à eternidade.

AO ILMO Sr. JOSÉ LUIZ CAMPOS DO AMARAL,
POR OCASIÃO DE SEUS FELIZES ANOS,
EM 14 DE JANEIRO DE 1846

SONETO

Oh! Ilustre Amaral, varão preclaro,
Eu te saúdo em métrica harmonia
E banhada em torrentes de alegria,
Louvar pretendo um coração tão raro.

Teu gênio afagador, a todos caro,
Contemplo na absorta fantasia,
Quanto é tua a alma, generosa, e pia,
Oh! Ilustre Amaral, varão preclaro!

Ornado do esplendor de sãs virtudes
Teus dias goza, ao lado do consorte
E apraza ao justo Deus que nunca mudes.

Temer não deves inconstante sorte,
Tu que franco e leal jamais iludes,
Saberás triunfar da lei da morte.

AOS ANOS DO ILMO Sr. LUIZ JOSÉ CAMPOS DO AMARAL GURGEL,
NO FAUSTO DIA 28 DE FEVEREIRO DE 1846

SONETO

Que dia é este que risonho assoma
Em carro de cristal resplandecente?
Quão bosque lindo, ameno, e florescente
Dourando vem a verdejante coma!

Se como ao grão cantor da Grécia, ou Roma
Jové imenso me desse a voz e a mente;
Em verso cantaria a toda gente,
Que dia é este que risonho assoma.

Oh! Inclito Gurgel, teu natalício
Cantar quisera, mas não posso tanto,
Deus, oh! Deus, a meu rogo sê propício!

Da gratidão aceita o voto santo
Ampara um coração alheio ao vício,
E protege o herói, que louvo e canto.

À MINHA ILUSTRE COLEGA, A SENHORA D.DELFINA BENIGNA DA CUNHA
1º de junho de 1845

EPISTOLA

Recebe , Delfina egrégia,
Minha Musa peregrina;
Segunda vez vai saudar-te;
Acolhe-a meiga, e benigna.

Há já muito, e de bem longe,
Que teus talentos admiro;
Há já muito que ansiosa
Por conhecer-te suspiro.

Ouvir-te, ver-te, e amar-te,
Ser talvez por ti amada,
Eis o desejo mais vivo
Desta alma que te é votada.

Portento da Natureza!
Gênio puro, e transcendente!
Comunica-me um reflexo
Desse coração ardente.

Eu de ti me julgo digna,...
Perdoa-me esta jactância;
Mas tenho glória em dizê-lo;
Sou exemplo de constância.

Se chegar a conseguir
Do teu afeto um penhor,
Eu prometo de pagar-t'ó
Com mil finezas de amor.

Ah Delfina! E como é bela
Da amizade a efusão!
É ela o néctar suave
De um sensível coração.

Um'alma despedaçada
Das injustiças de Amor,
Só no seio da amizade
Acha alívio à sua dor.

Só ela nos fortifica
Nas penas, nas aflições;
Sem ser sujeita aos caprichos
Das tormentosas paixões.

Quando o tempo, e a experiência
Os seus votos têm selado,
De uma ventura perene
É ela o penhor sagrado.

Mas esta ventura é rara:
Muito custa a alcançar-se:
Longos dias viver deve
Afim de consolidar-se.

Contudo, eu ousou oferecer-te
Sincera e pura amizade,
E protesto dar-te provas
De constância e lealdade.

Não sabes quem sou; mas eu
Em teus escritos te vejo:
Eles em minha alma acendem
De amar-te vivo desejo.

Não conheces a minh'alma;
Mas podes inda julgá-la;
Tu não vês a Natureza,
E sabes tão bem pintá-la!

És Delfina, e és Benigna!
 Oh! Que nomes preciosos!
 Os sons das harpas celestes
 Não são mais harmoniosos!

Ambas peregrinas somos,
 Sem fortuna e sem abrigo:
 Uma lira, e nada mais
 Nos concede fado inimigo.

Amemo-nos pois, Delfina,
 Nós nascemos para amar:
 Seja mútua a simpatia,
 Tanto me atrevo a esperar.

Envia-me de tua alma
 Um sentimento de amor;
 Honra a musa, que procura
 Aquecer-se ao teu fulgor.

E à sombra das ígneas asas
 Do teu estro superior,
 Há de o meu, com voz submissa
 Dedicar-te hinos de amor.

Beatriz Francisca de Assiz Brandão

QUADRA

OFERECIDA À ILMA Sra. D. BEATRIZ FRANCISCA DE ASSIZ BRANDÃO,
 Em resposta à epístola precedente.

*Pensando no teu destino
 Passo a noite, passo o dia,
 Tudo que me cerca é triste
 Já perdi toda a alegria.*

GLOSA

Lilia, divina poetisa,
 Que animas o quase extinto
 Estro meu, tanto que sinto
 Que a mente se diviniza;
 Sim, tu que tens por divisa
 Constância, esse dom divino,
 Que te há dado o céu benigno,
 Desprezas sorte homicida;
 Mas eu só vivo, querida,
Pensando no meu destino.

Qual fui, qual sou, Lilia bela,
 A minha ideia me pinta
 Minha mágoa se requinta
 E maldigo a minha estrela,
 Bem que de amor na procela
 Não naufraga a fantasia
 Mas, ó Lilia, quem diria,
 Tal foi a antiga paixão
 Que inda em pungente aflição
Passo a noite, passo o dia.

Sem futuro, sem abrigo
 Eu vago sem luz, sem norte,
 Esperando desta sorte
 Baixar ao frio jazigo;
 Só terminará comigo
 Este mal que em mim existe,
 E tu que leda me viste,
 Oh! Rio, cantando outrora
 Vê como infeliz agora
Tudo que me cerca é triste.

Mas, ó Lilia, o meu pesar
 Só tu abrandar soubeste,
 Pois com teus versos me deste
 Um prazer bem singular:
 Eu só anhele abraçar
 A quem tanto me aprecia,
 Que por lei da simpatia
 Mil bens me está ofertando,
 Que me busca terna, quando
Já perdi toda a alegria.

MOTE

*Triste, e cada vez mais triste,
 Eu sinto meu coração.*

GLOSA

Grande Deus, tu que me viste
 Tua lei obedecer,
 Ah! Não me deixes viver
Triste, e cada vez mais triste.
 Vê, Senhor, que não resiste
 Minha alma a tanta aflição:
 Meu Deus, conforto e perdão,
 Põe limite ao meu tormento;
 Pois quase exausto de alento
Eu sinto o meu coração.

SONETO

OFERECIDO À ILMA.SRA. D. ALBINA DOS SANTOS PEREIRA.

Que arroubo é este que minha alma abala!
 Que doce voz que angélica magia!
 Será pois este o canto de Thalia?
 Oh! Que diva será quem assim fala?

É Albina gentil, e quem a iguala
 Nos encantos da grata melodia?
 De prazer ela todos extasia
 E a dura muda rocha um ai exala.

Sensível torna toda a natureza
 E até mesmo esses peitos diamantinos
 Já pressentem de amor a chama acesa.

Tanto podem teus sons magos divinos
 Albina, brilha em ti toda grandeza
 Do Deus que rege aos mundos e os destinos.

EPISTOLA

FEITA POR OCASIÃO DA PACIFICAÇÃO DA PROVÍNCIA
DO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO DO SUL

Terror, desolação, longe, oh! Patrícios,
 Raiou da paz o dia desejado.
 Oh! Paz filha do Céu, do Céu descida
 Nunca jamais os nossos campos deixes!
 O sangue em jorros que os sulcos outrora,
 Vertidos por irmãos sangue não pede
 Lava-os, oh! Paz, com teu orvalho puro!
 Com teus eflúvios purifica os ares
 Que empestados por lustros dois hão sido
 Pelos vapores da cruenta guerra.
 Essa fúria cruel destruidora,
 Esse furor que os homens desatina,
 Parto do inferno que desola a terra,
 Para sempre patrícios, para sempre
 Nos nossos lares pois seja banida.
 A vingança ferina que pretende

Infestar do Brasil o solo rico,
Crestar seus campos, perseguir seus filhos
Que o hálito de um Deus sustenta e guarda,
De um Deus que é todo amor, todo bondade,
Que os impérios eleva e que os abate
Se de torpes paixões são devastados;
Paixões que em peitos generosos, ternos,
Lugar não podem ter, porque as virtudes
Neles o trono seu afirmar souberam
Opondo ao vício atroz barreira forte.
O homem tropeçar no crime é força,
Porém nele insistir maldade é grande;
Voltai, retrocedei d'essa vereda,
Que iludidos por mãos haveis trilhado,
E a estrada da honra e da virtude
Solícitos buscai, patrícios caros,
Que sempre a bem dos bens um Deus vigia,
Providente e piedoso nunca falta,
E mais vezes perdoa que castiga,
Digo-a, pois o Brasil já quase imerso
No abismo insondável que o lançara
Sanhuda guerra (e de irmãos que outrora
Tão pacíficos foram, tão unidos
Que faziam inveja ao mundo todo).
Da Santa Cruz a terra assaz pregoa
Do Senhor de Israel as maravilhas.
Parecia extinguir-se o vasto Império,
E ao nada volver Nação briosa,
Quando oh! Jubilo! Oh! Glória! de repente
Em cada brasileiro a ideia surge
Do juramento sacro; oh! Juramento,
Sobre o Santo Evangelho proferido
Do Céu ouvido foste e o Céu te aguarda!
Rei e constituição adoram n'alma;
Rei e constituição os numes foram
De segurança e paz ao novo Império
Que pronto a baquear se ostenta ovante;
Graças, oh! Pátria! Que a razão fulgura
Nos filhos teus que dissidentes foram,
E unidos todos renovar procuram
De lealdade e amor o sacro voto,
Sustentáculo das leis, do trono augusto,
Quantos prodígios o Autor Supremo
Sobre nós esparziu com mão tão larga
E por cúmulo de tantos benefícios
Um príncipe nos dá, oh! Maravilha!
Ditoso Afonso! Tu o núncio foste
Da desejada paz, anjo celeste!
Dos nossos corações aceita a oferenda,
Não rejeites tão nobre sacrifício,

Ele é digno de ti, tu digno dele;
 Terra que em Santa Cruz tens por divisa
 Triunfante serás, serás ditosa.
 Patrícios caros, de prazer no arroubo
 Nos hinos de louvor a Deus votados
 Misturemos os Nomes tão queridos
 De Pedro Invicto, de Thereza excelsa,
 E de Afonso, penhor de segurança,
 Que do imenso poder nos foi legado,
 Glória a Deus no alto Império seja dada,
 De seus louvores seja a terra cheia.

MOTE

Erigir templo à virtude,
 Cavar masmorras ao vício.

GLOSA

Ouvi a quem não ilude,
 E fiel à tradição
 Pôde o grande Salomão
Erigir templo à virtude:
 Queira o Céu que não se mude
 Um tal bem em nosso exício,
 O tempo nos é propício,
 Do sábio honrando a memória,
 Cada qual tenha por glória
Cavar masmorras ao vício.

MOTE

Se o prazer num ponto existe
 É na raia da esperança.

GLOSA

A um sábio pergunta um triste
 Se ele pode alegre ser,
 Se é fácil achar prazer,
Se o prazer num ponto existe.
 Nossa alegria consiste,
 Diz-lhe o sábio, na mudança
 Apenas um bem se alcança
 Deixa de ser agradável,
 E se há prazer estável
É na raia da esperança.

MOTE

Gozo fácil ao nascer
Perde na essência o valor.

GLOSA

Elmano, não há prazer
Onde amor não impera,
E n'alma gosto não gera
Gozo fácil ao nascer.
Deixa com o tempo crescer
De parte a parte o amor,
Mimo, recato, e pudor
Fará nossa glória justa,
Um bem que pouco nos custa
Perde na essência o valor.

MOTE

O poder da simpatia
Nos liga em doce união.

GLOSA

Infunde doce alegria
Em minha alma grata e pura,
Os eflúvios da ternura,
O poder da simpatia:
O meu semblante anuncia
A minha satisfação;
De amor a forte atração
Faz de dois seres um ser,
E esse grande poder
Nos liga em doce união.

LIRA

Já perdi toda a esperança.

Como aflito navegante
Que mais não crê na bonança,
Assim de minha ventura
Já perdi toda a esperança.

O desgraçado por fim
Cedo ou tarde um bem alcança,
Mas eu nem tarde nem cedo;
Já perdi toda a esperança.

Quando se espera debalde
Finalmente o peito cansa,
Por essa causa Marília
Já perdi toda esperança.

Passando ainda a gemer
Sempre, sempre sem mudança,
Eis porque de meu descanso
Já perdi toda a esperança.

Só tenho um bem neste mundo,
É de meu bem a lembrança;
Pois, oh! Céus! De qualquer outro
Já perdi toda a esperança.

QUADRINHAS

DIRIGIDAS À MINHA QUERIDA AFILHADA, D.MARIA ROSALINA DA SILVA,
NO DIA DE SEUS FELIZES ANOS

Saudoso de ti ausente,
Armia cândida e pura,
Em meus versos te saúdo
Neste dia de ventura.

Dois lustros e mais um ano
Fez cantar neste almo dia,
Inda inocente desfrutas
Da juventude alegria.

Que vivas felizes anos
Te deseja o meu amor,
Cultivando da virtude
A sempre mimosa flor.

Só assim terás ventura,
Renome, esplendor e glória,
Tendo lugar o teu nome
No alto Templo da Memória.

Emprega, querida filha,
O teu tempo em aprender
Lições úteis para a vida,
Só assim terás prazer.

Se a sorte me permitir
O prazer de te abraçar,
Mostrarei por meus extremos
Que sei deveras te amar.

MOTE

*Essa ingrata que te ofende
Não merece o teu amor.*

GLOSA

Minha razão não compreende
Como pode ser amada
Uma infida e refalsada,
Essa ingrata que te ofende.
Os meus conselhos atende,
Se um momento senhor
De ti; e cheio de horror
Faz votos de não amar,
Pois quem te pode enganar
Não merece o teu amor.

MOTE

Terá fim, mas não sei quando.

GLOSA

O tormento da incerteza
Oprime meu coração,
Entre o temor e a paixão
Desmaia minha firmeza.
Oh! Lilia, a tua beleza
Me traz há dias pensando,
Ora de ti duvidando,
Ora a ti abandonado,
Oh! Bela, tão triste estado
Terá fim, mas não sei quando.

MOTE

De mim sem ti o que será?

GLOSA

Minha feliz existência
Vi a teu lado correr,
Julgando até que meu ser
Era imortal por essência;
Mas hoje que veio ausência!
Doce ilusão mais não há;
Realizado pois está
De humano o mortal tormento,
E digo a todo momento,
De mim sem ti o que será?

MOTE

*Um bem que ser meu devia,
Um bem que ser meu não pode.*

GLOSA

Concede-me, oh! Fantasia
A mais suave ilusão,
Goze eu em suposição
Um bem que ser meu devia.
Faze que a melancolia
Para mim veloz não rode,
E tu, Deus de amor, acode
A quem tens feito sofrer,
Faze que eu possa esquecer
Um bem que ser meu não pode.

LIRA

Josina bela,
Eu vou louvar-te,
Ensaio a lira
Para cantar-te.

Teus meigos gestos,
Garbo e beleza,
São os primores
Da Natureza.

A mesma Venus
Pasma de ver-te,
E o pomo de ouro
Já vai ceder-te.

Flora e Pomona
Coroas tecem
De rosa e lírios
Que te oferecem.

Mas lírio e rosas
Tu tens no rosto,
Que juntos formam
Lindo composto.

Na boca rubra
Brilha o marfim,
Cheiro exalando
Como o jasmim.

Se a voz desprendes,
Oh! Que magia!
De Céu se escuta
Essa harmonia.

Não és humana.
Tu, oh! Josina,
Na voz és Deusa,
Toda és divina.

DECIMAS

OFERECIDAS A D. THEODOSIA RAQUEL DA CUNHA E SILVA
NO FELIZ DIA DE SEUS ANOS

Minha musa pobre e triste
Não pode cantar teus anos,
A sorte dobra seus danos
E a eles ninguém resiste.
Mas como nesta alma existe
Grã desejo de louvar-te,
Vou neste dia saudar-te,
E ainda que em versos rudes,
Quero louvar as virtudes
Com que o Céu quer adornar-te.

Um coração terno e puro,
Uma alma toda inocente
Faz feliz o teu presente
E fará o teu futuro.
Ah! Não possa o fado escuro
Teus dias envenenar,
E se o Céu te quis dotar
De virtude e de beleza,
Nesta vasta redondeza
Feliz te faça chamar.

MOTE

*Se tu blasonas de isempto
Como te queixar de Amor?*

GLOSA

Se tu és do amor sedento
De quantas Damas avistas?
Como farás tais conquistas?
Se tu blasonas de isempto.
Entra em ti, muda de intento,
Não sejas enganador,
Não te faças delator
De teu próprio coração;
Se ele não sente paixão,
Como te queixas de Amor?

AO MESMO

Ninguém quer um só momento
Amar, sem ser compensado,
Como pois serás amado
Se tu blasonas de isempto?
Sofre o ciúme violento
De ver o teu contendor
Gozando um mimo, um favor
Daquela por quem padeces.
Mas se amor tu desconheces
Como te queixas de Amor?

SONETO

OFERECIDO A MINHA IRMÃ D. ANNA RAQUEL DA CUNHA E SILVA,
NO DIA DE SEU NATALÍCIO

Se a Morte austera com sanhudo braço,
Ceifou a vida que tu mais prezavas,
Se quando mais ditosa te julgavas
Defeito viste no Himeneo o laço.

Pudera bem que dia em curto espaço
Enxugar pode o pranto em que te lavas!
Ah! Vê que seu amor chorando agravas,
E não lhe pagues com amor escasso.

Entrega-te nas mãos da Providência
Que te deu filhos e amigos fidos
Para leve fazer tua existência

Tu verás os teus anos protegidos,
 Pelo Céu tendo mesmo consciência
 De que os rogos teus foram ouvidos.

MOTE

Amor perfeito não dura.

GLOSA

Toda humana perfeição
 Longe está de ser leal,
 Na terra tudo é mortal
 E sujeito à corrupção:
 O mais leal coração
 Às vezes mancha a fé pura,
 A experiência me assegura,
 Por sucessos mui fatais,
 Que assim como o tudo mais,
Amor perfeito não dura.

Tu juraste eterno ser
 O amor em que te abrasavas;
 E quanto mais o juravas,
 Se viu desaparecer:
 Ouso com véras dizer
 Que foi fementida a jura;
 Por lei da sábia natura,
 Tudo morre e degenera,
 Se esta lei jamais se altera
Amor perfeito não dura.

MOTE

*Minha alma afeita ao pesar
 Estranha toda alegria.*

GLOSA.

Eu só me quero engolfar
 Em tudo quanto há de triste;
 Por isso ao prazer resiste
Minha alma afeita ao pesar.
 Até chego a rejeitar
 Tudo aquilo que podia
 Tornar a melancolia
 Menos forte, e mais suave;
 Quem sofre pena tão grave
Estranha toda alegria.
 Não posso prazer achar

Nesta ou noutra situação;
 Não encontra distração
Minha alma afeita ao pesar.
 Eu fui forçada a deixar
 Um só bem que me nutria,
 Sufocando a simpatia
 De sublime transcendência,
 Quem faz a si tal violência
Estranha toda alegria.

E me quero abandonar
 A mágoa que me devora,
 E, oh! Sinto ter agora
Minha alma afeita ao pesar.
 Pois quisera não estar
 Preparada para agonia;
 Mas é tal a tirania
 Que abre em mim feridas novas;
 Sim, quem passa por tais provas
Estranha toda alegria.

Atreves-te a murmurar
 Da paixão mais firme e forte,
 Folgando ver desta sorte
Minha alma afeita ao pesar.
 Podes rir, podes zombar
 Por sevar a tirania
 D'essa alma que sendo ímpia
 Terno amor aparentava;
 Pois a minha que te amava
Estranha toda alegria.

AO ILMO E EXMO. SR. CONSELHEIRO FRANCISCO CORDEIRO DA SILVA
 TORRES, POR OCASIÃO DE SEUS ANOS

SONETO

Varão ilustre, douto e virtuoso,
 Ah! Nunca os dias teus manche a desgraça...
 E de tal sorte o Céu viver te faça,
 Que um gozo te suceda a outro gozo...

Para ti ande o tempo vagaroso,
 Sem os danos trazer de humana raça:
 Longa não é a vida que se passa
 Honrando a gente ao Todo-Poderoso...

Se tu és modelo dos humanos,
 Se o imenso poder moldou tua alma,
 Duplicados serão também teus anos.

Sábio e prudente, das paixões na calma,
 A verdade falando aos Soberanos
 Terás na terra paz, no Céu a palma.

OITAVAS

OFERECIDAS AO MEU ESPECIAL AMIGO, O ILMO E EXMO. SR. DR.
 JOAQUIM NUNES MACHADO, POR OCASIÃO DE, FALANDO DE SI, EXPRESSAR-
 SE PELO SEGUINTE MOTE:

*Uma série de anos muito comprida
 Minha frescura tem envelhecida.*

Bem sinto teus encantos, bem conheço
 Que teus méritos são de grã valia,
 Mas a pena mortal que ora padeço
 O meu Estro quase extinto me resfia.
 Nada pretendo, ao fim nada desejo,
 Negou-me a sorte toda a primazia,
 E tudo me tem feito esquecida
Uma séria de anos muito comprida.

Hei vivido de um século metade
 Suportando revezes da ventura,
 Em trevas vivo desde tenra idade
 Sem nunca ideia ter da formosura;
 Somente vejo a luz da sã verdade
 Que o norte da razão mostrar procura:
 Bem conheço que tão penosa vida
Minha frescura tem envelhecida.

DÉCIMAS

Não vos faltava a Nobreza
 Que de antigos troncos vem,
 Não vos faltava também
 Hora, virtude e riqueza.
 E o Imperante que preza
 Méritos que reais são,
 Quis pois fazer-vos Barão
 Para vos por junto ao trono;
 Digno sois de todo o abono
 Que aumente vosso brasão.

Pois a vossa alma é tão nobre
 Que nunca se ensoberbece,
 De Virtudes se guarnece,
 Honra ao grande, afaga ao pobre,
 Sim ao Céu quis que vos sobre,
 Todo o mérito real,
 E a consorte em tudo igual
 A vós que um Deus a formou,
 Tão benigna se mostrou
 Que a julguei imortal.

Sede feliz, par ditoso,
 Feliz seja a prole vossa,
 Nem a mesma morte possa
 Estorvar vosso repouso;
 De mil delícias no gozo
 Passareis à Eternidade.
 Ah! Tanta felicidade
 Meu coração vos deseja,
 E no peito me sobeja
 De louvar-vos à vontade.

QUADRA

*Teus lindos olhos puseram
 Meu coração desta sorte,
 Crava-lhe mais outra seta,
 Acaba de dar-lhe a morte.*

GLOSA

Eu blasonei longamente
 De isempto e era chamado
 O mortal afortunado
 Porque vivia contente;
 Eis que um dia de repente,
 Meus prazeres fim tiveram,
 Os teus encantos me deram
 As leis de amor e ternura,
 E o fim à minha ventura,
Teus lindos olhos puseram.

Tendo assim perdido a paz,
 Não sossego um só momento:
 Flagela-me o pensamento,
 Nada enfim me satisfaz,
 Nem sempre o ver-te me apraz
 Porque tu me dás a ter:
 Devo conter o transporte
 Que amor em mim faz nascer,
 Dize, que serve viver
Meu coração desta sorte.

As vozes do coração
 Por meus lábios sair deixa,
 Mas minha desgraça fecha
 Teus ouvidos à razão;
 Se ele há de nutrir em vão
 De amor paixão indiscreta,
 Se há de assim tocar à meta
 De toda a infelicidade,
 Não tenhas dele piedade
 Cravar-lhe mais outra seta.

A compaixão, bela ingrata,
 Ao amor não faz venturoso,
 Um estado duvidoso
 Aflige, cansa e maltrata,
 Da vida as prisões desata
 De um coração, não te importe
 Que ele sofra o final corte,
 Pois que este mal é menor,
 Viver penando é pior;
 Acaba de dar-lhe a morte.

MOTE

*Dom Pedro, assombro do mundo,
 É do Brasil rima glória.*

GLOSA

Oh! Razão, eu me confundo
 A vista de tal grandeza!
 É pasmo da Natureza,
Dom Pedro, assombro do mundo.
 Sábio, valente e jucundo,
 Faustosa faz nossa história;
 É de estupenda memória
 O nosso Augusto Imperante,
 Do trono é base garante,
É do Brasil prima glória.

MOTE

Se for ingrata comigo.

GLOSA

O ardor do sol brilhante
 Cresta a delicada flor,
 Mas este mesmo calor
 A torna mais verdejante,
 Assim de Armia o semblante
 Dá tormento e dá jazigo.
 Serei feliz se consigo
 Seus doces mimos gozar,
 Infeliz hei de acabar,
Se for ingrata comigo.

MOTE

*Triste e cada vez mais triste,
 Eu sinto o meu coração.*

GLOSA.

O meu peito não resiste
 Ao tormento da saudade;
 Sim eu vivo na verdade
Triste e cada vez mais triste.
 Em voar minha alma insiste
 À luminosa mansão
 Onde existe essa porção
 Que o Céu me fez pertencer:
 Já bem disposto a morrer,
Eu sinto o meu coração

AO MESMO

É um mal que em mim existe
 De grandeza transcendente,
 Estou efetivamente
 Triste e cada vez mais triste.
 Grande Deus! Tu me excluíste;
 Sou feliz... porém não,
 Eu pressinto a tua mão
 Que me afaga e me vigora;
 Menos aflito que outrora
 Eu sinto o meu coração.

DÉCIMA

Aceita os puros louvores
 Que te rendo neste dia,
 Pois de teu rosto a magia
 Deleita mais do que as flores.
 Virtudes , graças e amores
 Coroam tua lêda frente;
 Digna filha, sê contente
 Junto a teus pais virtuosos,
 E os teus anos preciosos
 Sejam de prazer ingente.

MOTE

*Tremeram ambos polos
 Aos tristes sons de meus ais.*

GLOSA

Do Universo os vastos solos
 Sofreram agitação,
 E a voz de minha aflição
Tremeram ambos polos.
 Esses Deuses imortais
 Experimentaram fatais
 Emoções, que bem mostraram
 Que os mesmos Céus se abalaram
Aos tristes sons de meus ais.

QUADRA

*Sobre as asas do desejo
 Voa ao teu meu coração:
 Que liga em doces laços
 O amor e a gratidão.*

GLOSA

Minha amante fantasia
 Me apresenta a tua imagem,
 A quem tributo homenagem,
 Por força de simpatia;
 Bem que sofre ausência ímpia,
 Creio que teu rosto vejo:
 Vou dar-lhe o mais terno beijo,
 Sinto que deliro, oh! Dor
 E que assim me eleva amor
Sobre as asas do desejo.

Arranco do peito ansioso
 Magoados ais de saudade,
 Maldizendo a impiedade
 De meu fado sempre iroso;
 Vou então mais extremoso
 Jurar no altar da razão
 Dar-te firme adoração;
 E nesse feliz momento,
 Nas asas do pensamento
Voa ao teu meu coração.

Não temas, oh! Doce amada,
 Exclamo em vivo transporte;
 Seja qual for minha sorte,
 Seres por mim desprezada.
 A minha alma apaixonada
 Seguirá sempre teus passos;
 Tu viverás em meus braços
 Em teus braços viverei,
 Guardando somente a Lei
Que liga em doces laços.

Um ente e outro que faz
 De amor um todo perfeito
 Morando um noutro peito
 A suave, a doce paz.
 Se vivas provas me dás
 De simpatia afeição
 Na mais estreita união
 Felizmente viveremos,
 E por numes só teremos
O amor e a gratidão.

SONETO

Bem vindo sejas venturoso dia
 De jubilo e de paz, que nós gostosos
 Te saudamos com hinos sonorosos
 Gerados pela mais pura alegria.

Da bela, terna e singular Armia
 Tu vens marcar os anos preciosos,
 Outra vez te saudamos jubilosos,
 Bem vindo sejas venturoso dia.

Amizade e amor, ambos unidos,
 Armia enfeitam de viçosas flores
 Que no cíprio jardim tinham colhido;

E nós vendo seus dotes superiores,
 Ressoam vivas de prazer nascidos,
 Sinceros parabéns, puros louvores.

DÉCIMAS

A MESMA SENHORA

Armia, excelsa Heroína,
 Aceita o puro louvor
 De quem conhece o valor
 Dessa tua alma divina;
 Quem em teus dons imagina
 Dá-te, Armia, a preferência,
 Tu sabes por excelência
 Os corações cativar,
 E o dom de obsequiar
 Te eleva à grande eminência.

Eu que liberta vivia
 Sem temer de amor os tiros,
 Que zombava dos suspiros
 Que continuamente ouvia:
 Ai de mim! Quem tal diria?
 Já sinto de amor o efeito,
 E dentro do terno peito
 Clama aflito o coração;
 Eu te resistia em vão
 Deus de amor, eis-me sujeito.

OITAVAS

Oferecidas ao Ilmo. Sr. Bento Benedito de Almeida Batista Filho

Nos braços paternais, querido Infante,
 As minhas saudações benigno aceita,
 Bem que esteja de ti hoje distante
 Pensando em ti minha alma se deleita.
 A dita de beijar o teu semblante
 Seria para mim a mais perfeita;
 Mas como me a negou sorte mesquinha
 Eu farei em louvar-te a glória minha.

Da carinhosa mãe no amigo seio
 Volver tens visto três natais festivos,
 Sem que tenhas provado agro receio,
 Não são teus gostos vãos, nem fugitivos;
 Os que te hão dado o ser em doce enleio
 Por ti sentem afetos excessivos,
 E de puro prazer embriagados
 Fazem votos por ti aos Céus sagrados.

Da santa gratidão sacros deveres
 Também cumprindo estou neste momento,
 Submissa implorando ao Ser dos seres,
 Levanto as mãos, a voz e o pensamento,
 Rogando que venturas e prazeres
 Espalhe sobre ti do eterno assento,
 E que te faça na futura idade,
 Protótipo de sua Divindade.

Brilha, cresce, e prospera, Infante amado,
 Gozando sempre de teus pais o abrigo,
 Seus profícuos exemplos, seu cuidado,
 Te farão das virtudes sempre amigo;
 Quem por sábios conselhos é guiado
 Cauteloso evitar sabe o perigo,
 Ah! Que ser de tais pais um filho digno,
 É ter no mundo o mais feliz de

MOTE

*As cadeias da amizade
 São cadeias preciosas.*

GLOSA

A nossa felicidade
 Não faz só a formosura;
 Talvez deem maior ventura
As cadeias da amizade:
 Se às vezes uma Deidade
 Nossas almas faz ditosas,
 Não são menos deleitosas
 Da amizade as sensações,
 Também as suas prisões
São cadeias preciosas.

SONETO

Salve, Anália gentil, das Graças mimo,
Do Esposo amante encanto delicado,
Neste dia aos prazeres consagrado
Meu estro quase extinto reanimo.

Embalde alteio a voz que não exprimo
Em canto altivo o júbilo elevado,
Em que por ti meu peito hoje engolfado
Tanto anela subir do Pindo ao cimo.

Tão vasto assunto me perturba a mente,
E se em metro grandiloquo e profundo
O pudesse louvar fora contente.

Porém Anália, o dia teu jocundo
Cantar só pode Musa altipotente,
A quem é estilo alto e fecundo.

SONETO

Não pode o canto meu choroso e triste
Dignamente cantar-te, excelsa Diva,
O fado austero de tal bem me priva,
E a sua dura lei ninguém resiste.

Mas o desejo meu tenaz , insiste
Em decantar tua alma compassiva,
Já pressinto na mente a chama ativa
Que só no Olimpo fulgurante existe.

Mas como hei de cantar em lira pobre
Todos os dons da sábia natureza,
Que o pensamento meu em ti descobre ?

Tocar pudeste a meta da grandeza,
Publique os dotes teus engenho nobre
Que eu não devo tentar tão alta empresa.

À SENTIDA MORTE.....

SONETO

É morta! a filha terna, a esposa finda...
 A carinhosa mãe. Oh! Dor aguda !
 Como pudeste, atroz morte sanhuda,
 Roubar tão cara e preciosa vida ?

Já seu corpo dos mortos na guarida
 Em paz descansa, e a alma que se escuda,
 Com a virtude sublime que não muda,
 Impassível exulta a Deus unida.

Ao nada vovem sempre os bens mundanos,
 Do justo o prêmio está na Eternidade,
 É lúbrico o prazer entre os humanos.

Foi Maria de angélica bondade,
 No céu foi receber bens soberanos
 Com a coroa da imortalidade.

MOTE

*A sorte deu-me de rosto
 Quando feliz me julgava.*

GLOSA

Iam repletos de gosto
 Meus dias se deslizando,
 Amor me sorria ... quando
 A sorte deu-me de rosto.
 Desfez-se em real desgosto
 O sonho que me embalava,
 Doce paz de que gozava
 Roubou-m' a voraz ciúme.
 Desci da fortuna o cume
 Quem feliz me julgar.

AO MESMO

GLOSA

Veja contra mim disposto
 Amor a quem me votei,
 Para cumprir sua lei
A sorte deu-me de rosto.
 E com firme pressuposto
 Amor meu mal projetava,
 Da ingrata o peito minava,
 Paixão nefanda, indiscreta,
 Toquei da desgraça a meta
Quando feliz me julgava.

AO MESMO

GLOSA

Não é o meu mal suposto,
 É cruel realidade;
 Eu sinto que na verdade
A sorte deu-me de rosto.
 Cheia a taça de desgosto,
 A cruel me preparava,
 Vendo que traindo estava
 Em mim o inferno se gera,
 Ah ! quanto infeliz eu era
Quando feliz me julgava.

SONETO

Suspende os ais, oh! Musa, enxuga o pranto
 Em louvor deste dia venturoso,
 Vibrando lêda o plectro sonoro,
 Ensina-me a tecer festivo canto.

Audaz com teu auxílio a voz levanto,
 E transportada ao Pindo luminoso,
 Farei eterno o nome portentoso
 De Belmiro, se em verso posso tanto.

Porém em balde ufana pretendia
 Cantar de imensos dotes a grandeza,
 Não pode tanto a grata Poesia.

Forçoso é desistir de tal empresa,
 Só podemos, oh! Musa, neste dia,
 Render graças à sábia Natureza.

MOTE

*Nos olhos de minha bela
 Bebo porções de existência.*

GLOSA

Vejo luzir minha estrela,
 Mortal mais feliz não há;
 A minha ventura está
Nos olhos de minha bela.
 Puro amor por excelência,
 Ela me dá nova essência,
 E em Nume transformado
 Em seus dons todo elevado
Bebo porções de existência.

MOTE

*Embora murmure o mundo,
 O mundo me não conhece.*

GLOSA

Eu, razão, não me confundo,
 Tua luz me ilustra a mente;
 E se eu não sou delinquente,
Embora murmure o mundo.
 Do meu coração no fundo
 Ditosa paz permanece,
 Minha alma firme obedece
 Do dever à lei sagrada:
 Se o mundo me crê culpada,
O mundo não me conhece.

SONETO

Em amor fraternal embriagado,
 Meu terno coração, neste almo dia,
 Te saúda, e nas asas da alegria
 Anhela junto a ti ser transportado.

Mas se este bem me nega o duro fado,
 Em saudades absorta, a fantasia
 Me representa singular magia
 De tua meiga voz, de teu agrado.

Esvaecida a ilusão, cara Feliza,
 À ausência pago feudos bem tiranos,
 A saudade minha alma tiraniza.

Depois imploro os Deuses soberanos
 Cujo poder teus gestos diviniza,
 Que alonguem dias de teus faustos anos.

MOTE

*É preciso que eu procure
 A cruel riscar do peito.*

GLOSA

O céu ordena que eu cure
 As chagas do coração,
 Recobrar minha razão
É preciso que eu procure.
 A ingrata que se amargure
 Com o mal que a si há feito,
 Da traição o triste efeito
 Em seu desdouro há de ver
 Em quanto eu busco poder
A cruel riscar do peito.

AO MESMO

GLOSA

Não quer amor que eu misture
 A falsa com a fida amante;
 Banir do peito a inconstante
É preciso que eu procure.
 Com os males se depure
 O meu coração perfeito
 Que não infringe o preceito,
 Que amor aos mortais prescreve,
 Por isso é que espero em breve
A cruel riscar do peito.

SONETO

Salve, oh! Parati, lugar ameno;
 Salve, oh! Povo feliz, dócil e afável,
 Eu serei em louvar-vos incansável.
 Por vós votos fazendo ao céu sereno.

O ser que mundos cria com aceno,
 Que é terno, piedoso e imutável,
 A vossa dita faça perdurável,
 Pois que um bem me fizeste não pequeno.

Entre vivas de gosto eu vos bendigo,
 Oh! Gente hospitaleira, que haveis dado
 À vate desditosa um grato abrigo.

Em vós acha conforto o desgraçado,
 Ditoso Parati, puro Jazigo,
 Prospera e brilha, oh! Povo afortunado !

SONETO

Não é em metro grave e voz sublime,
 Que eu intento cantar teu gênio ingente,
 Minha lira ferida brandamente
 Sua fraca harmonia a custo exprime.

O Délio vate pois seu canto anime,
 Um estilo lhe de altiloquente,
 Do sacro fogo me ilumine a mente,
 A Musa, que a louvar-te não se exime.

Difundir-te quis ,Jové, seu tesouro,
 E pra mais abrandar teu injusto fado,
 Outorgou-te também a lira d'ouro.

Para que de fulgor abrilhantado,
 Teu estro emulando ao do Deus louro,
 Seja sempre no mundo celebrado.

SONETO

EM RESPOSTA AO PRECEDENTE

Cantarei teu louvor, gênio sublime,
 Subindo ao cume do *Parnaso* ingente,
 E junto da castália brandamente
 Repousando direi quando ele exprime.

Farei que a linfa divinal me anime,
 E o harmônico Deus todo eloquente,
 Ao mundo mostrará que a minha mente
 Ilustrar ele mesmo não se exime .

Franqueando-me Apolo seu tesouro,
 Dignamente cantar posso teu fado.
 Na ebúrnea lira marchetada de ouro.

Da sacra chama estás abrilhantado,
 E pelos coros desse Nume louro,
 Será sempre teu Nome celebrado.

SONETO

Se eu tivesse de Amfião o dom sagrado
 Que os aspérrimos rochedos encantava
 Levando-os após si; quando cantava
 E o rio parava arrebatado.

Se do Trácio cantor o sublimado
 Plectro sonoro que abrandava
 Das feras mais cruéis a fúria brava,
 Com ele fosse eu galardoado.

Em metro altissonante cantaria
 Os dotes de que tu és adornada,
 E contente meu peito exultaria.

Minha lira porém desafinada,
 E despida do estro da harmonia
 Reverente a teus pés se acha prostrada.

SONETO

EM RESPOSTA AO PRECEDENTE.

De santa gratidão, de gosto ingente,
 Não cabe o coração dentro do peito;
 Este, oh! Vate imortal, é campo estreito
 Para a que tu lhe dás glória iminente.

Os sons de tua lira refulgente
 Minha alma tem em êxtases perfeito!
 Teu mago canto jubilosa aceito
 Que o dom de eternizar tu tens na mente.

Irás comigo aos séculos vindouros,
 E a dita de ser por ti cantada
 Me adorna a frente de virentes louros.

Tua glória não pode ser murchada,
 Esgotando Minerva seus tesouros,
 Reverente a teus pés se acha prostrado.

MOTE

*A minha antiga alegria
 Bateu as asas, voou.*

GLOSA

A mortal melancolia
 Se arraiga no peito meu,
 Este lugar lhe cedeu
 A minha antiga alegria.
 Sem ela de dia em dia
 Mil males sofrendo estou
 Mal que a tristeza chegou
 A meu terno coração,
 A minha consolação
 Bateu as asas, voou.

MOTE

*Prenderam finos cabelos.
Pulsos que ferros quebraram.*

GLOSA

Minha alma estala de zelos
Alienou-se a razão
Desde que a meu coração
Prenderam finos cabelos.
Com fria indiferença vê-los
Podem os que nunca amarram;
Mas os que o amor se votaram
A tais prisões não resistem,
Imóveis nelas persistem
Pulsos que ferros quebraram.

MOTE

*O meu coração sensível.
Capaz de tanto não é.*

GLOSA

Do ciúme a mão terrível
O peito me dilacera,
Seus golpes já não tolera
O meu coração sensível.
Ingrato, como é possível
Quebrares de amor a fé;
Tua amante não é ré,
Nem violou de amor a jura;
Não que uma alma terna e pura
Capaz de tanto não é.

MOTE

Eu respiro mas não vivo.

GLOSA

Em trevas me vejo triste
Sem ter quem me aponte norte,
E quem se vê desta sorte
Não pode dizer que existe:
O meu peito mal resiste
Apesar tão excessivo,
Te só pressinto o motivo
De meu triste padecer;
Se a vida é doce prazer
Eu respiro mas não vivo.

Tenho perdido a esperança
De te tornar compassivo
Em teus rigores pensando,
Eu respiro mas não vivo.

Quem pode dizer que vive
Se se abrasa em fogo ativo
De amor sou vítima infausta,
Eu respiro mas não vivo.

Por amor em mágoa imersa,
Acho gemer lenitivo;
Só para sentir meus males
Eu respiro mas não vivo.

Queixas formar não pretendo,
De todo o alívio me privo,
Tudo sofrendo em silêncio,
Eu respiro mas não vivo.

Mortal que ao amor se não dobra
Nada tem de sensitivo;
Amei, e por ser amante,
Eu respiro mas não vivo.

MOTE

Lembranças de uma paixão.

GLOSA

Oh ! Fado, tu que gastaste
A minha consolação,
Porque não gastas também
Lembranças de uma paixão.

Oh ! Tempo, que tudo podes,
Apaga em meu coração
De amor sentimentos ternos,
Lembranças de uma paixão.

Quanto ao peito meu é grata,
Saudosa recordação !
Tem seus prazeres suaves,
Lembranças de uma paixão.

De meus olhos salta o pranto
Que guardava o coração,
Só vós causais este efeito
Lembranças de uma paixão.

Olhos sem luz, sem ventura,
 Onde se pinta a aflição,
 Sustem o pranto que geram
Lembranças de uma paixão.

Nas margens do Paraíba
 Dando à sua saudade expansão,
 Em minha ideia revolvo
Lembranças de uma paixão.

Junto de um par venturoso
 Em amena solidão
 Aumentam minhas saudades,
Lembranças de uma paixão.

Seus afagos contemplando,
 Sua ditosa união,
 Sinto que em mim mais de avivam
 Lembranças de uma paixão.

Ah! Fugamos deste quadro,
 Meu sensível coração,
 Para que da ideia se risquem
Lembranças de um paixão.

MOTE

Eu suspiro a todo o instante.

GLOSA

Ausente dos pátrios lares,
 Sempre aflita, sempre errante,
 Eu perdi todo o repouso,
Eu suspiro a todo o instante.

Sem ver, oh! Lilia engraçada!
 Teu angélico semblante,
 Por teus mimos, por teus dotes,
Eu suspiro a todo o instante.

Ausente do bem que adoro,
 Desprezada e sempre amante,
 Eu deliro, eu ardo, eu peno,
Eu suspiro a todo o instante.

Torno atrás porque receio
 Um passo seguir avante;
 E confusa e indecisa,
Eu suspiro a todo o instante.

Nas margens do Paraíba
 Que se ostenta sempre ovante,
 Merencória em ti pensando,
Eu suspiro a todo o instante.

De agros males rodeada,
 Saudosa longe do amante,
 Eu maldigo a minha sorte,
Eu suspiro a todo o instante.

Como triste prisioneiro,
 Como infeliz navegante,
 Sem esperança, sem rumo,
Eu suspiro a todo o instante.

MOTE

*Minha alma afeita ao pesar
 Estranha toda alegria.*

GLOSA

Tu pudeste atraiçoar
 O amor mais delicado,
 Só te apraz ver neste estado,
Minha alma afeita ao pesar.
 Podes, ingrata, fartar
 Em mim tua aleivosia,
 Pois tal sorte alicia,
 A mágoa, a minha alma pura,
 Que sempre entregue à amargura
Estranha toda alegria.

Sem jamais prazer gozar,
 Gemendo continuamente,
 Sofre a dor mais vivamente,
Minha alma afeita ao pesar.
 E não me atrevo aspirar
 Ver finda minha agonia,
 Pois que passo noite e dia
 Na mais acerba aflição;
 Enfim já meu coração
Estranha toda alegria.

Eu sei bem avaliar
 Quanto tua alma padece,
 Crê que teu mal reconhece
Minha alma afeita ao pesar.
 Te me custa a suportar
 A ideia da tirania
 Com que uma falsa ímpia
 Recompensa teu amor,
 Meu peito com tal horror
Estranha toda alegria.

QUADRA

*A causa de um pesar grande
 É melhor não referir,
 Porque a dor nunca se expressa
 Como se chega a sentir.*

GLOSA

Desprezo a filosofia
 Que é contrária à razão,
 Não pode o meu coração
 Alegrar-se com agonia.
 O estoico Zenon dizia:
 Que este meu mal não se abrande,
 Duro fado embora ande
 Meu peito forte a esmagar,
 Hei de sempre desprezar
A causa de um pesar grande.

Mas eu, Elmano querido,
 Não posso o mesmo dizer,
 Pois que não posso esquecer
 Penas que tenho sofrido.
 De enorme peso oprimido
 Vai meu peito sucumbir,
 Dos olhos sinto cair
 De contínuo rios d'água,
É melhor não referir.

Tem meus males tal grandeza
 É meu tormento tão fero,
 Que do bem já desespero
 E só me apraz a tristeza.
 Da minha sorte fereza
 Não pode haver quem impeça,
 Mas, porque razão começa
 Meu coração a queixar-se?
 Embalde fora cansar-se,
Porque a dor nunca se expressa.

Às vezes nossos semblantes
 De dor viva dão sinais;
 Suspiros, prantos e ais
 São disto provas bastantes.
 Os lábios balbuciantes
 Podem a custo exprimir
 A causa que destruir
 Nossa existência procura;
 Mas não se faz a pintura
 Como se chega a sentir.

DÉCIMA
 OFERECIDA À AUTORA

MOTE

Delfina, ente adorado.

GLOSA
 Delfina, na sociedade,
 Honesta e culta se mostra :
 A seus pés se curva e prostra
 Até mesmo a Divindade.
 Desde a sua tenra idade,
 É no mundo admirado
 Seu talento cultivado :
 Entre os sábios tem assento,
 De prodígios é portento
Delfina, ente adorado.

DÉCIMA

EM RESPOSTA À PRECEDENTE.

Brilhante na sociedade,
 Egrégio vate se mostra,
 Diante dele se prostra
 Apolínea divindade ;
 Mesmo na futura idade
 Será ele admirado :
 Tem as Musas cultivado,
 Entre elas tem assento
 Este tão raro portento
 Deve ser sempre adorado.

SONETO

Como vem majestosa a linda Aurora,
 Em carro de safira e do ouro ornado!
 Ufana-se de a ver, e transportado
 O Niterói do leito surge fora.

Enlevado na luz que o enamora,
 Saúda o dia sempre celebrado,
 Deixando de prazer maravilhado
 O Deus Netuno, que em seu centro mora.

Oh Princesa imortal, do mundo ornato,
 Teu faustoso natal, ledo, ridente
 Enche a todo Brasil de prazer grato.

O Fado me predisse, ele não mente,
 Que sendo tu de um Deus fiel retrato,
 Um futuro te espera refulgente.

VERSOS

Eu te saúdo, Sete de Setembro !
 Dia imortal na Brasileira história !
 Esta lembrança, caros patricios meus !
 Vos chama e une, bafejados da paz.
 No recinto da graças e prazeres !
 Com que vens celebrar tão justamente
 Da Pátria, do Brasil, o grande Dia !
 Qual ideia feliz me sobe à mente !

Em vendo-vos unidos e contentes,
Neste nobre edifício, cujo nome,
Celebrava pra sempre a Independência,
Do Brasil nossa pátria , e me recorda
A lembrança do Herói , que no Ipiranga
Quebrou nossas cadeias ! cujo grito
Do prata retumbando ao Amazonas,
Cimente e ergue o Brasileiro Império !
Verificando assim essa promessa,
Que Deus a Afonso, seu avô, fizera,
Lá no campo de Ourique, antigamente
Na fundação da Luza Monarquia.
Oh! Quanta gratidão, patrícios caros,
A Deus, e a Pedro, tributar devemos !
A Deus , que tal Herói nos dá, piedoso,
Capaz de emancipar-nos, defender-nos !
De nos fazer, com esplendor e glória,
Luzir entre as nações, viver com elas,
Pela paz e comércio ! Sim, a Pedro
Eterna gratidão votar devemos:
Que nos deu luz, que a justa liberdade
A par da indústria e do saber promove :
Que em vez de conquistar alheios tronos,
Com faminta ambição, os seus reparte
O poder dividindo a seus dois Filhos !
Qual o Herói, o rei, que generoso,
Deixe a outros, (sem sangue) a coroa augusta?
Pedro sim nos deixou; mas confiado
Deixa seu filho ao Povo Brasileiro!
Qual seguro penhor, com que assaz prova
O amor que consagra ao seu Império!
(Com feitos imortais que o Mundo admira)
Vai depois libertar a Pátria sua!
De quem ternos gemidos escutava,
Vendo em garras do abutre mais tirano
Padecer o morrer seus caros filhos !
O trono Português em fim liberta,
E nele colocou a excelsa Filha:
A paz ao povo seu restituindo,
Deixando então o mundo e a existência
Foi reunir-se, imortal Essência,
Onde a virtude a glória tem por prêmio,
Deixando-nos saudosos, quanto gratos!
E que fizestes, vós oh! Brasileiros?
Graças, louvores mil vos sejam dados!
Porque o tenro penhor do vosso Augusto
Afangastes piedosos! previdentes,
De varões probos, sábios rodeastes
O berço da Inocência; procurastes
A sua educação fazer completa;

Com cuidado guardando a tenra Planta
 De que por permissão de um Deus eterno,
 Colheis agora sazonados frutos
 De ventura, e de paz, apreciáveis :
 É por disposição da Providência,
 Que hoje vossa lealdade recompensa,
 Que em Pedro, deparou-vos digna prole
 Do Fundador do Império! em quem fulgaram
 Do Pai, da Mãe augusta mil virtudes !
 Um composto de raras qualidades !
 De amor, virtudes, de saber, bondade!
 Caráter generoso, justo, afável!
 Moderado e prudente! Digno Esposo,
 Bom Pai! Do Povo amado, qual o vistes
 E aqui o julgastes e conhecestes?
 Sustentando a moral é o próprio exemplo!
 O comércio, e ciências Benfazejos
 A par da paz nos povos difundindo.
 Na sua virtuosa excelsa Esposa
 Inda as bênçãos do céu, sobre vós pendem;
 Deus vos protege com a Egrégia prole
 Que além da educação, do sangue, e exemplos,
 Herdara de seus pais altas virtudes!
 Com que lá no porvir os brasileiros,
 Sejam felizes; quais agora o somos
 Deus dilate de Pedro a existência!
 Para glória do Império e glória nossa,
 A par da doce paz da Independência!

QUADRA

*Meu bom Jesus dos Aflitos,
 Nesse horror de angústia forte
 Que aterra ao ímpio, valei-me
 Na extrema aflição da morte.*

GLOSA

Senhor de imensa grandeza
 E incompreensível amor,
 Homem Deus, e Salvador
 De minha alma ao cume preza
 Alentai minha fraqueza,
 Perdoai os meus delitos,
 Colocai-me entre benditos
 Desse reino glorioso,
 Mostrai quanto sois piedoso
Meu bom Jesus dos Aflitos.

Eu que sempre desvairada
 Passei minha frágil vida;
 Que sendo por vós remida
 Foi ingrata e deslembrada,
 Deixei da virtude a estrada,
 Tendo a vaidade por norte.
 Ah! Bom Jesus! De que sorte
 Hei de implorar meu perdão,
 Para que me tenha então
Nesse horror de angústia forte.

A vossa vida, Senhor,
 Na cruz por mim tendes dado
 Ficando sacramentado
 Entre nos só por amor;
 Daí-me contrição e dor,
 De todo a vos convertei-me,
 Nessas chagas escondi-me,
 Não me abandoneis agora,
 E naquele final dia
Que aterra o ímpio valei-me.

Se na cruz agonizante
 Deixaste a virgem Maria,
 Para ser a mãe e guia
 Do pecador trepidante,
 Atendei, oh! Filho amante,
 A sua súplica forte.
 Mãe de Deus! Rogai de sorte
 Por mim ao vosso dileto,
 Que eu mereça o seu afeto
Na extrema aflição da morte.

SONETO

Se a mente juvenil não pode usada
 Dignamente cantar altas virtudes,
 Como a de agora frouxa em versos rudes
 Louvar as de uma alma bem formada?

Desce, Oh! Musa! Da olímpica morada,
 Preciso agora mais que tu me ajudes:
 Ajunta as belas flores com que iludes
 A velhice da lira malfadada.

Inspira ao peito meu canto divino,
 Com que possa em som alto e sublimado
 Um assunto cantar, tão nobre e digno.

Eu te saúdo, e do com sorte ao lado,
Vive Armia feliz, e o Céu benigno
Eternize o teu dia afortunado.

8.2 Tributo de Gratidão

TRIBUTO DE GRATIDÃO

Que ao generoso público desta capital, por ocasião do
Seu benefício no Teatro de São Januário, a 26 de maio
De 1840, oferece a desditosa autora

Eis-me outra vez, Congresso benfazejo,
Trazida pela mão da desventura
Ante vós, suplicando, e consternada
Procurando o sustento, a paz, a vida!
Ah! Se a todos pudesse, transportara
Aos seios de minh'alma sempre aflita!
Eu quisera, que vissem minhas dores,
E os sofrimentos meus, e meus martírios!
Mito a custo se estende a mão, que pede,
Quando a luz da razão na mente brilha.
Mas, que posso eu fazer? Fraca, nas trevas,
Sem gozar desse dom, que é quase a vida?
Sim, a vida o que é? é força, é gozo,
É a luz, que ilumina o espaço imenso.....
Quem não goza a brilhante primavera,
Aquele a quem diante de seus olhos
Todas as flores tem a cor da noite,
Para quem tintos são todos os frutos
Nessa cor tenebrosa, que me cerca,
Que não distingue as cores dessas aves
Que os ares cruzam, que nos ramos pousam;
Que as estrelas não vê, que não avista
Do Sempiterno esse cortejo imenso,
Milhões de mundos, que o espaço habitam:
Oh! Que isso não vê, nada avalia;
Tem só da vida a parte que não presta...
Mas, o que disse! Eu vivo: pois não sinto
Tão vivas impressões dentro em minh'alma?
E na mente não tenho essa centelha,
Esse fogo divino que me aquece?

Dentro em meu coração não sinto sempre
Esse foco de amor, que ao Céu me eleva?
Não envio ao meu Deus os puros hinos
Que por um mesmo impulso se originam!
E por ele, Congresso caridoso,
Que hoje aqui sobre mim com mão bem larga
Derramai valiosos benefícios.
Sois a imagem do ser Onipotente,
Que jamais abandona o desgraçado.
Tal como o desditoso, que nas ondas
Luta debalde com o furor do tempo,
E quando nos abismos vai sumir-se,
Mão salvadora rápido o aguenta,
E na próxima praia o arremessa;
Quando curvada ao peso da desgraça
A penúria, a indigência Mem combatem;
Quando angústias cruéis me dilaceram,
E a necessidade...(horror...) me abatem;
O vosso braço forte me alevanta,
E com esse ouro, cuja cor não vejo,
Me comprais muitos dias de ventura.
Sem vossa proteção já não vivera;
Vós sois a mão de Deus, eu , pois, a beijo:
A vossa caridade é meu abrigo,
A minha gratidão é todo o prêmio.

8.3 Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo reestabelecimento da paz, e da liberdade na sua pátria.

*Relação dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul,
em demonstração de seu jubilo pelo
restabelecimento da paz,
e da liberdade na sua pátria*

de Francisco Xavier Ferreira

(1834)

RELAÇÃO DOS FESTEJOS, QUE FIZERAM OS PORTUGUESES RESIDENTES NA VILA DO RIO GRANDE DO SUL, EM DEMONSTRAÇÃO DE SEU JUBILO PELO RESTABELECIMENTO DA PAZ, E DA LIBERDADE NA SUA PÁTRIA.

Vila do Rio Grande do Sul 1834. Tipografia de F.X.F.

Os Portugueses residentes na Vila de São Pedro do Rio Grande do Sul, ao receberem a fausta notícia de ter felizmente terminado a luta heroica e porfiada dos Portugueses livres contra o Tirano, e seus sequazes, acompanhados do Vice-Cônsul de sua Nação determinaram dar um jantar, e um esplêndido baile em demonstração de seu jubilo e entusiasmo por tão felizes acontecimentos, o jantar no dia 24 de Agosto. Aniversário daquele em que na incomparável cidade do Porto se levantou o grito, que despertou na Nação Portuguesa sentimento de seus direitos, dignidade, e glória, e da necessidade de uma nova organização social segundo as formas representativas; e o baile no dia 25 do mesmo mês, sendo depois adiado para o dia 26 por causa do mal tempo. Para o jantar foram convidados os Srs. Juiz de Direito Municipal, dos órfãos, os oito Juizes de Paz ajuramentados, Presidente, e Vereadores da Câmara Municipal, Comandante dos Municipais Permanentes, Chefes das Estações Fiscais, Párcos, e geralmente todas as pessoas investidas de autoridade publica; e em assim todos os Agentes Consulares; e foram igualmente convidados todos os Portugueses residentes nas Vilas de São Jose do Norte, e de São Francisco de Paula: para o baile convidaram-se as famílias Brasileiras e Estrangeiras das três Vilas, e suas imediações. No dia passado e hora designada, tendo não obstante o mal tempo concorrido grande número de convidados, foi o jantar anunciado por uma girândola de fogo, e uma salva de morteiros.

Servida a mesa convenientemente, em tempo oportuno foi pelo Vice-Cônsul Português, o Sr. Manoel Jose Barreiros, proposto o primeiro brinde á Nação Brasileira, Livre e Independente, o qual foi respondido por todos com o mais vivo entusiasmo, acompanhado do Hino Brasileiro, executado por uma excelente banda de Musica, para esse fim preparada, e foi também anunciado ao Publico por uma salva de morteiros. Seguiu-se o segundo brinde ao Sr. D. Pedro II., Imperador

Cônsul-Nacional do Brasil, proposto pelo mesmo Vice-Cônsul Português, e acompanhado de iguais demonstrações.

Os Srs. Antonio Jose Affonso Guimarães, e Manoel Gomes da Silva, vereadores da Câmara Municipal, Porfírio Ferreira Nunes, comandante da Guarda Nacional e Carlos Antonio da Silva Soares, oficial da mesma guarda, e Promotor Publico, propuseram incisivamente brindes aos Portugueses livres da opressão, aos seus libertadores, e outros no mesmo sentido, que todos foram geralmente aplaudidos, assim como os que logo propôs o Vice-Cônsul Português a Nação Portuguesa livre e Independente, a Sra. D. Maria II, Rainha Constitucional de Portugal, e as Nações cujos Agentes consulares estavam presentes, ou cidadãos que os suprissem. O Sr. Agostinho Brue, Negociante Frances, preponderando sucintamente a necessidade da harmonia entre as Nações livres e industriosas, propôs em seguida o brinde a amizade perpetua de todas as Nações livres da Europa e América.

O Bacharel Jose Marcelino da Rocha Cabral, uma das vítimas da perseguição, que se evadira de uma horrída masmorra para estas praias hospitaleiras, depois de um sucinto, mas enérgico discurso em que memorou a tendência, e movimento irresistível do espírito humano para a Liberdade, e para a Civilização de todos os Povos da terra: e pouco depois, fazendo precedentemente a animada exposição dos justificados motivos que operarão a separação da Grande Família Portuguesa acima dos prejuízos vulgares, os recíprocos interesses políticos, e industriais do Portugal e do Brasil, as suas mutuas e gloriosas recordações históricas; as suas particulares e fortes simpatias, sobre tudo depois do triunfo da Liberdade Portuguesa; e a necessidade de extirpar todo o gérmen de dissensão, e miseráveis rivalidades entre estas duas Nações; assim como de apertar, quanto for possível, entre Brasileiros e Portugueses os vínculos da amizade e fraternidade, propôs um novo brinde a perpetua e nunca perturbada amizade e fraternidade das duas grandes Nações Brasileiras e Portuguesa, Livre e Independentes. Seguiram-se outros brindes, todos a objetos Liberais, e todos repetidos com o mais pronunciado entusiasmo, e acompanhados do Hino Brasileiro, ou Português, segundo os objetos a que estão destinados.

Findas as cobertas do jantar, foram os convidados conduzidos a sala do “desser”, que era servido com suntuosidade, variedade, e gosto, sobre uma mesa de figura elíptica (emblemata da perfeição e igualdade relativas, como o circulo o “e” da

perfeição e igualdade absolutas), a qual tinha mais de cem palmos de circunferência, e era formada de duas partes em figura de ferraduras, as quais separadas deixavam livre passagem para o interior. No centro, mas com separação e espaço para poder passar-se em roda, sobre degraus, cujos ângulos eram voltados para as extremidades e aberturas laterais da mesa, e figuraram ser de mármore branco com veios azuis, era elevado em pedestal de que saía a Árvore da Liberdade, figurada por uma copada e frondosa laranjeira. Ao último degrau do pedestal era encostado de uma parte um quadro com a pauta das linhas do Porto, e abaixo esta inscrição:

Eis as linhas do Porto triunfante
 Da força, do terror, da ousadia;
 - Aqui (dirá pasmando o viajante)
 - Se deu o golpe mortal na tirania!!!

Na fase seguinte liam-se em um quadro os dois seguintes versos à memória dos dois primeiros Generais Libertadores da Pátria:

Villa Flor! Saldanha! A Vossa gloria
 Eterna brilhará na Lusa história!!

No lado oposto lia-se em outro quadro em honra ao exímio Diplomata, que tão sabidamente conduziu a empresa pelos meios da política, o seguinte dístico:

Palmella, qual nauta experimentado,
 Dos escólios salvou a Nau do Estado!!

Na última face do degrau aparecia a perspectiva da Ilha terceira com esta inscrição:

É esta a Terceira, Ilha afamada,
 Que as plantas não calcarão do tirano;
 Daqui saio mais pura, acrisolada,
 A gloria do Nome Lusitano!!!

Os intervalos entre os numerosos vasos de flores, e luzes, que ornavam, e iluminavam a base do pedestal, eram ocupados por pequenos quadros em que se liam as datas, e lugares mais famosos da história da regeneração, e da restauração da Liberdade Portuguesa. Nos quatro ângulos do pedestal viam-se quatro estatuas, figurando as quatro antigas partes do Globo, sustentando cada uma sua legenda, expressiva do sentimento que lhe inspirava aquele grande triunfo liberal. A América exprimia o seu jubilo, e justificado orgulho pelos seguintes versos:

Esta Planta dos lusos tão prezada
Do Rico Solo meu foi transplantada.

A Europa enunciava suas seguras esperanças de ser toda livre, e a influencia do triunfo da Liberdade Portuguesa nos destinos das Nações Europeias, desta maneira:

Toda livre serei de vis tiranos
Pois que livres são já os Lusitanos.

A Ásia, acordando do seu sonho letárgico, dava um sinal de vida social com a seguinte expressão:

O despotismo vil, que me entorpece,
Ao aspecto de Lísia estremece!

A África, sentindo o seu aviltamento, mas nem por isso indiferente á Regeneração Portuguesa, enunciava a impressão, que lhe fizera aquele glorioso exemplo, da seguinte maneira:

Até no peito meu reflete a chama,
Que o nobre Povo Luso tanto inflama!

Nos espaços entre os cantos do pedestal era de uma parte colocado um mecanismo, em cima da qual se via, em volto, uma figura, que representava o gênio da Lusitana, guardando um reservatório do sangue Português derramado na luta contra a tirania, e regulando uma lica do mesmo sangue, que com a mais perfeita ilusão parecia correr, e sumir-se para o pé da Arvore da Liberdade. Abaixo deste emblema, na face do pedestal, liam-se os seguintes versos:

Debalde intenta despotismo insano
A Árvore arrancar da Liberdade,
Regada com o sangue Lusitano
Froncosa durará na eternidade.

Seguia-se no outro intervalo do pedestal a efigie da Rainha D. Maria II., e abaixo esta inscrição:

Glória, e ventura o teu reinado
Dará, Rainha Excelsa, à Lísia aflita;
O Poder que nas leis é cimentado
É segurança dos Reis, do Povo é dita.

No intervalo seguinte era elevado em um bastão o barrete da Liberdade, sobre um cetro de prata, e a Constituição da Monarquia Portuguesa, significando que os Portugueses querem a Liberdade, não licenciada, mas regada segundo

aquele Código Fundamental, e forma de Governo adotada pela Nação. Correspondia-lhe no pedestal outra inscrição, ao mesmo tempo explicativa do objeto dos festejos, desta maneira:

Com júbilo festival solenizar
Os nobres feitos seus, foi dos Romanos;
O nosso assunto é maior, é celebrar
O triunfo liberal dos lusitanos.

Ultimamente no intervalo restante eram colocadas as Armas da Nação Portuguesa circundadas de ramos de louro; e abaixo, na face correspondente do pedestal, lia-se a seguinte inscrição:

As Lusitanas Quinas, tão famosa
Por feitos mais que humanos n'outra idade,
Ressurgem mais ilustres, gloriosas,
Inscritas no Pendão da Liberdade!

Do centro da árvore saia em todos os sentidos um intenso clarão, formado por um sistema de revérberos, para significar que a Liberdade se alimenta da ilustração, e ao mesmo tempo a difunde em todos os Povos da Terra. Dos ramos pendiam numerosas laranjas interiormente iluminadas, em cada uma das quais se lia uma palavra significativa de alguns dos frutos, ou resultados da Liberdade, = Ciências, Belas Artes, Civilização, Riqueza, Poder, Grandeza, Prosperidade, Agricultura, Comércio, Artes, Navegação, Melhoramentos, Segurança, Moral, Sentimentos, Costumes, Patriotismo, Virtudes, Heroísmo, etc, etc. Tais eram os frutos da Arvore da Liberdade, que terminavam, e completavam a alegoria, deleitando ao mesmo tempo a vista, e a imaginação. O momento em que os convidados foram introduzidos neste lugar, era capaz de compensar todos os horrores, e sofrimentos de uma aturada perseguição, e provou o poder mágico da Liberdade para excitar os sentimentos mais elevados, e as mais fortes emoções nas almas que não foram degradadas pelo servilismo. Dando-se mais alimento aos espíritos, do que sensações ao paladar, desenvolveu-se um entusiasmo superior a expressão. Novos brindes, novas saudações se ouviram de todas as partes, e todos á objetos dignos do homem livre, e das Nações Cultas. Então o mesmo Bacharel, Jose Marcelino da Rocha Cabral fez a sumária exposição do amor da Liberdade, da Constancia, do esforço, e do valor dos Portugueses, que vendo a Pátria escravizada por uma execranda traição, conceberão o audacioso e heroico projeto de libertá-la; para esse nobre fim se reuniram e um ponto no meio do oceano, e ali contrariados pelos

elementos, e pela política então retrógada e tirânica de todos os gabinetes da Europa(a ponto de verem d'aquela asilo do infortúnio e do heroísmo alguns de seus companheiros hostilizados, e vedados de desembarcarem pelas forças navais da primeira Nação Marítima) sem recursos, bloqueados, cercados de um arquipélago inimigo, ameaçados, e atacados por formidáveis forças do tirano, não soh! não sucumbiram, nem desesperarão da salvação da Pátria, mas guardaram ilesa a Liberdade, e a Honra Nacional; aniquilaram a expedição do déspota; libertarão os Açores; foram com a diminuta força de 7500 homens acometer o monstro no continente, senhor de todas as forças sociais, sustentado por mais de 80 ou 100 mil homens armados, e fanatizados, cercado do terror, e tendo os amigos da Liberdade, que não foram sacrificados nos cadafalsos, agrilhoados em masmorras, ou dispersos, e relegados; que superando todas estas dificuldades, depois da mais sanguinolenta e porfiada luta de quase dois anos, a braços com forças dezenas de vezes superiores, com a peste, e com a miséria, aniquilaram por fim o poder de usurpador, e restauraram a Monarquia, e a Liberdade Constitucional! Feita esta resumida mas verdadeira exposição, propôs o ultimo brinde aos Portugueses, que formaram a Monarquia Constitucional com feitos dignos dos mais belos e gloriosos tempos da Nação Portuguesa, e que não são excedidos por quantos aparecem na História do Gênero Humano; brinde que foi acolhido e repetido por todos com o mais vivo indizível entusiasmo.

Este Estado de verdadeiro êxtase durou até depois das 9 horas da noite, que os convidados se retiraram cheios de satisfação, e deixando não menos satisfeitos, e reconhecidos os Portugueses livres, e dignos da Liberdade.

No dia 26 teve lugar o baile, no mesmo edificio em uma espaçosa sala magnificamente iluminada, e mobiliada, e cujo pé direito tinha sido de propósito forrado, e pintado com as cores Nacionais Portuguesas. A muita chuva não embaraçou a concorrência de numerosas Famílias Brasileiras, e Estrangeiras, desejosas de partilharem o entusiasmo, e evasão de sentimentos liberais, que se manifestaram na primeira função; sendo sobre tudo notável o grande numero de Sras. Que concorrerão, todas vestidas e ornadas com o maior alinho, decência e gosto.

Chegado o momento da abertura do baile, foi pelos Mestres-Salas distribuído às Sras., e homens o Hino, que se segue esta relação, feito e impresso de propósito para o festejo; e executado por um excelente concerto de música sobre um magnífico coreto levantado no fundo da sala e acompanhado por todos em coro com vivo entusiasmo. Terminado o Hino, o Vice Cônsul Português levantou vivas à Nação Brasileira Livre e Independente, ao Sr. D. Pedro II, Imperador Constitucional do Brasil, à Nação Portuguesa Livre e independente, à Sra. D. Maria II, Rainha Constitucional de Portugal; e aos Heróis Libertadores da Nação Portuguesa; os quais foram repetidos por todos com o mais subido entusiasmo. Então a Sra. D. Delfina Benigna da Cunha, Brasileira, e Rio-Grandense, e já por suas produções poéticas bem conhecidas no Parnaso Brasileiro¹, recitou os três excelentes Sonetos, que também vão adiante publicados. Seguiu-se o Hino Brasileiro, que foi repetidos com igual entusiasmo, e seguido aos vivas, que levantou o mesmo Vice-Cônsul Português aos Poderes Políticos do Brasil, a Liberdade do Brasil, e a Liberdade de todos os Povos da Terra. O Sr. Antonio Joaquim da Silva Mariante, Cidadão, e Patriota Brasileiro, com o mais pronunciado entusiasmo levantou vivas a consolidação da Liberdade Portuguesa, e as vítimas da tirania, que vindo procurar asilo no solo Brasileiro simpatizarão com suas Instituições e progressos Liberais; vivas que foram retribuídos por um emigrado com outros a Nação Liberal, e Hospitaleira, que tão generosamente nos acolheu, e aos dignos Cidadãos Brasileiros que simpatizarão com a virtude, e patriotismo perseguido pela tirania. Depois d'esta correspondência de exaltado, e geral entusiasmo abriu-se o baile por uma contradança de 20 pares primorosamente executada; e terminada ela, foi franqueada para toda a noite a sala do deserto precedente jantar, mas de novo servido com o mesmo gosto e magnificência. Não é possível descrever-se a curiosidade e o vivo interesse com que Sras. e homens a porfia entrarão a observar os interessantes objetos, que simbolizavam um grande triunfo liberal; e menos as doces emoções, e a efusão dos mais vivos sentimentos patrióticos e liberais que sucederam a curiosidade.

Em toda a circunferência da mesa e emblemas, soavam os brindes, e os vivas à Liberdade, e aos Heróis que sustentarão os Brasileiros, os Portugueses, e os

¹ Referência ao Parnaso brasileiro ou coleção das melhores poesias dos poetas do Brasil, tanto inéditas, como já impressas, publicado por Januário da Cunha. Barbosa (Rio de Janeiro: Typ. Nacional, 1831), em que cita as poesias de Delfina Benigna da Cunha.

outros Estrangeiros, de diferentes Nações, patenteavam sem distinção esta cordialidade, esta pura satisfação que só podem inspirar os elevados sentimentos do Patriotismo e do amor da Liberdade. Nesta ocasião a Poetisa Rio-Grandense glosou a quadra inscrita no pedestal – Debalde intento despotismo insano, - nas quatro oitavas que adiante se lerão, e que provão ao mesmo tempo, que o gênio, e o vigoroso sentimento do amor da Liberdade são um dom exclusivo sexo mais forte. Depois glosou também, nas quatro décimas que igualmente vão adiante publicadas.

Voltando as Senhoras, e convidados à sala do baile, sucessivamente foram executadas diferentes danças, só interrompidas pela música oral de algumas Senhoras, que cantaram ao piano; mas este interessante entretenimento não ocupou tão exclusivamente as atenções, que o lugar onde se viam os emblemas da Liberdade não fosse constantemente frequentado por grande número de pessoas, que não se saciavam de contemplar, já o preço que custa aquela Arvore preciosa, já a riqueza e mais subido valor de seus frutos, já finalmente a gloria dos Heróis, que com tantos sacrifícios a salvaram dos embates e golpes do mais feroz tiranos; e os lugares e dias gloriosos, em que os Liberais Portugueses colheram os louros, que nem o tempo, nem a morte fará murchar. Assim se passou esta noite deliciosa, terminando o baile depois das 6 horas da manhã por uma contradança de 16 pares, seguida do Hino da Rainha Constitucional, e separando-se as famílias, e convidados, como a seu pesar, deste lugar, em que o pensamento, a imaginação e os sentidos simultaneamente gozaram a mais viva, e pura satisfação.

Contemplem os déspotas, e os vis escravos que os sustentam, esta fiel mais incompleta descrição de um patriótico festejo de Cidadãos, que se achavam a duas mil léguas da sua Pátria: conheça a força do entusiasmo Liberal, que nem as perseguições, nem a ferocidade, nem a extensão do Oceano podem enfraquecer; comparem com esta festa sentimental as suas pompas triunfais, que soh! fazem gemer a Humanidade; vejam as simpatias, que os trunfos da Liberdade despertam em todos os Povos, em todos os climas, e em todas as Regiões do Globo; e desistam de seus projetos tirânicos, como de uma quimera no século da ilustração: ou aliás a época chegará, em que hão de baquear de seus tronos vacilantes, só firmados na ignorância, na miséria, e na opressão, as quais brevemente há de por termo o progressivo e irresistível movimento do espírito Humano.

"Hino Liberal

Lísia, que outrora foi grande
Em virtude, é valentia,
Hoje é maior, mais famosa,
Debelando a Tirania

Exultai, à Lusitanos,
Já livres sois da opressão:
Vossos pulsos já não cingem
Os ferros da escravidão

Por esforço sobre humano,
Sucumbiu o despotismo:
Gloria seja tributada
Ao Lusitano Heroísmo

Exultai etc:

Debalde o pérfido insiste
Na cruel ferocidade,
Dissipa as trevas do crime
O clarão da Liberdade.

Exultai etc.

Mais que exílios, cadafalsos,
Inventos da iniquidade,
Pôde em peitos valorosos
Sacro amor da Liberdade.

Exultai etc...

Não valeu contra a razão
Da tirania o poder;
Por que os Lusos jurarão
Cu triunfar, ou morrer
Exultai etc.

Como o sol, q' d'entre as nuvens
Sai mais claro, e radiante;
Assim surge a Liberdade,
Da opressão, triunfante.

Exultai etc.

Ímpia, execranda facção,
Já teu império expirou!
A aurora da Liberdade
Na Lusa Pátria raiou!

Exultai etc.

Brasileiros, que dos déspotas
Abominais a maldade,
Alegrai-vos: um triunfo
Conta mais a Liberdade.

Exultai etc.

Entre Lísia e o Brasil,
Reinará sempre harmonia:
Ambas protestam fazer
Dura guerra à Tirania

Exultai etc.

Povos oprimidos, que os ferros
Inda arrastais dos Tiranos,
A ser livres, a ser homens,
Aprendeis dos Lusitanos!

Exultai etc.

SONETOS

Nebulosos tempos de terror d'espantos!
Parabéns, oh! mortais, já são passados;
Da Lusa gente os feitos sublimados
Cantar quisera mais não posso tanto.

Banhando as faces de prazer em pranto
Os Lusos vejo todas transportados,
Dirigindo mil votos inflamados
Ao puro, ao justo Céu, sereno, e santo.

O Português renome hoje revive;
Triunfou a razão, a Liberdade,
Ninguém oh! Lísia de seus bens deprive.

Das trevas dissipou-se a densidade;
Mais e mais em teu seio a luz se ative;
Não triunfe de ti a iniquidade.

*

Maria Excelsa! Se a palavra – Glória –
Foi ao teu nome desde a infância unida,
Não podia oh! Rainha Esclarecida,
Negar-te o Céu, que é justo, alta vitória.

Com pasmo se há de ler na Lusa história,
Por famosas ações enobrecida,
O teu nome imortal, e a parca infida
Não tentará cortar vida na história.

Ao ver-te, oh! Diva, o bárbaro recua,
Não ousa executar terríveis planos,
O teu valor destrói a força crua.

Por glória sem par dos Lusitanos,
Por honra imortal da Pátria tua,
Os teus feitos serão mais do que humanos.

*

Cintila o facho da Razão Celeste
Marulha o Tejo, o Douro, O Guadiana;
Alvoroça-se a gente Lusitana,
E de ingente heroísmo se reveste,

Ao fim, oh! Lísia, triunfar pudeste
 Da opressão mais cruel, e mais Tirana;
 Ao traves dos perigos sempre ufana
 A gloria antiga reviver fizeste

Alvorou-se o pendão penhor sagrado,
 Que aos Povos traz feliz tranquilidade,
 E o ferro cetro foi despedaçado,

Ergue-se um novo altar à sã verdade,
 Ordem por destra mão está gravado
 = PATRIA, CONSTITUIÇÃO, E LIBERDADE =

*

*Debalde intenta o despotismo insano
 A Arvore arrancar da Liberdade;
 Regada como sangue Lusitano
 Frondosa durara na Eternidade.*

Lísia, Pátria de heróis, exulta canta,
 Ao brilhante clarão, que te ilumina;
 O nobre esforço teu ao Mundo espanta,
 E com olhos atentos te examina.
 Ressurgiu a verdade sacrossanta,
 O erro, a fraude vil não a domina;
 Subjugai-a de novo ao seu engano,
Debalde intenta o despotismo insano.

Ouviu o Douro o grito insinuante,
 Que a Livre Nação Lusa articulava;
 Da Liberdade a Planta vicejante
 Na Terra fecundar principiava,
 Contra Ela ímpio monstro devorante,
 Com indomável fúria se arrojava;
 Mas em vão pretendeu sua maldade
A Árvore arrancar da Liberdade.

Planta, Planta querida eu te saúdo,
 E lá, bem como aqui, prospera e cresce,
 Longe de ti Bóreas carrancudo
 Do despotismo audaz que te murchasse;
 À vista de teus ramos fique mudo
 Aquele que teus frutos desconhece;
 Não sejas mais por mãos d'ímpio Tirano
Regada com o sangue Lusitano.

Eis, oh! Lusos, por mão do Onipotente
 Arrigada na Terra a planta amena;
 Para estender seus ramos docemente
 Toda a extensão do Globo acha pequena.
 O Tejo ovante em límpida corrente
 Arrega com a linfa mais serena;
 E esta Arvore tão precisa a Humanidade
Frondosa durará na Eternidade

*

*Debalde o tirano insiste
 NA cruel ferocidade,
 Dissipa as trevas do crime
 O Clarão da Liberdade*

Lísia sofreu com bem custo
 O mais atroz despotismo;
 Porem com nobre heroísmo
 Debelou o monstro injusto:
 Livre do pálido susto
 Agora tranquila existe,
 Heroica e firme persiste
 No sistema liberal;
 E no projeto infernal
 Debalde o tirano insiste

Já não é infausta presa
 Lísia do ímpio Miguel;
 Desse ente o mais cruel
 Que desonra a natureza.
 Do Tirano tigre a fereza
 A sua igualar não há de;
 A voz da doce piedade
 Ao coração não lhe fala;
 Um leão não o iguala
 Na cruel ferocidade.

Por toda a parte espalhando
 A morte, a desolação,
 Parecia que a Razão
 Ia-se em Lísia apagando;
 Mas Jové seu braço alçando
 Contra quem o Povo oprime,
 O terror da morte imprime
 No coração do traidor,
 E da razão o fulgor
 Dissipa as trevas do crime

Foge o monstro exasperado,
Os Lusos em paz deixando;
E leva ódio nefando
Dentro em seu peito abafado;
Já então tinha raiado
A pulera luz da verdade;
Desopressão a Humanidade
Mil votos dirige ao Céu
Pois rompem do erro o véu
O clarão da Liberdade

RIO GRANDE – TYPOGRAFIA DE F.X.F. 1834

RELAÇÃO dos festejos, que fizeram os portugueses residentes na vila do Rio Grande do Sul, em demonstração de seu júbilo pelo restabelecimento da paz, e da liberdade, na sua pátria. Rio Grande: Tipografia de Francisco Xavier Ferreira, 1834. 15p. Disponível em www.ila.furg.br/fontes. Acesso em 19 jun. 2009.

Obra transcrita e atualizada por Ana Cristina Pinto Matias, graduanda do curso Letras Português da Universidade Federal do Rio Grande, em Setembro de 2008.

8.4 Correspondência enviada por Delfina Benigna da Cunha ao jornal Diário do Rio Grande, publicada no dia 11 de maio de 1849

DIÁRIO DO RIO GRANDE. FOLHA COMMERCIAL E POLITICA.

SEXTA FEIRA 11 DE MAIO DE 1849. NUM. 167.

Propriedade da Tribuna de A. J. C. Direção n. 180.

ASSINATURA. 12\$ 000. 6\$ 000. 3\$ 000. Numero avulso 80 réis.

PARTIDA DOS CORREIOS. Porto Alegre, Rio Pardo, S. Leopoldo, Caroches, Trípungo, Cruz Alta, Santa Antonio da Patrulha, S. Gabriel, Alegrete — todas as terças feiras e sábados. S. José do Norte, todos os dias. Pelotas, nos dias de saída de vapor. Jaguará, idem.

Os annuncios que não forem pagos adiantados serão publicados quando puder ser. VAPORES A SAHIR. Tinha os Santos, para o Rio, quando chegar a mala de Porto Alegre.

MAS DATAS. — EXTRA. 23 de abril. Pernambuco 3 de abril. 26 de maio. Rio de Janeiro 28 de abril. 31 de maio. S. Paulo 1 de maio. 3 de maio. Santa Catharina 25 de abril. 5 de maio. Rio de Janeiro 28 de abril. 8 de maio. S. Paulo 1 de maio. 11 de maio. Rio de Janeiro 28 de abril. 14 de maio. S. Paulo 1 de maio. 17 de maio. Rio de Janeiro 28 de abril. 20 de maio. S. Paulo 1 de maio. 23 de maio. Rio de Janeiro 28 de abril. 26 de maio. S. Paulo 1 de maio. 29 de maio. Rio de Janeiro 28 de abril. 31 de maio. S. Paulo 1 de maio.

DIÁRIO.

Ilhas que a opposição almeja na incia do Rio de Janeiro, — o Cordeiro e o Flammeuse — designadas nos meios que até aqui tem empregado contra o governo actual, e ultimo aos boatos de crise, que é da por todas as opposições quando secca eleitoral.

o Correo Mercantil: Ha dias de alguma importancia, e entre a credibilidade, da dissolução ou gloriada. Não sabemos que fundações rumores; mas o que é certo é de os ministerios dão-lhe força, e do governo, que são tão importantes os recursos que possam abarcar os seus fiduciosos, e guardam a silencio que já parece por demais luto de proposito, correndo lá ditos nos três laos, e com mais vigor que não viessem logo, todos estes usufructuários do piaz, dizendo finar mandar pelo paquete de norte esse terrivel e desconsolador angos do governo. O paquete, me-vente salir hoje, e portanto não leve de nossa folha.

o Correo Mercantil publicou-se tarde d'apelle mesmo dia (segunda do Tarde) sahia para o norte o em mal especial das provincias o mandador annunciou, os boatos, as tantes!...

porém foi ainda mais explicito, da escola do senador pelo Maranhão boatos de crise: com aquelles boatos estes; mas as ultimas noticias restabeleceram de novo a paz circularam com mais v. re-ecollida do presidente que deve festa era o motivo de tudo isso: um o Sr. Lopes Gama, outros o e Lacerda; mas além d'este, camuflado importante se assignalaram gabinete, e os Sr. João Paulo, ex e Pimenta Bueno eram apontados para o ministerio de Interior o Sr. vicentino de Macchi e do e do Brasil de 23 do passado.

Mercantil. — Tendo tido o poderio o allego que lhes deu a famo-danças ministerias, com que pro-ferido de facção redobrar as j. sa-erças, não quiz o Mercantil que os d'essa doce satisfação os cati-cas. Hontem pois, que tinha de para o norte, publicou elle a na-tio: ser desmentido cotinua-

mente pelos demais periodicos. A lembança não seria má, se esse vapor não levasse cartas, officios, e com os Mercantis, outras folhas que costumam andar mais bem informadas do que elle: a lembança não seria má, se um pelo logo desmentida pudesse seriamente alentar os anarchistas do norte... No estado porém em que tudo se acha, a engenhosa publicação do Mercantil apenas lhe serviria para mais lhe serem confirmados os foros de mentiroso-mór da imprensa fluminense, a que já tem tido incontestáveis direitos. Quis pôr-se capote, capist.

REVISTA DOS JORNALIS.

O RIO-GRANDENSE n. 463, do dia 8. Exterior. — Noticias da Toscana, extrahidas do Jornal do Commercio. Idem de Roma, idem. Relação do naufragio da barca americana Florida, idem. O Rio-Grande, — Di. as informações que obteve acerca do piaz Anglo-Americano. Idem do naufragio do piaz Obreira. Extrahidas das folhas do Rio de Janeiro até 28 de abril. A pedido. — O artigo do Porto-Alegre contra o administrador interino da mesa de rendas d'essa cidade. Commercio. — Arica maritimas. — Annuncios. — Movimento do porto nos dias 4, 5 e 6.

O RIO-GRANDENSE n. 464, do dia 10.

Luções. — Quarto minguinte a 13. Exterior. — As leis de navegação em Inglaterra, extracto do Jornal do Commercio. O ministerio francez e a assembleia nacional, idem. Protesto do gran-deque Leopoldo, a idem. Allemanha: Hamburgo, 11 do corrente, idem. Camera de commercio do Havre, idem.

O Rio-Grande. — Refere que cartas de pessoas fiduciosas da corte annunciaram a proxima demissão do Sr. José Joaquim de Freitas, do cargo de inspector da alfandega d'essa cidade. Por esta occasião o Rio-Grande teve grandes elogios ao Sr. Freitas, e manifestou sua desapprovação a esse acto do governo. Annuncia a chegada dos cantores italianos. Diz que o vapor Porto-Alegre não poderá seguir para a capital no dia 7, em consequencia de se lhe haver rebentado uma das caldeiras.

Da seguinte noticia, que para nós carece de confirmação. — No dia 7, de 10 1/2 horas da noite, 3 individuos encobertos pretenderam arrombar a casa do Sr. Manuel de Sousa e Azevedo. Aos violentos empurrões dados na porta, reatida o Sr. José Feliciano Bezerra, que dentro se achava, e abrindo-a de improviso viu rapidamente escapparem-se os individuos mal intencionados, que haviam querião sem dar-lhe penetrar a occultar no domicilio do Sr. Sousa e Azevedo, quem sahio para que fuz. (O Sr. Azevedo, desde muitos dias, está ausente da cidade.) Referiu-se a communicação de Jaguará, annunciando que na costa de Santa Maria assignaram a dois conductores de fazendas, que conduziam para Allemanha as cargas de Erlenauge: o assassino

cerrou-se. Em Candidata foram victimas o Sr. Pedro Aguiar e um peão, sem que até ao presente se tenham encontrado os seus cadaveres. Na villa de Bagé foi ferido com duas pauladas o Sr. Pedro Casavato, vindo d'aquelle logar. Acerca da correspondência inserida no Fluminense de 4 de abril, diz o Rio-Grande: Lemos o Fluminense de 4 do corrente, e nelle deparámos manifestos injustos e censura exagerada n'uma corte espaciaiva contra o resguardo padre Manoel José da Conceição Braga. Bem contido estamos que não se negaria elle como soternde em cumprir qualquer missão justa. Se isso n'essa occasião se mostrou escrupulosos, foi sem darvida por não se achar essa vez de accordo com o passo que o escriptor, por pensar mesmo que o piaz que se julicada dar equalia a uma illimitada imprudencia. Poderia estar em erro, mas era esta a sua opinião, e opõe-lhe já não se devem condemnar. Portanto o correspondente do Fluminense foi d-mistado injusto para com o reverendo padre Manoel José da Conceição Braga. — A isto é que se chama ser imparcial!...

Correspondencias. — Uma de Antonio José Caetano da Silva, pedindo a inserção do artigo do Diário do Rio Grande de 7 do corrente em resposta aos convicis e insultos do Porto-Alegre. A pedido. — A exposição do Sr. Joaquim Maria Veloso. Commercio. — Editores. — Arica maritimas. — Annuncios. — Movimento do porto nos dias 7 e 8.

CORRESPONDENCIA.

Sr. redactor. — Não podendo deixar em silencio tantas maravilhas do Ser Supremo, observadas por mim nos serros de Botucary e Santo Antão, dos quaes matham esse e aquas prodigiosas que lá admiráveis curas tido fe, em não entrar agoras, para que as publique no seu interessante diario; e principiarei por mim. Padecia eu uma enfermidade chronica de um sintro que soffria ha dezoito annos, o qual me causava dores por todo corpo, e soffrendo de mais a mais affecção no polmo; e em vinte e cinco banhos fizquei completamente sã, a ponto de parecer que não tive mais molestias.

São innumeráveis os prodigios que ali se admiram cada dia; porém direi só os mais notaveis. Um cego, por nome João Antonio, já de mais idade fei para ali conduzido pelo mio; e por d'is quatro mezes, se nasceu vendo perfeitissimo. Um mordor da Eucaualhada, por nome João, já desenganado dos medeiros por se achar no ultimo grau da tísica, a ponto de se dizer que não poderia fazer uma jornada de duas leguas, pedir que o levissem a Botucary, e ao quinto habito sentiu diminuir-se consideravelmente a tosse; o copioso sangue que deitava pela boca, e no espaço de tres mezes recuperou uma saúde tão vigorosa que o seu physico mostrava não ter soffrido o menor incommo.

Uma mulher, de quem por desceito não sei o nome foi para el. toli da de pernas e braços, tendo as mãos unidas nas humbras; e no terceiro banho sentiu-se descombarado d'este incommo de tal sorte que pôde cabir no serro. Também vi ali innumeráveis pessoas com papos já quasi estufados. Enfin, é impossivel de se ver tantas curas: ap-

riam poucos todos os jornales da provincia para annuciarem os factos que a Providencia Divina nos tem feito.

Inrulto aclarou um soneto, que terá a bondade de publicar. Foi composto por occasião de uma apparição extraordinaria de um passarinho no dia em que se celebravam missas. Tendo os padres recolhido as imagens do altar, entrou um passarinho muito alegre, cantando harmoniosamente; e inclinando-se ao lado direito do altar o beijo; quando depois até o tecto da casa veio d'ali para o meio da altar, fez a mesma reverencia: tornando outra vez para cima, praticou o mesmo no lado esquerdo do altar, sabendo pelo mesmo logar por onde tinha vindo.

Passados tres dias, ás 0 1/2 horas da noite, tendo-se acabado de rezar o terço, a que assistiram para mais de cem pessoas, entrou um laija-flor, e foi estender as suas azas sobre os braços da cruz do Senhor Crucificado, unindo-se com este; e voltando-se depois para uma imagem de Nossa Senhora. He fez os mesmos algos, e foi pensar ao mesmo logar onde o outro passarinho tinha pousado. Sendo examinado pela maior parte da gente que ali estava, se mostrava cada vez mais resplandecente, de maneira que mais parecia um anjo entre a terra, que um a si. Uma senhora, desejosa de o ter junto a si, orou a Deus lhe concedesse esta graça, e pegando em uma vela subiu em cima de um banco, e estendendo a outra mão o passarinho veio pousar sobre ella, deixando-a de tal modo-ir subletrada que rompeu em altas vozes invocando em seu auxilio a virgem Maria; e o passarinho tornou para Nosso Senhor e para Nossa Senhora, fazendo o mesmo que tinha feito á sua entrada áquelle logar, e voltou para o tecto da casa, onde se conservou até ás 11 horas da noite; e cahindo então uma grossa pancada de chuva, obrigou o povo a retirar-se deixando as lazes sobre o altar. Mas, como loubessee recio de que pudesse pegar fogo, voltou uma pessoa a apagar as velas, e já não estava o passarinho, que pareria ter escapado pela abertura do piaz. A este objecto fez o soneto de que acima falo, e é o seguinte:

Que assembly, que prodigio, oh Deus, em veja! Te vejo, que eu nem que me ensias honrosamente rezar a Deus Amén. O, si, a terra, o mar, e o ar, e o deepo?

Eu ali em tal estado fiquei Como sobre a altar fêto eu ficava, E ando sempre assim divina Resplandecente puz sobre o beijo. Divinal, incommo passavel, Quão angustia é esta figura! Como me está estalando com caridade!

Ab! li um pelo ar, dá-me a ventura De me que arde e não se queimava Da gloria inmensa que p'ra sempre dura!

Ha pouco dias sahi ler um artigo no Panorama, que trata do Pico de Atdio: este é bem semelhante ao nosso serro do Botucary, que tem como elle duas serros iguaes na forma, porém muito mais baixas, e um pouco inclinadas para o grande serro, mas o nosso Botucary não necessita de caldeas de ferro para subir-se, pois é todo guarnecido de grandes arvores, e nos logares onde é mais difficilissima a subida estão em distancia que bem se pôde pôr a mão.

Sr. redactor, se as por incalculas da terra mostram ter n'ella um logar santo dando-nos uma idéa clara de que elles reconhecem o poder do Ser Supremo, porque não acreditaremos nós que temos também na nossa provincia logares abençoado por Deus para irmos ali buscar saúde da alma e do corpo? Eu cá por mim creio pelo que experimentei: os meus factos o que quizere.

Passarei a dizer alguma coisa da fonte de Santo Antão, que meo verão é mais nem meos prodigiosos que a outra; mas, como a primeira descuberta, concorre ali maior numero de pessoas; e tres são as curas que ali se observam que o Dr. Thomaz Antunes de Albrade, grande satagiano do menço e das reas, no primeiro dia em que subiu o serro de Santo Antão, e examinou os doentes e os sbos, teceo aquellas aguas um elugio grande, que bem mostra ser dictado pelo seu sa-jo da guarda.

Deus, de nós compedeido, Por pidade expulso, Fez que um anjo descebrasse Agua sacra, milagrosa.

De longos eia e Senhor Deus do puro scitella, Que por bondade infinita Tem ao homem tanto amol: De ali gloria a honra De a terra jubila.

Beilho seja o Senhor Deus do puro scitella, Que por bondade infinita Tem ao homem tanto amol: De ali gloria a honra De a terra jubila. Pôz da espelra luminosa Nos de de saúde fozes, Pagando marcos dos moites Agua sacra, milagrosa.

Apontarei sómente de Santo Antão duas curatios, que vem a ser de um Belisario de tal, mordor dos Campos Neutras, de quem dizem os medicos que tinha um aneurisma no estomago: era tto forte a palpitação que soffria que, para poder conciliar um breve sono, era mister pôr-se de joelhos ao pé da cama para sobre esta comprimir o estomago e peito. Aus tesse banhos estava bom, e ao decimo-oitavo ou o vi partir para sua casa contentissimo.

O outro era um homem, de quem também não sei o nome: padecia de um cancro que lhe contra os olhos, nariz, parte do beijo superior e uma face, deixando o uso á mostra; e ficou completamente bom, usando pôr o barro sobre as chagas e tomando as aguas. Este homem ficou morando áquelle logar e por promessa que fez sobre ao serro todos os dias para ser visto de todos, julgando fazer uma confissão expressiva das maravilhas do Senhor. Louvado seja Deus em todas as suas obras.

Eu dei cento e tantas pessoas no arraial de Santo Antão, e quatrocentas em Botucary. Este numero bem prova a efficacia d'aquellas aguas. Todas as enfermidades ali são vistas, de sorte que é remedio para todos; porém não para aquellas doentes que não têm fé; pois Deus nos quer mostrar que elle é o verdadeiro medico.

A PEDIDO.

PROPAGANDA HOMOEOPATHICA NESTA CIDADE. CERA DE UMA FISTULA LACRIMAL, E ESCOPULAS. N. 77. — Julia, escrava, de idade 3 annos, tempo de parto 14 dias, e de parto 3 annos, tempo de parto 14 dias, e de parto 3 annos.

Desde a idade de 7 mezes principiarão a apparecer-lhe engorgitamentos nas glandulas que occupam as regiões lateraes do pescoço. A allopathia empregou fomentos, cataplasmas e emplastros, que cada um dos diversos medicos para isso consultados julgou mais conveniente; e todos não produziram alijam (como quasi sempre) e que os tumores arrebassam pela resolução.

Continuaram-se progressos, tornaram-se molles, e vieram á suppuração; os doentes que resultaram da abertura d'estes abscessos continuaram sua longa duração, e pelo decorrer do tempo, ainda para maior cumulo de soffrimentos appareceram também uma fistula terminal no olho esquerdo. Achar-se a este tempo a duente muito magra e abatida, a ponto de que o medico então assistente não quiz fazer-lhe operação da fistula, não só pela sua tenra idade, mas também porque o longo tempo de seus soffrimentos a tinha muito debilitada; circumstancias que lhe não davam garantia sufficiente para que colhesse um bom resultado. Na terra-

de todos as pessoas que a viam nousebundo possível, devido á da fistula e ulceras da pescoço, como ainda viva.

Foi em ultimo recurso submeo to homoeopathico; tomou sullar tanta felicidade que desde o quiti principiarão a apparecer melh que no espaço de 7 mezes, em o concorreu o abuso da dieta, ti completamente, e hoje goza um como se nada tivesse padecido.

Bem-tto seja Deus! só á honza reservado restituir á saúde uma achava perdida completamente cujos tratamentos applicados, justo medicinas applicadas a esmo e tidas doses, tem levado á suppul firmes; deixando outros atrain sua vida, como acontece com o phlo de quinina, cujas applica-ções a medicina causou outro peio de curar. São estes o outros effo-ctos, segundo o grau de dese-gam, se veem obrigados a pro-homoeopathia, que todas vezes e terribes soffrimentos, que temp-tissimos vezes por liam a mort.

Tempo que os povos se de-se-ty de milhares de factos, a tal passado entre nós, já não pôde fira de homoeopathia não se ve-curar.

Passarei agora em ultimo lo vantagens reciprocas dos duas ci-ades, para que o publico escarte melhor sa arafice.

O PERU' COMPENNAS DE I DALOSO PLAGIA'

Documento n. 1, da Are expozição feita ao pre-tron blico pelo l.º suppleto das pe do juiz municipal d'Ar-rá. J. n cidade, o Sr. Manuel Mano de Sousa e Azevedo. do l.º Debe de os conjun-Fran e rados, progredido a sua. obra m por trás da cor-ta, tentaram attar-lensor me com o mesmo libe-Babilio lo, em que cada argu-ções ro transformam n'um contra cavalleiro... Debalde; essa t porque não sou eu um forço Balhar de Babilonia, que m cartado de crimes contra Deus e contra o fest lomeno, nem esse pallo-que no tras do mesmo libello de-esta e forma d'ella d'4-6 prece quella que não teris- como vel cervetas nas paredes-las da sala do festim de Babilonia, thuar, annunciando d'ellas mismas condemnacão. Em d'Enl em sol com duas fe-pozias nissimas expozias — d' (Ca ração e a lei — vou appare-a gor os palatras dos mezes de 18 de-tre-toras. (1811.)

Haccedo algum, em o unico acreditar-me, e casurado as app-cho feito extensamente de algu homoeopathicos, com especiali-mente rheumatismo, recommendo a e queer que seja, que tenha a lund vol. do Trat. de moléstias chroni-212 e 213 in principi.

He o grande advantage a dissolução em effluvia á Prax mais ser que pariti qui est: pones moribundes. C'est même à creare l'efficacité des medecines quees d as seus: asistat: ehoron una gerisior bica plus rapide y mai: á les faire preder par la b. Allen d'isso, o effluvia de pa aquillo que a, e de tres annos applicado a homoeopathia, tant prorado sua efficacia. Parece-me que tenho mostra-

CORRESPONDÊNCIA ENVIADA POR DELFINA BENIGNA DA CUNHA AO
JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, PUBLICADA NO DIA 11 DE MAIO DE 1849²

Sr, redator. – Não podendo deixar em silêncio tantas maravilhas do Ser Supremo, observadas por mim nos serros do Botucaraí e Santo Antão, dos quais manam essas águas prodigiosas que tão admiráveis curas têm feito, eu vou narrar algumas, para que as publique no seu interessante diário; e principiarei por mim.

Padecia eu uma enfermidade crônica de um sirro que sofria há dezoito anos, o qual me causava dores por todo corpo, e sofrendo de mais afecções no pulmão; e com vinte e cinco banhos fiquei completamente sã, a ponto de parecer que não tive tais moléstias.

São inumeráveis os prodígios que ali se admiram cada dia; porém direi só os mais notáveis.

Um cego, por Nome João Antonio, já de meia idade, foi para ali conduzido pela mão; e passados quatro meses, se ausentou vendo perfeitamente.

Um morador de Encruzilhada, por nome João, já desenganado dos médicos por se achar no último grau da tísica, a ponto de se dizer que não poderia fazer uma jornada de duas léguas, pediu que o levassem a Botucaraí, e ao quinto banho sentiu diminuir-se consideravelmente a tosse e o copioso sangue que deitava pela boca, e no espaço de três meses, recuperou uma saúde tão vigorosa que o seu físico mostrava não ter sofrido o menor incomodo. Uma mulher, de quem por descuido não sei o nome, foi para ali tolhida de pernas e braços, tendo as mãos unidas aos ombros; e ao terceiro banho sentiu-se desembaraçada desse incomodo de tal sorte que pode subir ao serro.

Também vi ali inumeráveis pessoas com papos já quase extintos.

Enfim, é impossível descrever tantas curas: se viam poucos todos os jornais da província para anunciarem os favores que a Providência Divina nos tem feito.

Incluso achará um soneto, que terá a bondade de publicar. Foi composto por ocasião de uma aparição extraordinária de um passarinho, no dia em que acabavam as missões. Tendo os padres recolhido as imagens do altar, entrou um passarinho muito alegre, cantando harmoniosamente; e inclinando-se ao lado direito do altar o beijou; voando depois até o teto da casa, veio d'ali para o meio do altar, fez a mesma reverência tornando outra vez para cima, praticou o mesmo no lado esquerdo do altar, saindo pelo mesmo lugar de onde tinha vindo.

Passados três dias, às 9h30 da noite, tendo-se acabado de rezar o terço, a que assistiram para mais de cem pessoas, entrou um beija-flor, e foi estender as suas asas sobre os braços da cruz do Senhor Crucificado, unindo-se com este; e voltando-se depois para uma imagem de Nossa Senhora, lhe fez os mesmos afagos, e foi pousar no mesmo lugar onde o outro passarinho tinha pousado. Sendo examinado pela maior parte da gente que ali estava, se mostrava cada vez mais resplandecente, de maneira que mais parecia um anjo entre nuvens, que uma ave. Uma senhora, desejosa de o ter junto a si, orou a Deus, lhe concedesse essa graça, e pegando em uma vela, subiu em cima de um banco, e estendendo a outra mão o passarinho veio pousar sobre ela, deixando-a de tal maneira sobressaltada que rompeu em altas vozes invocando em seu auxílio a Virgem Maria; e o passarinho tornou para Nosso Senhor e para Nossa senhora, fazendo o mesmo que tinha feito à sua entrada n'aquela lugar, e voltou para o teto da casa, onde se conservou até às 11 horas da noite; e caindo então uma grossa pancada de chuva, obrigou o povo

² Jornal Diário do Rio Grande, ano 2, n.167, 11 de maio de 1849. p.1-2

a retirar-se deixando as luzes sobre o altar. Mas, como houvesse receio de que pudesse pegar fogo, voltou uma pessoa a apagar as velas, e já não estava o passarinho que parecia ter esperado pela ausência do povo. A este objeto fiz o soneto de que acima falo, e é o seguinte:

Que assombro, que prodígio, oh Deus, eu vejo!
É anjo, ave ou homem que me ensina
Homenagem render a Quem domina
O céu, a terra, o mar c'um só desejo?

Ei-lo ali com solícito festejo
Como sobre o altar ledó se inclina,
E aonde pousou hóstia divina
Reverente parece dar um beijo.

Divinal, inocente passarinho,
Quão angélica é tua figura!
Como me estás olhando com carinho!

Ah! Vem ao peito meu, dá-me a ventura
De contigo acertar esse caminho
Da Glória imensa que p'ra sempre dura!

Há poucos dias ouvi ler um artigo no *Panorama*, que trata do Pico de Adão: este é bem semelhante ao nosso serro de Botucaraí, que tem como ele dois serros iguais a forma, porém muito mais baixos, e um pouco inclinados para o grande serro; mas o nosso Botucaraí não necessita de cadeias de ferro para subir-se, pois é todo guarnecido de grandes árvores, e nos lugares onde é mais dificultosa a subida estão em distância que bem se pode por a mão.

Sr. Redator, se os povos incultos da terra mostram ter nela um lugar santo dando-nos uma ideia clara de que eles reconhecem o poder do Ser Supremo, porque não acreditarmos nós que temos também na nossa província lugares abençoados por Deus para irmos ali buscar saúde da alma e do corpo? Eu cá por mim creio pelo que experimentei: os mais façam o que quiserem.

Passarei a dizer alguma coisa da fonte de Santo Antão, que a meu ver não é mais nem menos prodigiosa que a outra; mas, como a primeira descoberta, concorre ali maior número de pessoas; e tais são as curas que ali se observam que o Dr. Thomaz Antunes de Abreu, grande antagonista do monge e das águas, no primeiro dia em que subiu o serro de Santo Antão, e examinou os doentes e os sãos, teceu àquelas águas um elogio grande, que bem mostra ser ditado pelo seu anjo da guarda.

Ei-lo aqui:

Deus, de nós compadecido,
 Por piedade espantosa
 Fez que um monge descobrisse
 Água santa, milagrosa.

A vista deste último verso, nada mais tenho a acrescentar: espero que o publique com a sua

GLOSA

Quantos males, quantas dores
 Acometem os humanos!
 Quantos tormentos e danos,
 Que terríveis dissabores,
 D'esta vida os amargores
 Nos tem a culpa trazido!
 Mas, se um ora arrependido
 O homem ao céu se prostra,
 Visivelmente se mostra
 Deus de nós compadecido.

Benefícios singulares
 Faz espargir sobre a terra.
 Manda a paz destrói a guerra,
 Adelgaça os densos ares
 Da vida os cruéis azares
 Muda em dita portentosa:
 D'esta todo mundo goza
 Que a ele tem recorrido,
 Tendo a todos socorrido
 Por piedade espantosa.

De longínquas terras vem
 Um eremita ilustrado,
 Que nos mostra o que há guardado
 O céu para nosso bem.
 À gloria de Deus convém
 Que fontes um monge abrisse,
 Que delas pura saísse
 Água de tanta excelência,
 Que um Deus por suma clemência
 Fez que um monge descobrisse.

Bendito seja o Senhor
 Deus do povo israelita,
 Que por bondade infinita
 Tem ao homem tanto amor!
 A ele glória e louvor
 Dê a terra jubilosa,
 Pois da espera luminosa
 Nos dá de saúde fontes,
 Fazendo manar dos montes
 Água santa, milagrosa.

Apontarei somente de Santo Antão dois curativos, que vêm a ser de um Belisário de tal, morador de Campos Neutrais, de quem diziam os médicos que tinha um aneurisma no estômago: era tão forte a palpitação que sofria que, para poder conciliar um breve sono, era mister pôr-se de joelhos ao pé da cama para sobre esta comprimir o estômago e peito. Aos treze banhos estava bom, e ao décimo oitavo eu o vi partir para sua casa contentíssimo.

O outro era um homem, de quem também não sei o nome: padecia de um cancro que lhe cometera os olhos, nariz, parte do beijo superior e uma face, deixando o osso à mostra; e ficou completamente bom, usando pôr o barro sobre as chagas e tomando as águas. Este homem ficou morando n'aquele lugar e por promessa que fez sobre o serro todos os dias para ser visto de todos, julgando fazer uma confissão expressiva das maravilhas do Senhor. Louvado seja Deus em todas as suas obras.

Eu deixei oitocentas pessoas no arraial de Santo Antão, e quatrocentas em Botucaraí. Este número bem prova a eficácia daquelas águas. Todas as enfermidades ali são vistas, de sorte que é remédio para todas; porém não para aqueles doentes que não têm fé; pois Deus nos quer mostrar que ele é o verdadeiro médico.

Sou, etc. – Pontal do Norte, 2 de maio de 1849. – DELFINA BENIGNA DA CUNHA.

8.5 Manuscritos de Delfina Benigna da Cunha

8.5.1 Eu no universo sem par

